

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

"DARWINISMO SOCIAL" E EDUCAÇÃO
NO BRASIL

ANTÔNIO CARLOS BERGO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1993

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

"DARWINISMO SOCIAL" E EDUCAÇÃO
NO BRASIL

ANTÔNIO CARLOS [BERGO ⁶/454

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por Antônio
Carlos Bergo e aprovada pela Comissão
Julgadora em 28-09-93

Data: 28-09-93

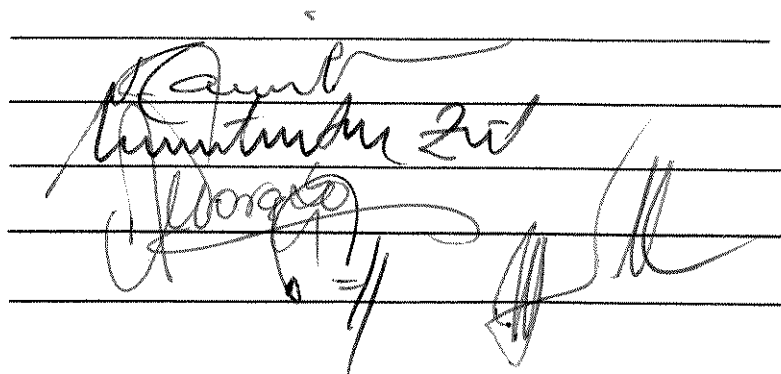
Assinatura: 

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1993

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do Título de DOUTOR EM
EDUCAÇÃO na Área de Concentração:
Filosofia e História da Educação à
Comissão Julgadora da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do Prof. Dr.
Hermas Gonçalves [Arana]

Comissão Julgadora

The image shows five handwritten signatures in black ink on a set of five horizontal lines. The signatures are written in a cursive, somewhat stylized script. The first signature is the largest and most prominent, followed by four smaller ones. The signatures appear to be of different individuals, likely the members of the judging committee.

Campinas - SP - 28/09/93

Agradecimentos:

Ao prof. Dr. Hermas Gonçalves Arana, que se dedicou à orientação desta tese.

À CAPES, pelo auxílio financeiro recebido e que possibilitou a realização da pesquisa.

Aos professores do Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal Mário da Andrade - SP, pela disponibilidade quanto à procura de livros raros.

Dedicatória:

A meu pai, de cuja presença me privei quando
realizei este trabalho

À minha mãe, que me mandou para a escola

RESUMO

A tese propõe expor as idéias européias que influenciaram o pensamento brasileiro e que conexão tiveram com a realidade que corresponde ao século XIX no Brasil.

As idéias européias de que falo são as desenvolvidas pelo darwinismo e como foi feito dele na própria Europa.

A 1ª parte trata das influências econômicas que tiveram influências em Darwin, Spencer e seus seguidores; e o que depois se convencionou chamar de "darwinismo social". É importante a presença de Spencer por ser um dos fundadores da sociologia como ciência e por ter organizado uma cosmovisão do estágio do capitalismo no século XIX.

a 2ª parte trata das influências deles na realidade brasileira e nos seguidores como Tobias Barreto, Sílvio Romero e Clóvis Beviláqua.

Foram estes que pensam em um novo modelo nas idéias do evolucionismo e na adequação do Brasil às novas mudanças mundiais.

A 3ª parte trata especificamente da obra pedagógica de Spencer resultado de sua cosmovisão geral. É a proposta e síntese de toda a nova educação liberal que chegam para superar a tradição obsoleta ao novo momento da história. Conclui pela influência na educação brasileira, no currículo das escolas e no pensamento de Sílvio Romero sobre a educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Origem do problema.....	001
2. Importância e evolução do problema.....	002
3. Delimitação e concretização do problema.....	003
4. Localização do problema.....	005
5. "Status quaestionis".....	007
6. Contribuição da abordagem.....	018
7. Método.....	018
8. Resumo.....	019

PARTE I

CARACTERIZAÇÃO DO "DARWINISMO SOCIAL"

INTRODUÇÃO.....	022
CAPÍTULO I - ORIGENS DO "DARWINISMO SOCIAL".....	024
1. O momento histórico.....	024
2. À procura da explicação do progresso: a ideologia.....	032
CAPÍTULO II - DO EVOLUCIONISMO A DARWIN.....	045
1. Origens da teoria da evolução.....	045
2. Importância de Darwin.....	051
3. O darwinismo de Darwin.....	056
4. Desdobramentos da teoria da evolução.....	066
CAPÍTULO III - HERBERT SPENCER.....	072
1. Herbert Spencer: contexto e teoria da evolução.....	072
2. Fundamentos da vida social.....	081

3. O progresso: sua lei e sua causa.....	089
4. A ética.....	100
5. A política.....	112
6. Desdobramentos da Europa: Ernst Haeckel e.....	
Rudolf von Ihering.....	125
CONCLUSÃO.....	129

PARTE II

O "DARWINISMO SOCIAL" NO BRASIL

INTRODUÇÃO.....	132
CAPÍTULO I - O MOMENTO BRASILEIRO DO "DARWINISMO SOCIAL"....	134
CAPÍTULO II - TOBIAS BARRETO.....	142
CAPÍTULO III - SÍLVIO ROMERO.....	157
CAPÍTULO IV - CLÓVIS BEVILÁCQUA.....	171
CONCLUSÃO.....	187

PARTE III

"DARWINISMO SOCIAL" E EDUCAÇÃO NO BRASIL

INTRODUÇÃO.....	190
CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO EM HERBERT SPENCER.....	192
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO E A REALIDADE BRASILEIRA.....	203
1. A educação em Sílvio Romero.....	203
2. Sílvio Romero e a reforma do ensino.....	
de filosofia do Colégio de Pedro II.....	213
3. Educação brasileira e contexto geral do liberalismo.....	218

CONCLUSÃO.....226

CONCLUSÃO GERAL.....227

BIBLIOGRAFIA.....232

INTRODUÇÃO

1. Origem do Problema

A temática, ora abordada, era embrionária no início da dissertação de mestrado; todavia, a opção por um estudo estrito do positivismo, dada a maior relevância no momento histórico, mudou a perspectiva. As preocupações de âmbito nacional deram o ensejo de reatá-la, pela sua pertinência na atual conjuntura.

Ademais, em um país onde a memória costuma ser curta, há a necessidade de buscar as fontes de nosso estágio atual, no sentido de esclarecê-lo. Compreender como o - passado solucionou os seus problemas pode ajudar a mostrar o que fazer no presente ou evidenciar os erros que podem ser desviados.

A modernização passada e a presente trazem questões como a atualização do país em relação ao que ocorre no mundo. Uma das mais discutidas, desde os fins do último século, é a da iniciativa privada com total liberdade,

controle do estado ou um meio-termo. Com isto, estamos dentro das opções – políticas do momento.

O contato com as várias disciplinas do doutorado, o diálogo com professores e colegas do doutorado, as leituras realizadas possibilitaram o amadurecimento da presente pesquisa.

2. Importância e evolução do problema

A modernização do Brasil, ao ocorrer de cima para baixo, evidenciou o país como um laboratório de planos e programas dos mais diversos matizes. É assim que a elite atuante brasileira se socorreu do que se considerava de melhor na Europa.

Se a presença de Augusto Comte pareceu relevante, no que tange aos vários aspectos da vida nacional, a influência do darwinismo, principalmente através de Spencer, deixou suas marcas de Norte a Sul do país.

Hoje, a evolução é tida como algo normal entre os povos, sempre associada ao progresso. No final do século XIX, entretanto, possuía a vantagem da novidade, sendo comum alguém gabar-se de ser evolucionista. Passou a ser instrumento de luta na economia (a defesa do liberalismo

econômico), na política (os liberais), na ideologia (contra o clericalismo), na estrutura social (defendido pela crescente classe média contra o parasitismo que a segurava). Outrossim, evolução significava que o país tinha que sair da estagnação e acompanhar o que se fazia pela Europa e pelos E.U.A..

O desenvolvimento científico foi um causador dessas ideologias, reagindo à visão de grandes sistemas especulativos como o de Hegel, produzindo-se uma ruptura. O critério passou a ser a ciência e as conclusões que dela pudessem ser tiradas.

O evolucionismo de Spencer foi exageradamente visto como uma variante do positivismo, julgamento que ele próprio refutou. As marcas, entretanto, são muito fortes, porque o cientificismo esteve presente em ambos. A mesma associação foi feita na intelectualidade brasileira, sendo alguns mais positivistas e outros mais spencerianos ou ligados a outros evolucionismos.

3. Delimitação e concretização do problema

Optou-se por um "leit-motiv" por todo o texto a ser desenvolvido, dada a vastidão do assunto e do que já foi publicado a respeito. Escolher Darwin e Spencer não foi

um fim em si mesmo, mas a fonte de onde saiu a onda que se convencionou chamar de "*darwinismo social*", de como a formação social brasileira assumiu essa questão do predomínio do mais apto, o que implicava o desaparecimento dos mais fracos. Por isso, foi necessário ir às origens e ao país que servia de modelo na época: a Inglaterra.

Ao se ler Darwin e Spencer, pretendia-se dizer que o modelo industrial inglês seria vantajoso, com todas as suas conseqüências na sociedade. Outros autores completavam a multiplicidade de leituras do momento. Era o que aparecia em Sílvio Romero, ao afirmar que não queria ser tolhido e aprisionado por nenhum sistema, mas ser livre.

O material pode ser encontrado, graças à efervescência cultural e a adesão ao evolucionismo, de forma geral na Faculdade de Direito de Recife, com ecos na faculdade de Direito de São Paulo.

A delimitação ocorreu após a observação da multiplicidade de escritos e do tempo vasto em que se sucederam.

Buscou-se uma concentração maior no período logo após o que se convencionou chamar de "*bando de idéias novas*", após 1870. Neste bando estava a leitura de Darwin, de Spencer, de Rudolf Von Ihering, de Haeckel, entre outros. A opção por eles, neste estudo, deve-se ao fato de se poder fazer a ligação com os brasileiros mais influentes e

característicos como Tobias Barreto, Silvio Romero e Clóvis Beviláqua. Sua obra prolongou-se pelo século XX, tanto em assuntos de ordem social, política, cultural, como educacional. Dados mais recentes mostram que a temática não se esgotou, como mostrou o Congresso do centenário da morte Darwin em 1982, além de outras publicações por biólogos e sociobiólogos. Aliás, a moderna sociobiologia está na ordem do dia, pelo destaque que se dá a autores como Konrad Lorenz, Edward O. Wilson, Richard Dawkins e Robert Ardrey.

Por isso, não se pode evitar uma abordagem às influências que a problemática do "*mais apto*" acaba gerando, como a própria defesa da idéia de individualidade pela diferenciação, o que implica conseqüências nas área pedagógica e no conceito do que seja a educação.

4. Localização do Problema

Quando hoje se dá importância a autores que estudam a formação do capitalismo inglês do século XVII, como Cristopher Hill e E. P. Thompson, não será a ânsia de conhecer a origem de nossa formação e o começo das grandes transformações que ainda estão ocorrendo no Brasil como industrialização, o cercamento de terras, a marginalidade, a crise moral, etc ?

Ademais, considera-se que em países como o Brasil o velho liberalismo não foi realizado ainda, evidenciam-se muitos contrastes e desigualdades. Em outros termos, a própria revolução industrial burguesa estaria para ser realizada. Se a revolução na Inglaterra atingiu a vida global dos cidadãos, Darwin realizou-a no campo científico e Spencer interpretou-a na visão geral da sociedade, com repercussões na Europa, E.U.A., Rússia e inclusive no Brasil. Significativa é a variante destas concepções, o "*darwinismo social*", pelo alcance longínquo, como mostra o estudo de Trinh van Thao no Vietnã e na Ásia nos anos trinta¹.

Spencer não foi lido só pela intelectualidade, mas também por capitães-de-indústria, com destaque aos americanos. Atesta-o a sua obra, O Indivíduo e o Estado, tida como o texto mais avançado no que se refere aos ideais liberais de defesa da individualidade, da liberdade e do capitalismo industrial².

1 Trinh van THAO, "Le darwinisme social et historique des années trente au Vietnam et en Asie", pp. 251-260. In: Yvette CONRY, De Darwin au darwinisme: science et idéologie, p. 251.

2 Cf. Herbert SPENCER, O indivíduo e o Estado, *passim*.

5. Status Quaestionis

Já Euclides da Cunha admitia que a grande contribuição das correntes européias que vieram ao Brasil, positivismo e evolucionismo, não foram princípios abstratos, mas as grandes conquistas liberais do século³.

A importância da educação no processo dessas grandes conquistas é referida por Marco Maciel quando fala de "uma velha idéia nova"⁴. Em outras palavras, "elevar a contribuição do investimento em educação para o desenvolvimento econômico"⁵. Se esta é uma questão do pós-guerra, quando se passa a falar em capital humano, ele mesmo lembra Leôncio de Carvalho em 1878 com uma proposta de reforma de ensino da corte "justificada a partir dos benefícios econômicos da educação"⁶. Lembra ainda de Rui Barbosa num parecer-projeto sobre o ensino primário, aparecendo a mesma idéia: "a educação popular seria, para ele, a mais criadora de todas as formas econômicas, a mais fecunda de todas as medidas financeiras. A produção seria um

3 Cf. Euclides da CUNHA, A margem da história, p. 308.

4 Marco MACIEL, Educação e liberalismo, p. 24.

5 Ibid., p. 25.

6 Ibid., p. 25.

efeito da inteligência, o crescimento do País estaria na dependência da instrução pública"⁷.

Nesse sentido, o neodarwinista Julian Huxley se refere à evolução como o que pode fazer compreender a necessidade da educação. É a idéia mais poderosa e mais compreensiva que já surgiu na Terra, porque "mostra-nos as tendências maiores da evolução no passado e indica-nos a direção de nosso curso evolutivo no futuro"⁸. O parâmetro deve ser a individualidade, com variedade na unidade por causa da visão humanista⁹. Mas adverte: é possível a igualdade ? Não são os educadores acusados de encorajar uma elite e ajudar novas diferenças de classe ? Do ponto de vista biológico, uma questão se impõe: "Isto terá que ser enfrentado. A natureza não é igualitária; as sociedades sempre terão que se estratificar de alguma maneira e que sejam chamadas de elite ou qualquer outra coisa precisamos das pessoas mais destacadas no topo"¹⁰.

Presentemente, outro evolucionista, Stephen Jay Gould, ressalta que "a teoria de Darwin não aceita princípios mais altos do que a busca individual em favor dos interesses próprios, ou seja, a representação de seus próprios genes nas gerações futuras"¹¹. Destaca que o mesmo problema foi enfrentado por Adam Smith quando este defendeu

7 Ibid., p. 25.

8 Julian HUXLEY, Ensaio de um humanista, p. 162.

9 Cf. Ibid., p. 174.

10 Ibid., p. 175.

11 Stephen Jay GOULD, Darwin e os grandes enigmas da vida, p. 93.

"uma política desenfreada de laissez-faire como o caminho mais seguro para uma economia harmoniosa. A economia ideal, dizia Smith, pode parecer ordenada e bem equilibrada, mas surgiria "naturalmente" do intercâmbio de indivíduos que não seguem outra trilha senão a busca de seus próprios e melhores interesses"¹². Assim, os interesses da sociedade também são assegurados, num processo simbiótico. Pode-se dizer que "Darwin enxertou Adam Smith na natureza para formar sua teoria da seleção natural..."¹³.

Um defensor do neoliberalismo muito atuante pelas pesquisas que vem fazendo no mundo inteiro, conferencista, em recentes visitas ao Brasil, Guy Sorman, fala em modernidade das idéias antigas. Afirma que o liberalismo moderno deve levar em conta que há desigualdades. Nada de negá-las ou mascará-las. "A atitude liberal consiste em deixar a sociedade funcionar naturalmente e em trazer uma ajuda direta aos que têm, realmente, necessidade dela. O desemprego, a pobreza, as deficiências físicas devem deixar de ser consideradas como doenças vergonhosas; o dever de solidariedade implica que, a título individual ou coletivo, seja encontrada uma resposta. Saber se compete ou não ao Estado remediar através de uma intervenção apropriada, é que deve ser, por excelência, o objetivo do debate político"¹⁴. Aponta os três princípios do

¹² Ibid., p. 93.

¹³ Ibid., p. 94.

¹⁴ Guy SORMAN, A solução liberal, p. 57.

novo liberalismo, que são: superioridade da ordem espontânea, desconfiança em relação à lei, dever de solidariedade¹⁵.

Nas suas viagens aponta que o liberalismo está bem vivo no mundo inteiro e que é necessário exorcizar os velhos demônios da esquerda, que a crise é falsa, que é preciso contestar contra a hierarquia e a burocracia, que os indivíduos agora se tornem mais autônomos e responsáveis. *"Todo discurso que colocava o povo, o proletariado, o trabalhador acima da pessoa, aparece como simplesmente em desuso. Inversamente, o pensamento liberal, centrado na iniciativas individuais e que interpreta a sociedade como o resultado dessas iniciativas, encontra uma atualidade nova"*¹⁶.

Anota os anos 80 como os anos da grande virada quase universal¹⁷. O mundo está, por isso, à procura de uma ideologia. E ela está aí. Grandes figuras são reabilitadas como Tocqueville e Hayek ou são enterradas como pompa como Raymond Aron. Textualmente afirma: *"Este liberalismo é, de certa forma, 'conservador'; busca suas origens nas tradições, na história coletiva, nas aquisições culturais. Conservadorismo e liberalismo tornaram-se hoje complementares; nem sempre o foram; no século XIX eram até*

15 Cf. *Ibid.*, p. 57.

16 *Ibid.*, p. 19.

17 *Ibid.*, p. 14.

mesmo contraditórios, o conservadorismo é uma atitude, o liberalismo é um projeto"¹⁸.

Liberalismo é, afinal de contas, o privilégio da pessoa humana sobre o Estado. Efetivamente, "não é só uma idéia antiga que está em vias de remoçar. é uma prática que meia dúzia de governos está realmente reivindicando"¹⁹. Aliás, adverte Sorman que sua obra A solução Liberal não é teoria, mas é ver como o liberalismo caminha, levando-se em conta a realidade. Existe além dos livros e discursos. Não pretende escrever só para a França porque há pontos comuns no Ocidente. "A problemática é hoje extraordinariamente homogênea no mundo ocidental; e as questões políticas, econômicas e sociais são, por toda a parte, colocadas em termos comuns. Nem sempre temos consciência disso, e, freqüentemente, nos persuadimos de que nossas interrogações só tem sentido no interior de nossas fronteiras. basta atravessá-las para verificar quanto o mundo desenvolvido pensa a mesma coisa, ao mesmo tempo, e quanto somos parte integrante disso"²⁰.

Robert Nisbet em sua História de Idéia do Progresso chama a atenção do leitor para o fato de que os expoentes do novo liberalismo tem Spencer em grande e explícita admiração²¹. Liga liberdade e progresso como

18 Ibid., p. 6.

19 Ibid., p. 6.

20 Ibid., p. 6.

21 Cf. Robert NISBET, História da Idéia de Progresso, p. 243.

ninguém²². Sua filosofia, no mundo inteiro, "contribuiu de forma poderosa para abalar as antigas doutrinas e práticas"²³. Passou a ser sinônimo de individualismo liberal. A sua frase "sobrevivência dos mais aptos" foi mais longe na interpretação popular do que realmente poderia dizer, e, daí, a acusação de que endossa a liberdade e, conseqüentemente, que os poderosos e ricos estão em seu devido lugar. Aliás, tal frase foi elogiada por Darwin²⁴. Não se pode deixar de ver o humanitarismo em suas obras, pois estava consciente dos males da época: "o aproveitamento, a espoliação, o esmagamento de tantas pessoas aptas e trabalhadoras, transformadas em classe de miseráveis, o esbanjamento dos novos ricos e seu típico desdém pela condição alheia"²⁵. Rejeita o Estado coercitivo em função do princípio de evolução adaptativa e do progresso, e da fé liberdade individual e responsabilidade, porque isto é evolução. O Estado coercitivo é retrógrado e não cabe mais na sociedade moderna, por isso, Nisbet é também visceralmente contra o socialismo, que considera um retrocesso.

Muito se tem falado de Darwin ter sido mediantemente a imagem do inglês classe média do século XIX, e, daí, ser identificado com os valores da burguesia e da sociedade industrial, e do repúdio que Spencer devota ao

22 Cf. *Ibid.*, p. 237.

23 *Ibid.* p. 238.

24 Cf. *Ibid.*, p. 240.

25 *Ibid.*, p. 240.

socialismo. Entretanto, no que se refere a Darwin não se pode dizer que não houve proximidade com o pensamento de Marx. Aliás não se pode falar da relação marxismo e darwinismo, sugere Régis Ladous na sua obra comparativa Darwin, Marx, Engels, Lissenko et les autres, mas de marxismos e darwinismos. "O plural se impõe, em razão mesma da duração do período", durante mais de um século²⁶.

Massimo L. Salvadori, escrevendo na coleção História do Marxismo, afirma que Kautsky chegou ao marxismo pelo darwinismo. "O encontro com Darwin lhe oferece não só uma concepção nova sobre a natureza e sua evolução, mas, em certa medida, também uma concepção da sociedade"²⁷. De Darwin, Kautsky tira a chave para compreender a evolução natural e o homem situado nela. Marx tira o meio para situar o homem em suas épocas históricas e econômicas²⁸. Interpreta não o Darwin como o burguês conservador e justificador da "luta pela existência, do primado dos fortes sobre os fracos, das classes superiores sobre as inferiores, dos povos desenvolvidos sobre os menos desenvolvidos"²⁹. Marx completava Darwin naquilo que este não explicava e nem era capaz de tanto³⁰. "A influência mais duradoura do darwinismo foi a 'teoria dos instintos sociais', que se tornou um 'leit-motiv' do pensamento kautskiano. A 'luta pela

26 Régis LADOUS, Darwin, Marx, Engels, Lissenko et les autres, p. 101.

27 Massimo L. SALVADORI, "Kautsky entre ortodoxia e revisionismo", pp. 299-339. In: Eric HOBBSBARN, História do Marxismo, v. II, p.305.

28 Cf. Ibid., p. 306.

29 Ibid., p. 307.

30 Cf. Ibid., p. 307.

existência', como Darwin lhe ensinara , era a luta em face da natureza travada pelas espécies singulares, mas não luta entre os componentes da espécie, em cujo interior se desenvolve um instinto de solidariedade. Não foi difícil a Kautsky, mas até natural, traduzir 'luta entre as espécies' por 'luta entre as classes', e 'solidariedade entre as espécies' por solidariedade de classe'"³¹.

Por outro lado, um Darwin sob a visão marxista de Marcel Prenant é percebido como ligado à burguesia progressista, que queria quebrar os entraves feudais ou religiosos. Sua validade é incluída na síntese científica de Marx e Engels, quando estabelecem "que o homem é um ser material, agindo por meios materiais sobre uma natureza material, que reage sobre ele, de modo que ela e ele evoluem juntamente, e têm uma história incessantemente nova. Nesta proposição, base do materialismo histórico, e por isso mesmo do socialismo científico, o marxismo desenvolveu e condensou os germes revolucionários na herança do grande Darwin"³².

Quanto à influência do evolucionismo no Brasil há a recente obra de Evaristo de Moraes Filho, Medo à utopia, o qual faz um estudo sobre Tobias Barreto e Sílvio Romero. Como o título o sugere, havia um receio à utopia, à revolução, e o trabalho desenvolvido pelos dois acaba sendo

³¹ Ibid., p. 305.

³² Marcel PRENANT, Darwin, p. 165.

parte de um realismo social. "Se nunca adotaram uma filosofia social maquiavélica, por outro lado, jamais chegaram ao pensamento utópico"³³. A opção de Tobias é pelo Partido Liberal e pensando que o lema da revolução francesa – Liberdade, igualdade e fraternidade – era fórmula pomposa da metafísica política³⁴. Entende a República como um organismo com morfologia simples, mais desenvolvida, com funções completas e rápidas, contrariamente à Monarquia anacrônica, com apêndices, funções morosas e incompletas. Esta é a sua visão biológica de sociedade³⁵, que não implica em mudança pela violência, pela negação total do estado anterior (*natura non facit saltum*)³⁶, à maneira de Haeckel. Socialismo é servidão enquanto oprime as inclinações naturais³⁷. Nada de utopias, mas tudo de realismo. Aí o seu "darwinismo social" enquanto "aplicado com rigor estreito às relações sociais, em termos de luta pela vida, deveria o darwinismo à sobrevivência dos mais fortes, à seleção dos mais aptos"³⁸.

Sílvio Romero, no estudo de Evaristo de Moraes Filho, embebido de prática política, opta, com mais veemência, pelo materialismo mecanicista, anti-romântico, cientifista, aplica as leis de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, e conclui pela causa de ser este um povo

33 Evaristo de MORAES FILHO, *Medo à utopia*, p. 68.

34 Cf. *Ibid.*, p. 81.

35 Cf. *Ibid.*, p. 139.

36 Cf. *Ibid.*, p. 237.

37 Cf. *Ibid.*, p. 240.

38 *Ibid.*, p. 242.

mediocre³⁹. Se Tobias era um darwinista à Haeckel, Sílvio o é à Spencer, e, através dele, opina sobre o país. É preciso miscigenar com o povo europeu para que o país possa evoluir. Foi acusado de racista em discursos frente à Câmara dos Deputados. Realista, é contra o socialismo, opinando que a *"grande riqueza de poucos, a profunda miséria da maioria, é resultante de uma lei natural, inlutável como a gravitação"*⁴⁰. Suprimir a miséria não é função do Estado. É biologista quando fala dos novos órgãos numa democracia⁴¹. É o indivíduo contra o Estado, à Spencer⁴². Vê na educação a panacéia universal para resolver os nossos males⁴³.

Norberto Bobbio chama-nos a atenção para o surgimento do interesse em relação ao pensamento liberal, vendo com surpresa, na Itália, a reedição do clássico do liberalismo On Liberty, de John Stuart Mill. O mais curioso é que tenha sido publicado pela esquerda⁴⁴.

A recentíssima sociobiologia, cujo marco está na obra de Edward O. Wilson, Sociobiologia: a nova síntese, fala de uma integração gene e cultura⁴⁵. Ressalta que por estes novos estudos a Biologia pode ajudar a educação liberal⁴⁶. Uma análise da epistemologia sociobiológica

39 Cf. Ibid., p. 258.

40 Cf. Ibid., p. 237.

41 Cf. Ibid., p. 238.

42 Cf. Ibid., p. 242.

43 Cf. Ibid., p. 258.

44 Cf. Norberto BOBBIO, O futuro da democracia, p. 108.

45 Cf. Edward O. WILSON, Sociobiology: The new synthesis, p. 574.

46 Cf. Edward O. WILSON, Da natureza humana, p. 2.

indica os precursores em Hume e Kant⁴⁷. As pesquisas avolumam-se como demonstram os textos de Robert Ardrey, O contrato social, e de Richard Dawkins, O gene egoísta. Presumem uma base em Darwin, Origem das espécies, e em Konrad Lorenz, Sobre a agressão⁴⁸. Depois das acusações recebidas de que a sociobiologia fosse a nova forma de "darwinismo social", Charles Landsen e E. O. Wilson respondem que discussões amplas feitas por vários especialistas não consideram dessa forma, após definirem a nova ciência como "o estudo sistemático das bases biológicas de todas as formas de comportamento social (incluindo o comportamento sexual e parental) em organismos, até e incluindo o homem"⁴⁹. Michael Ruse aponta para as evidências positivas de suas conclusões⁵⁰. Robert Wallace critica os exageros atribuídos à determinação genética, mas ainda fica a afirmação: "Não acredito que o homem é simplesmente um egoísta esperto, geneticamente impelido a cuidar de sua própria reprodução. Ele é isso. Mas é pelo menos isso"⁵¹.

Em um levantamento posterior, datado de 1989, Guy Sorman refere-se, destacando entre outros, como verdadeiros pensadores de nosso tempo a Stephen Jay Gould e

47 Cf. J.H. FETZER, Sociobiology and Epistemology, pp. 258-252.

48 Cf. Richard DAWKINS, O gene egoísta, pp. 28-29; em Lorenz, dada a nossa origem animal, a agressão é instintiva e fator de maior sobrevivência; Dawkins considera os genes como naturalmente egoístas na coexistência entre si; Ardrey fala da necessidade de defesa do nosso patrimônio genético. Em síntese, o comportamento genético é programado.

49 Charles LUMSDEN & Edward O. WILSON, O fogo de Prometeu, p. 33.

50 Cf. Michael RUSE, Sociobiology: sense or nonsense? p. 127.

51 Robert WALLACE, Sociobiology: o fator genético, p. 236.

Edward O. Wilson, que apesar da divergência do grau de determinação biológica, têm a base comum em Darwin⁵².

6. Contribuição da abordagem

A presente pesquisa quer contribuir para esclarecer certos aspectos da realidade social brasileira, destacando a educação e tendo como quadro geral os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. Detecta o problema prático da busca de ideologias para interferir na vida de nação. Nesse sentido, o "darwinismo social" tem favorecido um tipo de concepção de sociedade, que afetou a vida nacional desde há um século.

7. Método

A preocupação com a temática específica não a isenta de compreendê-la dentro de um todo. Se esta preocupação é com o discurso da elite, a referência é a

52 Cf. Guy Sorman, Os verdadeiros pensadores do nosso tempo, p. 61.

realidade. Por isso, sempre procurar-se-á destacar o contexto em que ele está se realizando e porque está sendo utilizado

Pretende reconstruir o nascimento e o desenvolvimento do "darwinismo social" na sua fonte e em seus momentos articuladores de uma concepção de mundo adequada a certo momento da história. Por isso, a utilização de um leit-motiv dá-se no sentido de orientar a pesquisa para delimitá-la, como é. aliás, a questão do predomínio do "mais apto". Para esclarecer, faz distinção de autores e de concepções. Afinal, procura não esquecer que o englobante é o tecido social, e que não há nada que ocorra isoladamente fora do contexto.

8. Resumo

O texto foi redigido em três partes, subdivididas em capítulos.

A parte I procura dar a caracterização do "darwinismo social". Começa com o destaque ao momento histórico de sua origem no contexto europeu de desenvolvimento do capitalismo e ao seu papel ideológico ligado à idéia de progresso (I.1). Foi necessário ir ao nascimento da teoria da evolução, à contribuição de Darwin e

aos desdobramentos ocorridos (I.2). A obra de Herbert Spencer é significativa pela sua concepção geral de sociedade junto à interpretação que dá ao progresso como lei e pela explicação que dá à vida social (I.3).

A parte II releva o momento brasileiro do "*darwinismo social*". Uma nova realidade estava surgindo e o modelo era o avanço europeu. Procurava-se explicar a necessidade do progresso (II.1). Foi escolhida a Escola de Recife nas pessoas de Tobias Barreto (II.2), Sílvio Romero (II.3) e Clóvis Bevilácqua (II.4) pela efervescência de idéias novas. Homens de idéia e ação saudavam e punham em prática o que consideravam adequado à realidade brasileira da época.

A parte III evidencia o aspecto educacional. Aborda a obra pedagógica de Spencer (III.1), a educação e a realidade brasileira, sua inserção no contexto do liberalismo (III.2) e a permanência do evolucionismo na atualidade (III.3).

PARTE I
CARACTERIZAÇÃO DO "DARWINISMO
SOCIAL"

INTRODUÇÃO

Esta primeira parte contém uma exposição do que seja o "darwinismo social" discutindo a hipótese de suas origens como sendo uma justificativa do modo inglês de viver, ligando-se autores que se interligam ao interpretar o momento do século XIX como o apogeu da civilização.

O Capítulo I encara tal momento de forma a explicar o progresso como justificativa da industrialização, em outras palavras, há uma ideologia a ser defendida. Há várias interpretações conflitantes, ou a favor ou contra Darwin. Poder-se-ia usar o termo "darwinismo social"? É possível fazer uma distinção do Darwin da Origem das espécies à obra A descendência do homem e a seleção sexual?

O Capítulo II mostra o começo da teoria da evolução, até Darwin e o que foi feito dele posteriormente, ou seja, o desdobramento de sua teoria: o seu darwinismo. Conclui que há uma teoria da evolução se desdobrando em darwinismo, anti-darwinismo e neo-darwinismo.

O Capítulo III fala da teoria da evolução de Spencer, que mostra o progresso com seu grande resultado. É o sintetizador colhendo fatos de todos os povos para

argumentar. Poderia ser considerado o primeiro "darwinista social"? O fato é que não se contexta nele a ligar evolução com capitalismo contra a ameaça socialista, que para ele significa o indivíduo contra o Estado. Deduz desta concepção uma ética e uma política baseadas na lei férrea da natureza, com os desdobramentos na ciência e no direito.

CAPÍTULO I

ORIGENS DO "DARWINISMO SOCIAL"

1. O momento histórico

Dizer que Darwin foi mero reflexo das condições desse tempo é cair em uma hipótese mecanicista. Todavia, não se pode tirá-lo das raízes da história.

A nossa tradição tem privilegiado estudos sobre a Revolução Francesa, deixando a Revolução Inglesa em segundo plano. Necessário é remontar à era de Cronwell (1652 - 1679), quando a Inglaterra se estrutura como formação capitalista mercantil⁵³. Maurice Dobb considera esse o primeiro momento decisivo e culminante do capitalismo no século XVII⁵⁴. O segundo está nos séculos XVIII e XIX. Cristopher Hill fala do primeiro período como o da transformação da comunidade agrícola, que vivia de víveres e lã para o autoconsumo, sem comércio. Passa a haver o mercado nacional, lentamente, a partir do século XV. Descobre-se a

53 Cf. Darci RIBEIRO, O processo civilizatório, p. 140.

54 Cf. Maurice DOBB, A evolução do capitalismo, p. 32.

América. As fazendas passam a ser produção de comida com vistas ao grande mercado. Substituem-se os meios de pagamento, antes em espécie ou trabalho, pela descoberta da prata. A moeda desequilibra-se com a triplicação de preços de alimentos. "Os que tinham rendimentos fixos ficaram mais pobres, aqueles que viviam do comércio e da produção para o mercado enriqueceram. Assim, as classes médias prosperavam, a grande aristocracia feudal (incluindo o Rei e os Bispos), os pequenos camponeses e os trabalhadores assalariados ficavam relativamente mais pobres, exceto alguns indivíduos dessas classes, suficientemente afortunados para se aproveitarem da confusão⁵⁵. Além disso, na Reforma as terras confiscadas da Igreja foram lançadas no mercado, com mais um motivo de júbilo para o Parlamento e a burguesia⁵⁶. A terra passava a ser investimento de capital, mercadoria comprada e vendida. Os proprietários de terra vendem agora a sua produção excedente do consumo. A idéia do lucro quebra as barreiras da tradição e uma nova moral impõe-se⁵⁷: surge o agricultor capitalista, tão rico quanto comerciantes e industriais da cidade, ao preço de expulsar da terra os foreiros que não podiam pagar rendas⁵⁸; é o fim dos proprietários improdutivos; é o aumento do cortesão indigente e do nobre sem dinheiro. O Estado ainda tentava segurar o processo de desmoronamento completo desta classe,

55 Christopher HILL, A revolução inglesa de 1640, p. 26-27.

56 Cf. Ibid., p. 27.

57 Cf. Ibid., p. 29.

58 Foreiros: donos de propriedades rústicas comuns.

mas sem o capitalismo leva a cercar as terras, expropriando as pequenas propriedades⁵⁹. A essa massa expulsa só resta perambular pelas estradas, surgindo leis para marcá-los em ferro em brasa ou chicoteá-los até resolverem trabalhar. Surge o trabalhador agrícola, a mão-de-obra excedente, a proletarianização de ex-patrões.

Hill aponta três classes até agora: agricultores capitalistas aliados à burguesia urbana, que se apoderam do Estado, e cultivadores semi-independentes que também se aliam, num primeiro momento, aos burgueses de forma geral, até perceber que o rumo da situação não volta para eles. Com a radicalização, voltam-se à esquerda, sendo derrotados, quando do conflito se transforma em guerra civil⁶⁰.

O comércio e a indústria tiveram transformações, que, por sua vez, impulsionaram a agricultura. "Qualquer coisa como uma revolução industrial teve lugar no século que precedeu 1640, estimulada pelo capital proveniente da dissolução e saque dos mosteiros ou adquirido através do comércio, da pirataria e da pilhagem do Novo Mundo ou do tráfico de escravos⁶¹. O carvão impulsiona indústrias e o país exporta tecidos acabados. É o que muda a direção dos acontecimentos e põe a Inglaterra na busca de matérias-primas, o que dizer colonização inglesa e monopólio

59 Thomas MORUS, *Utopia*, pp. 23-24.

60 Cf. Christopher HILL, *A revolução inglesa de 1640*, p. 38.

61 *Ibid.*, p. 39.

para poder explorar economicamente. Na política começa o ataque à Monarquia, por impedir o livre desenvolvimento desse processo. Surgem novos conflitos de classe. "O capital para o desenvolvimento industrial foi fornecido, direta ou indiretamente, por mercadores, traficante de escravos e piratas, cujas fortunas tinham sido acumuladas no ultramar; e pelo setor da pequena nobreza que fizera fortuna com a pilhagem dos mosteiros e a nova agricultura, além do dinheiro proveniente das economias dos pequenos proprietários rurais e artesãos"⁶².

Com mercadores no exterior, intermediários no país, os pequenos proprietários fiavam em casa (sistema doméstico). Para fornecimento ou pagamento dependiam dos patrões. Estes e os usuários faziam grandes fortunas⁶³.

Forma-se uma classe pequeno-burguesa com interesses próprios, que caía em duas divisões; uns se tornavam capitalistas e outros, assalariados. O país tornou-se uma unidade econômica⁶⁴. Fora dele a concorrência acabava com o monopólio, apesar de haver a associação em companhias sob a proteção do Estado (Tudor)⁶⁵.

A indústria encontra impedimentos por leis de corporações nos burgos e, por isso, vai aos subúrbios e cidades onde não havia corporações, nem regulamentos. Aí

62 Ibid., p. 41.

63 Cf. Ibid., p. 42.

64 Cf. Ibid., p. 44.

65 Cf. Ibid., p. 44.

encontra mão-se-obra barata na classe camponesa arruinada⁶⁶. Os intermediários tentam ir diretamente ao produtor de alimentos, mas, também, encontram corporações e oligarquias. A Coroa tenta impedir o capitalismo livre, com monopólios, ou seja, cessão de direito de produção ou venda a um indivíduo particular, não o conseguindo.

Hill conclui: "Havia na Inglaterra um vasto capital que os comerciantes, os pequenos proprietários rurais e os aristocratas ansiavam por investir no desenvolvimento industrial, comercial e agrícola livre de restrições"⁶⁷. Quando a luta se torna política, "ao atacar o estado dos proprietários feudais e a oligarquia dos grandes mercadores aliados à Corte, que procuravam monopolizar os lucros, a luta da burguesia era progressiva e representava os interesses do país como um todo"⁶⁸.

Era uma época de camponeses e pequenos artesãos perdendo a independência para os mercadores e nobres rurais⁶⁹. Por isso, eles estavam aliados aos comerciantes e agricultores capitalistas, temporariamente, contra proprietários de terras feudais e parasitas e os financeiros especuladores, contra o governo limitador e controlador de uma nova expansão. Esta, todavia, e os iria

66 Cf. Ibid., p. 45.

67 Ibid., p. 47.

68 Ibid., pp. 47.

69 Cf. Ibid., p. 47.

empurrar para o proletariado, o que os poria em conflito com comerciantes e agricultores⁷⁰.

No setor externo a Inglaterra ganhava dos rivais em sua expansão colonial⁷¹, iniciando a formação do grande império britânico.

O segundo momento decisivo do capitalismo é a revolução industrial no final do século XVIII e início do século XIX. "Ela se mostrou tão decisiva para todo o futuro da economia capitalista, tão radical como transformação da estrutura e organização da indústria, que levou alguns a considerá-la as dores de parto do capitalismo moderno..."⁷².

Dobb refere-se a um tipo de representação que concebe o capitalismo sob o aspecto da liberdade econômica. "pois só na ausência da regulamentação e controle ele pode achar condições favoráveis para expansão"⁷³. Assim sendo, "é o inimigo histórico da restrição legal e do monopólio sendo este último o produto da intromissão ilegítima do Estado no domínio econômico, empenhado na busca do poder, em vez de visar à abundância ou à estabilidade social vê o quadro real, o monopólio também aí aparece: ou ajudando o crescimento da burguesia, ou emperrando o desenvolvimento. Aceita privilégios econômicos e a própria regulamentação estatal. Só em períodos excepcionais, com expansão da

70 Cf. Ibid., p. 48.

71 Cf. André Gunder FRANK, Acumulação mundial, p. 139.

72 Maurice DOBB, A evolução do capitalismo, p. 32.

73 Ibid., p. 39.

economia e de oportunidades comerciais de maneira incomum, é que é permitido falar-se em laissez-faire. É o que se vê no século XIX, acrescido do aumento da mão-de-obra, expansão extraordinária da indústria, desenvolvimento de tecnologia e formas de organização⁷⁴.

O século XIX é este século anormal do avanço, mudando "o ritmo da alteração econômica, no referente à estrutura da indústria e das relações sociais, volume de produção e a extensão e variedade do comércio"⁷⁵. Isto acarretou a transformação radical das idéias do homem sobre a sociedade⁷⁶. De uma concepção estática passou-se para uma concepção do progresso como lei.

Muda, além disso, o ritmo de descobertas tecnológicas, o que permite o aumento das fábricas e organização maciça do proletariado para a produção. O movimento atinge a Inglaterra, os E.U.A. e a França⁷⁷. Alarga-se o terreno do investimento e o mercado de bens de consumo. O acúmulo e investimento de capital não conhecem barreiras. A divisão do trabalho estende-se, pois, o trabalho depende do capital e o capitalista é o disciplinador. "O capital era necessário agora para financiar o equipamento complexo requerido pelo novo tipo de unidade de produção e fora criado um papel para um tipo novo

74 *Ibid.*, p. 40.

75 *Ibid.*, p. 313.

76 *Ibid.*, p. 313.

77 Cf. Darci RIBEIRO, O processo civilizatório, p. 150.

de capitalista, não mais apenas com o usuário ou comerciante em sua loja ou armazém, mas como capitão da indústria, organizador e planejador das operações na unidade de produção, corporificação de uma disciplina autoritária sobre um exército de trabalho que, destituído de sua cidadania econômica, tinha de ser coagido ao cumprimento de seus deveres ao serviço alheio, pelo azorrague alternado da fome e do supervisor do patrão"⁷⁸.

As revoluções na técnica de produção fizeram com que se concebesse com normalidade esta contradição de classes. Crescia a produtividade de mão-de-obra e a mais valia. Desta "podia-se conseguir uma nova acumulação de capital, e no sentido de uma concentração cada vez maior de produção e propriedade do capital. Como se aceita hoje em dia, foi essa última tendência, filha da complexidade crescente do equipamento técnico, o que iria preparar o terreno para uma outra alteração crucial na estrutura da indústria capitalista, e gerar o capitalismo de corporação em larga escala, monopolista, de nossa era atual"⁷⁹.

Esse aspecto, o ritmo de mudança econômica, é o mais relevante após 1830, como acentua Hobsbawn⁸⁰. Para Marx, é quando a natureza é explorada extensiva e intensivamente⁸¹.

78 Maurice DOBB, A evolução do capitalismo, p. 318.

79 Ibid., p. 328.

80 Eric. J. HOBSEBAWN, A era das revoluções, p. 191.

81 Karl Marx, O capital, L. III, v. III p. 380.

2. À procura de explicação do progresso: a ideologia

É crítica de Marcel Prenant não perdoa a Darwin o seu teor de vida, opiniões sociais e intenções. "É um burguês inglês de seu tempo, sentado no conforto que provém de seus parentes, e com as qualidades e defeitos de sua classe, e socialmente bastante miope. É da burguesia, ascendente, orgulhosa de sua força, de sua técnica, de sua ciência... Ele, que percorreu o mundo, não pensava que pudesse existir outro ideal de homem, de civilização e de moral que o da burguesia inglesa"⁸². A sua própria maneira de viver foi adequada ao individualismo correspondente, dadas as boas condições financeiras, que lhe permitiam um trabalho isolado⁸³.

À idéia de seleção natural vinda da concorrência e seleção, acrescenta, sem diminuir o gênio de Darwin, que ela estava implantada no sistema capitalista⁸⁴. É uma idéia que estava "no ar do meio geral capitalista, mais do que dos meios biológicos estreitos"⁸⁵. Há o exemplo de Lineu, calculando a enorme descendência de uma planta em vinte anos. Segue-se Buffon na sua História Natural, ao

⁸² Marcel Prenant, Darwin, p. 55.

⁸³ J.G. GROWLER, The progress of science, p. 2.

⁸⁴ Cf. Marcel Prenant, Darwin, p. 89.

⁸⁵ Ibid., p. 92.

falar da fecundidade das espécies e dos obstáculos que elas enfrentam, com o desaparecimento das menos armadas e, com isso, frágeis. Também Wells (1813) fala da concorrência e seleção das raças humanas, Matthew (1831), Donders (1848), Naudin (1852), A. de Candolle, Herbert, Lyell e Wallace⁸⁶. A Inglaterra facilitava: era o país da domesticação e criação de animais e da industrialização pujante que modificava as relações homem-meio. Era o país do sucesso nessas experiências⁸⁷.

A seleção sexual também se dá pela concorrência, pela vitória dos mais armados, mais fortes, mais coloridos, de preferência na escolha do parceiro sexual⁸⁸.

Régis Ladous atribui a Darwin um conservantismo político e social, ao referir-se ao cuidado deste em não se comprometer com secularistas ingleses⁸⁹. também o define como protestante liberal, "*que se movia à sombra da sociedade de vitoriana e não queria quebrar os seus fundamentos*"⁹⁰.

86 Cf. *Ibid.*, p. 91-92.

87 Cf. Friedrich ENGELS, *Anti-During*, P. 58.

88 Cf. Marcel PRENANT, *Darwin*, p. 95.

89 O caso citado refere-se ao ano 1877, quando ateus militantes, Annie Besant e Charles Bradlaugh, foram acusados de propaganda em favor da contracepção e pediram a Darwin para testemunhar em seu favor. bastaria dizer que a contracepção era razoável ou que a censura não era o melhor meio de resolver a questão, sem precisar definir-se sobre crença ou descrença.

90 Régis LADOUS, *Darwin, Marx, Engels et les autres*, p. 18. A observação dá-se a respeito do empréstimo que Darwin, com seu nome, em 1876, oferece sobre a questão do Oriente, em Conferência Nacional organizada pelo Partido Liberal. Marx deplora o fato.

Edouard de Hartman interpreta ideologicamente o fato da luta pela existência contra causas naturais, no seu perigo em alterar a pureza das raças, conservando e enobrecendo espécies, como um "produto do tempo e de seu país; ele representa o utilitarismo nas ciências naturais, ao mesmo título que Stuart Mill na filosofia prática e na teoria do conhecimento"⁹¹.

A expressão "sobrevivência dos mais aptos" não foi utilizada por Darwin nas primeiras edições de A origem das espécies. Incorporou-a, depois da utilização do termo por Herbert Spencer, situado "nos finais da época vitoriana, na Inglaterra, e muito especialmente na América, uma forma especialmente brutal de ascensão social ou "darwinismo social". "A lei evolucionária era interpretada como significando que a vitória dos mais fortes era condição necessária ao progresso, justificava os piores excessos de exploração capitalista do trabalho"⁹².

Este mal não pode ser atribuído a Darwin, segundo informações de J. Howard. O esforço já fora feito por Thomas H. Huxley para salvá-lo dessas acusações, o que, todavia, não conseguiu⁹³.

Posição diferente é sustentada por Marina Yaguello, em prefácio à obra de Mikhail Bakhtin, Marxismo e

91 Edouard de HARTMAN, Le darwinisme, p. 71.

92 Jonathan HOWARD, Darwin, p. 165.

93 Cf. Ibid., p. 165.

filosofia da linguagem. Argumenta que todo escrito é dirigido a certo público. Os fatos da língua não se isentam de seu âmbito social: "A fala está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais"⁹⁴. Os valores sociais confrontam-se na palavra, onde implicam "conflitos, relações de dominação e resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc."⁹⁵.

A língua é superestruturada. Para Mikhail Bakhtin "a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais de base refletem-se na ideologia, e, portanto, na língua que as veicula. A palavra serve como indicador de mudanças"⁹⁶. Cada um fala para um auditório social bem definido, e a consciência, o pensamento são condicionados pela ideologia⁹⁷.

Nesse sentido, o "darwinismo social" aparece como superestrutura de um horizonte social do controle exercido pela burguesia (grupo social) no final do século XIX (época)⁹⁸. Pode-se dizer que este linguajar faz parte das lutas sociais, porque a língua é um fenômeno puramente

94 Marina YAGUELLO, "Introdução" a Mikhail BAKHTIN, Marxismo e filosofia da linguagem, p. 14.

95 Ibid., p. 14.

96 Ibid., p. 14.

97 Cf. Ibid., p. 16.

98 Cf. Mikhail BAKHTIN, Marxismo e filosofia da linguagem, p. 47.

histórico⁹⁹. Por isso, quando R. von Ihering estabelece o direito como resultado da luta para vencer, é ele que aplica o darwinismo nesta ciência, aparecendo a consciência como *"força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social"*¹⁰⁰. É o que se concluída passagem quando critica o comunismo porque só prolifera onde se perdeu a noção da verdadeira origem da propriedade privada¹⁰¹, por isso, considera como abandono do direito porque a propriedade foi conquistada como luta pelo trabalho¹⁰². Numa era de desenvolvimento vibrante do capitalismo a afirmação de propriedade da ciência do direito é a expressão social do domínio do capital.

A designação da expressão "darwinismo social" merece considerações, uma vez que alguns não a aceitam, outros aceitam-na com reservas e há os que não vêem nenhum mal em adotá-la.

Newton Freire-Maia considera-a falsa na designação e no conteúdo, em sua exposição das linhas gerais da teoria de Darwin¹⁰³.

Roque Spencer Maciel de Barros não admite a identificação do "darwinismo social" com a filosofia liberal, pois, por liberalismo moderno não se pode entender

99 Cf. *Ibid.*, p. 109.

100 *Ibid.*, p. 118.

101 Cf. Rudolf von IHERING, *A luta pelo direito*, p. 39.

102 Cf. *Ibid.*, p. 40.

103 Cf. Newton FREIRE-MAIA, *Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética*, p. 56.

o laissez-faire que vigorou dos fisiocratas a Spencer, quando os fortes devorariam os fracos, numa competição sem regra e sem freio. Há mais do que isso¹⁰⁴.

Gyorgy Lukás utiliza o mesmo termo para referir-se aos seguidores liberais de Hebert Spencer ao fazerem do darwinismo uma ideologia reacionária no período imperialista, porque a ciência se torna arma de combate pelos defensores do capitalismo¹⁰⁵.

Não é o que pensa Antonello la Vergata em comunicação publicada por ocasião do centenário da morte de Darwin (1982), ao não ver o "darwinismo social" como coisa má, mas uma das extensões da teoria de Darwin¹⁰⁶, cobrindo diferentes temas: conservadorismo, racismo, laissez-faire, episódio geral do biologismo e eugenia. Ademais, releva que há várias espécies de "darwinismo social" e pergunta-se sobre a sua coincidência ou não com o spencerismo. Observa que o estereótipo não convém a Spencer, pois há também o "darwinismo social" socialista e o anarquista. Ao se indagar o que faz Darwin neste debate, levanta a afirmação de que há resultados contraditórios. Há equívoco em levá-lo à sociedade, mas a sua fonte não é a sociedade e a economia?¹⁰⁷.

104 Cf. Roque Spencer Maciel de BARROS, Introdução à filosofia liberal, pp. 248-249.

105 Cf. Gyorgy LUKÁCS, Ontologia dell'essere sociale, t. II, p. 449.

106 Cf. Antonello la Vergata, "Images os Darwin: a historiografic overview", pp. 900-909. In: David KOHN, The darwinian Heritage, p. 958.

107 Cf. Ibid., p. 959.

Já houve quem somasse progresso, luta e racismo na ligação entre Malthus, Darwin, Spencer e o "darwinismo social", com prioridade a Spencer. Este fato aponta flutuação no problema. A origem de uma perspectiva como esta dá-se pelo fato de que historiadores das ciências humanas estudam Darwin e ligam-no com a história das idéias, gerando excessões, confusão e fórmulas genéricas. A antropologia vitoriana tem sua fonte anterior a Darwin. Lugares comuns e defeituosostêm sido encontrados. Não é comum a todos a ligação entre a ciência de Darwin e o contexto social em que se insere, aliás, o jovem Darwin não é associado à imagem individualista do "darwinismo social". O seu trabalho posterior é que cria um espaço ideológico, uma vista de mundo, uma visão de totalidade¹⁰⁸. Encontra-se nele uma teeoria do conhecimento na construção da evolução do homem e na sua formação, com uma abrangência que pode alcançar várias áreas do saber¹⁰⁹. Conclui pela parcialidade das ligações com a ética, política e sociologia, por haver falta de comunicação entre historiadores da ciência e historiadores das ciências sociais¹¹⁰.

Juntamente com esta publicação, Robert Young destaca que só positivistas separam fatos e teorias¹¹¹. Não é que não possa haver distinção entre datwinismo e "darwinismo

108 Cf. *Ibid.*, p. 960.

109 Cf. *Ibid.*, p. 961.

110 Cf. *Ibid.*, p. 962.

111 Cf. Robert YOUNG, "Darwinismo social", pp. 609-640 In: David KOHN, *The darwinian heritage*, p. 609.

social". O que não deve ocorrer é a separação entre social e a-social¹¹². As concepções científicas interferem na maneira de interpretar o mundo¹¹³. O fato é que ciência e ideologia estão imbricadas. Escreveu-se para um determinado tempo¹¹⁴. A opinião de Young liga o texto Descendência do Homem ao "darwinismo social"¹¹⁰. "Minha própria concepção de "darwinismo social" é que foi uma atitude a respeito da natureza com elementos comuns, usualmente incluindo malthusianismo, uma fé na ciência de leis sociais, uma fé em que a natureza decretou extremas desigualdades e que o pensamento foi guiado para o progresso"¹¹⁵. O autor chama atenção para uma ilustração do Sunday Times, Londres, de 24 de Julho de 1977, associando Charles Darwin, Konrad Lorenz, Robert Ardrey, Edward O. Wilson e Richard Dawkins¹¹⁶. Particularmente, tais autores estão num contexto onde não são separadas ciência e ideologia. Exemplifica-se com a obra de Edward O. Wilson, Sociobiologia: a nova síntese, onde aparecem termos como "divisão do trabalho, hierarquia, competitividade, dominação e submissão, disciplina, agressão, egoísmo, altruísmo, posição, casta, papel, operário, escravo, soldado, rainha, exército, harém, promíscuo, população, combate, ódio, celibatário, invejoso, territorial, líder, desobediência, elites"¹¹⁷. Há analogias

112 Cf. Ibid., p. 610.

113 Cf. Ibid., p. 611.

114 Cf. Ibid., p. 616.

115 Ibid., pp. 620-621

116 Cf. Ibid., p. 625

117 Ibid., p. 626

com o século XIX no que se refere ao padrão de pureza biológica.

Robert Young utiliza o critério de Marx para encarar o darwinismo como social, ao substituir a biologia como referência pela indústria e pelo trabalho. O animal apenas coleta, enquanto o homem produz¹¹⁸. Segue-se que Darwin e darwinismo fazem parte da história da humanidade, não se reduzindo à biologia como o limite humano e tendo a própria ciência como social¹¹⁹.

Yvette Conry, em um estudo mais recente, pergunta-se Darwin foi o primeiro "darwinismo social" ou apenas um "darwinista social"? Poderia a mesma designação caber a Spencer ou Bagehot. Constata que Darwin ignorou esta questão, mas deixou uma obra aberta, podendo ser relacionada com os aspectos: econômico, histórico, jurídico, antropológico e filosófico stricto sensu, o "darwinismo social, "aplicado às questões econômicas, conforme Adam Smith, "encontra-se no seio de uma "teoria de riquezas" (produção e distribuição) estruturada pelo processo da divisão do trabalho, em consequência de uma problemática política do poder"¹²⁰. Tal concepção deve ser atribuída a Spencer que a Darwin. Cita um exemplo em Ferri, adepto dos dois sistemas, destacando a desigualdade natural e a

118 Cf. *Ibid.*, pp. 631-632

119 Cf. *Ibid.*, p. 636

120 Yvette CONRY, "Le darwinisme social existe-t-il?", pp. 83-103. In: *Darwin en perspective*, pp. 84-85.

variedade, pois, considera uma lei da fisiologia individual e social a existência de propriedade, da primogenitura, de ricos pobres e da classe dominante, apesar de Darwin ignorar a luta de classes¹²¹.

O darwinismo pode tender para o individualismo (elitista; radical liberal) ou para o socialismo (solidarismo)¹²². Evidenciou-se no spencerismo onde "nós temos a condição de possibilidade propriamente dita de um jogo de correlações simultaneamente históricas, teóricas e ideológicas"¹²³. Neste aspecto realiza uma simbiose de política e biologia, em sua teoria da imanência radical e do progresso. É preferível a designação de lamarckiano social, pela noção de aperfeiçoamento, adaptação, individuação e dependência mútua (como Adam Smith) e que há progresso pela seleção dos mais aptos na competição demográfica que o uso do "darwinismo social"consagrou¹²⁴. Em vez de naturalismo prático, ou seja, a ramificação radical dos liberais, onde se engajou na política radical, como uma *"teorização sócio-biológica pela enxertia lamarckiana da auto-adaptação e da equilibração espontânea das necessidades individuais e do meio"*¹²⁵. Demonstra aqui a sua adesão a Malthus.

121 Cf. *Ibid.*, pp. 85-86

122 Cf. *Ibid.*, p. 86

123 *Ibid.*, p. 87

124 Cf. *Ibid.*, p. 87-88

125 *Ibid.*, pp. 90-91

A simbiose sociedade-organismo aponta na direção da sociedade industrial, "sob a pressão das atividades e necessidades humanas", quando "a sociedade é ttornada corpo complexo dos trabalhadores mutuamente dependentes que nós vemos hoje"¹²⁶.

A questão se o "darwinismo social" seria abusivo à Origem das espécies, pela noção de progresso no sentido de diferenciação-especialização, responde-se que é uma adaptação do conceito lamarcko-spenceriano e da divisão do trabalho de A. Smith, porque aponta na direção de vantagem ecológica no domínio territorial, fenômeno biológico, sem implicar economia e cultura, sem projeto e sem programa. "A perfeição perde o sentido, porque a seleção natural só produz eventualidade vitais, efetua-se hic et nunc, no local e momentâneo..."¹²⁷.

Ocorre que há uma aproximação ao esquema malthusiano (variação, seleção artificial, distribuição biogeográfica, eudemonismo insular, exigência teórica do transformismo) muitas vezes visto como "darwinismo social"¹²⁸, entretanto, a luta aqui não é valor em si, mas condição de existência¹²⁹. Yvette Conry propõe que a fórmula "sobrevivência dos mais aptos" não está na primeira edição, por Darwin não lhe perceber o alcance naquele momento: Para

126 Ibid., p. 92

127 Ibid., p. 93

128 Cf. Ibid., p. 94

129 Cf. Ibid., p. 95

ser mais exato, a concepção lamarckiana era "sobrevivência dos selecionados", em Darwin é "seleção natural" e a contaminação spenceriana de 1866 passa para "sobrevivência dos mais aptos"¹³⁰.

A preocupação de Spencer é estabelecer a sociologia como ciência, relacionando a evolução com a sociedade e a economia. Quanto à obra A descendência do homem e a seleção sexual, Conry destaca que Darwin comete um delito ao aplicar a seleção natural à civilização e estabelece a superioridade do homem¹³¹, derivada do contexto da colonização francesa que acompanha a Commonwealth, com três estereótipos: primado do tecnológico, mito da missão colonizadora e sociedade conjugal hierárquica. Tal acontece porque a noção de eugenia é uma antro-po-etnologia de ideologia da civilização burguesa européia¹³².

A quinta edição da Origem das espécies (1869) precede de dois anos à A descendência do homem..., podendo de falar em implante do spencero-lamarckismo, em um "darwinismo social" pela bio-sociologia do progresso¹³³. Por isso, a autora chama a isto de queda e não de continuidade do trabalho darwiniano, pela desnaturação da seleção natural e pelo compromisso ideológico¹³⁴, de cunho nacionalista da civilização, através dos processos de seleção, imitação,

130 Cf. Ibid., P. 97-98

131 Cf. Ibid., p. 99

132 Cf. Ibid., p. 100

133 Cf. Ibid., p. 102

134 Cf. Ibid., pp. 102-103

uso-não-uso, condições diretas de existência. A isto levaram as leituras sobrepostas da Origem... à A descendência do homem...

Existe o "darwinismo social"? Conry prefere tê-lo como "um slogan, não um conceito; psicologia cultural e não teoria científica", afinal, como ideologia. "Neste sentido, "merece ser tratado como um contrasenso da história ao misturar história política com saber naturalista. Em outras palavras, é um desvio da ciência, enquanto faz da lei da natureza uma ideologia"¹³⁵.

¹³⁵ Ibid., p. 104

CAPÍTULO II

DO EVOLUCIONISMO A DARWIN

1. Origens da teoria da evolução

Y. Delage e M. Goldsmith chamam-nos a atenção para o fato de que a idéia de evolução é recente e apontam os percalços pelos quais passou para ser incorporada à ciência. Em seguida, descrevem o seu alcance: *"A noção de evolução tornou-se uma das generalizações mais vastas – senão a mais vasta – do nosso tempo; ultrapassam os limites das ciências, dentre as quais surgiu e abrange todo o conjunto das concepções humanas, até os problemas filosóficos mais obscuros e difíceis"*¹³⁶.

A origem do pensamento evolucionista nas ciências naturais remonta aos fins do século XVIII e inícios do século XIX¹³⁷. Na Grécia há alguns germes do transformismo, que, entretanto, foi esquecido. Há quem se refira aos caldeus quanto à discussão entre criacionismo e

136 Cf. Y. DELAGGE & M. GOLDSMIDT, As teorias da evolução, p. 1

137 Cf. Ibid., p. 9.

transformismo¹³⁸. Somente no século XVII houve o despertar às ciências naturais, tendo no século XVIII se desenvolvido a embriologia. À classificação de Lineu (1707 - 1778) os naturalistas devem muito¹³⁹.

Cuvier (1769 - 1832) afirma a fixidez da espécie, o que acabou sendo "princípio indispensável da época"¹⁴⁰. Impediu o progresso do pensamento transformista¹⁴¹, com sua concepção de que as mudanças no globo terrestre foram súbitas, através de catástrofes e dilúvios, tragando os habitantes dos continentes e levantando o fundo dos mares¹⁴².

Buffon (1707 - 1788) dá os germes do transformismo, com a idéia de variação sob a influência de condições climatéricas e geográficas, quando observou as

138 Cf. J. L. LANESSAN, Transformisme et créationisme, p. 339.

139 Lineu "delimita espécies, grupa-as em gêneros e atribui a cada espécie dois nomes, dos quais o primeiro designa o gênero ao qual pertence e o segundo a própria espécie. Os duplos nomes latinos empregados ainda hoje para as espécies das idéias transformistas, foi bem incidentemente, designando ao homem, na sua classificação, um lugar não só entre os animais, mas mesmo no gênero que compreende, com ele, os macacos antropomorfos, não sendo o homem mais que uma espécie deste gênero". Cf. Y. DELAGE & M. GOLDSMITH, As teorias da evolução, pp. 10 - 11.

140 Ibid., p. 11.

141 "Agrupando, as espécies de Lineu em categorias ou tipos caracterizados cada um pela unidade do plano de organização, lança as bases da anatomia comparada; funda a paleontologia das vértebras e mostra, pelo estudo das faunas distintas nas camadas geológicas sucessivas, quanto mais antigas são. Mas estas grandes descobertas, receberam por Cuvier uma interpretação errônea, que dirigia as observações numa direção falsa. A desapareição total de cada uma das faunas sucessivas era atribuída por ele a catástrofes súbitas: demais, desde a mais alta-antiquidade, toda a humanidade, influenciada talvez pelo espetáculo das inundações, tremores de terra, etc., - acreditou nestas catástrofes gerais na história da terra. Estas revoluções do globo, como lhes chamou Cuvier, catástrofes de um caráter muito violento e abrangendo regiões consideráveis, eram a causa do aniquilamento das faunas e da sua substituição por outras, vindas por imigração, dirá ele, criadas de novo 'in loco'". Cf. Ibid., pp. 11 - 12.

142 CUVIER, Discurso sobre as revoluções da superfície do globo e sobre as mudanças que elas ocasionaram no reino animal, p. 35.

diferentes faunas. Concebe uma espécie de plano geral comum a todo reino animal¹⁴³. Além das mudanças naturais, há a ação do homem na natureza. "O estado em que hoje vemos a natureza, é tanto obra nossa como dela: nós temos sabido temperá-la, modificá-la, amoldá-la ao jeito de nossas precisões"¹⁴⁴.

Goethe (1749 - 1832), em 1799, tinha entrevisto o que chamava de resolução do "problema dos problemas", o grande enigma do Universo, ou seja, o "lugar do homem na natureza", isto a partir de sua origem natural¹⁴⁵. As plantas derivavam de uma planta original, os ossos eram vértebras transformadas, os homens formados como todo o grupo de vertebrados¹⁴⁶.

É o que Haeckel (1834 - 1919) chama de filosofia científica de Goethe e precursor importante de Darwin e Lamarck ao tratar sobre a formação e a transformação dos corpos organizados da natureza¹⁴⁷.

Curiosamente, em 17794, o avô de Charles Darwin, Erasmus Darwin (1731 - 1802), no livro Zoonomia,

143 Y. DELAGE & M. GOLDSMIDT, As teorias da evolução, p. 13.

144 BUFFON, As épocas da natureza, p. 2.

145 Cf. Ernest HAECKEL, Os enigmas do universo, p. 4.

146 "Goethe mantém esta transformação para a resultante da ação recíproca de duas forças plásticas: uma força interna centrípeta do organismo, a 'tendência para a especificação' e uma força externa, centrífuga, a 'tendência para a variação' ou a 'idéia de metamorfose', a primeira corresponde ao que nós chamamos hoje a hereditariedade, a segunda a adaptação". Ernest HAECKEL, Os enigmas do universo, pp. 84 - 85.

147 Kant, Oken, Treviranus e outros filósofos naturalistas tinham ficado muito aquém, com noções gerais. Cf. Ibid., p. 85.

compara as asas de um animal com o braço de um homem, considerando que há parentesco entre as espécies¹⁴⁸.

Atribuiu-se a Lamarck (1744 - 1829) uma expressão mais precisa do transformismo, fugindo às constatações metafísicas anteriores, ao fazer "uma generalização relativa a fatos reais"¹⁴⁹. É dele a primeira divisão entre vertebrados e invertebrados. Rejeita a noção de espécie por aparecer como fixista, pelo fato de a considerarmos conforme a nossa duração pessoal.

Haeckel valoriza Lamarck por fundar cientificamente a teoria da descendência, rompendo com o criacionismo e abrindo caminho para uma teoria natural da evolução. E por isso que foi tido como o maior entre os predecessores de Darwin¹⁵⁰. E quem elabora a "primeira, completa e lógica teoria da evolução"¹⁵¹. Sua presença fez "época na história do pensamento humano, da mesma forma que as revoluções copernicana e newtoniana que abriram uma era nova do conhecimento"¹⁵².

F. Dantec prefaciando-o em Oeuvres choisies, atribui a transmissão hereditária dos caracteres adquiridos à fatalidade das leis elementares da vida, pelo fenômeno da

148 Cf. Y. DELAGE & M. GOLDSMITH, As teorias da evolução, p. 14.

149 Ibid., p. 14.

150 Cf. Ernst HAECKEL, Os enigmas do universo, p. 87.

151 David, DIETZ, The story of science, p. 316.

152 Léon SZYPMAN, "La révolution accomplie par Lamarck dans les sciences naturelles et philosophiques", pp. 103 - 113. In: Colloque international dans le cadre du Centre d'Études et de Recherches interdisciplinaires de Chantilly (C.E.R.I.C.), Lamarck et son temps / Lamarck et notre temps, p. 113.

adaptação. A observação acurada dos fatos basta para demonstrá-la¹⁵³. Os órgãos sofrem a influência das circunstâncias e adaptações¹⁵⁴. A primeira lei é a do uso frequente do órgão e seu fortalecimento, enquanto o desuso o enfraquece. A segunda lei é a permanência do mesmo tipo nas várias gerações, persistindo nos novos indivíduos¹⁵⁵. A forma do corpo, o número e estado de órgãos, faculdades são dados por hábitos, maneira de viver e circunstâncias¹⁵⁶.

A Ettienne Geoffrey de Saint-Hilaire (1779 - 1853), seu discípulo, coube a polêmica contra o fixismo de Cuvier, e assim, despertando para o problema o mundo científico da época, apesar deste não lhe ser favorável¹⁵⁷.

A Charles Lyell (1797 - 1875), dos Princípios de Geologia (1830), coube fazer entrar a geologia no evolucionismo. Contra Cuvier, sustenta que as transformações são explicáveis por fenômenos simples e não por catástrofes. No esboço autobiográfico Darwin (1809 - 1882) dá-lhe extrema importância: "*Estudei e consulttei por diversas vezes os Princípios de Geologia de Lyell, que foram de suma utilidade. O primeiro sítio que pesquisei, Santiago, nas ilhas de Cabo-Verde, provou-me patentemente a superioridade do sistema geológico de Lyell quanto aos preconizados por*

153 Cf. F. DANTEC, "Préface" a Jean Baptiste LAMARCK, Oeuvres choisies, p. 1.

154 Cf. Jean Baptiste LAMARCK, "Philosophie zoologique", pp. 71 - 78. In: Oeuvres choisies, p. 100.

155 Cf. Ibid., pp. 287 - 288.

156 Cf. Ibid., p. 289.

157 Cf. Y. DELAGE & M. GOLDSMIDT, As teorias de evolução, p. 18.

outros autores, cujos livros também trouxera comigo e que eventualmente consultava. A geologia de Santiago é tão surpreendente como simples. No passado, estendeu-se sobre o fundo do mar uma camada de lava contendo conchas e corais triturados, a qual se solidificou posteriormente, tornando-se uma rocha branca e resistente. Daí em diante, a ilha passou a soerguer-se, mas a linha de rocha branca revelou-me um dado novo e importante: apesar de não terem as crateras cessado a sua atividade e deixado de expelir lava, pode-se constatar a ocorrência de subsidência em seu redor"¹⁵⁸.

O próprio Lyell já havia se referido ao começo da raça humana como todas as espécies contemporâneas, havendo na superfície da terra remanejamentos de mares e continentes¹⁵⁹, assim como Thomas Huxley (1825 - 1895) ao considerar as incessantes alterações geológicas¹⁶⁰.

Além de Lyell, o contacto com Hooker (1817 - 1911) e Thomas Huxley e a viagem como naturalista no Beagle foram sumamente relevantes. Esta viagem permitiu-lhe perceber o processo evolutivo em âmbito continental e formações como o arquipélago de Galápagos, laboratório natural raro¹⁶¹.

158 Charles DARWIN, Origem das espécies, p. 27.

159 Cf. Charles LYELL, Elements de géologie, p. 560.

160 Thomas HUXLEY, "Paleontology and the doctrine of evolution", pp. 340 - 388 In: Discourses biological and geological, ESSAYS, VIII, p. 388.

161 Cf. Julian HUXLEY, Ensaio de um humanista, p. 28.

O trabalho de Lyell possibilitou aos homens de ciência tratar com seriedade a questão da transformação das espécies, concretizando pelo trabalho de Darwin¹⁶².

2. Importância de Darwin

Não se pode isolar Darwin dos evolucionistas, principalmente de Alfred Russel Wallace (1823 - 1913), destacando a contribuição deles ao nascimento do darwinismo ou da biologia evolutiva quando anunciaram em 1858 a descoberta do princípio da seleção natural à Linnean Society de Londres¹⁶³.

O termo darwinismo deve-se ao fato de mais do que outros Darwin contribuiu para a solução do problema e para o desenvolvimento do assunto¹⁶⁴. E, ademais, contribuiu *"para modificar a atitude do homem em relação ao fenômeno da vida e para fornecer à biologia um arcabouço científico coerente de idéias"*¹⁶⁵. Tornou a evolução um fato inegável¹⁶⁶.

Antes disso, porém, a bordo do Beagle, por fins de 1835, *"tinha se convencido de que as espécies não podiam ser criações imutáveis isoladas"* chegando a anotar

162 Cf. Alfred Russel WALLACE, The world off life, p. 101.

163 Cf. Julian HUXLEY, Ensaio de um humanista, p. 17.

164 Cf. Ibid., p. 17.

165 Ibid., p. 18.

166 Cf. Ibid., p. 18.

elementos sobre transmutação das espécies, o que implicava evolução em larga escala e ancestralidade comum a todos os organismos¹⁶⁷. E assim, combinando os métodos, indutivo e dedutivo pelos quais *"não se interessa pelos fatos em si mesmo, mas apenas pela sua relevância quanto a alguma hipótese ou a um princípio geral"*¹⁶⁸.

Teve a intuição da ideia da seleção natural ao ler o ensaio sobre a população de Malthus. Relutava em comunicar a pesquisa sobre evolução a círculo mais amplo a não ser a Lyell e alguns íntimos com quem discutir. Enquanto isso, coletava uma infinidade de fatos. Aliás, as idéias de Malthus são importantes para todo o pensamento biológico¹⁶⁹. Darwin e Wallace reconhecem-lhe a dívida, ao assentar o princípio fundamental da evolução orgânica, acrescentando *"que os animais que triunfam nessa luta transmitem sua superior capacidade por herança, à geração seguinte, e desse modo se modifica gradualmente o caráter das espécies pela adaptação progressiva ao meio"*¹⁷⁰

A luta pela existência já fora herdada por Malthus de Hobbes sobre o conflito da sociedade. Os homens estão em contínua competição¹⁷¹. Malthus percebe uma lei no desenvolvimento do capitalismo: *"um aumento no número de*

167 Ibid., p. 22.

168 Cf. Ibid., p. 18.

169 Cf. Charles DARWIN, Les pages immortelles de Darwin expliquées par Julian Huxley, p. 115.

170 Kingsley DAVIS, "Introducción". In: Thomas R. MALTHUS, Ensayo sobre el principio de la población, p. X-XI.

171 Cf. Thomass HOBBS, O Leviatã, p. 104

trabalhadores que receberam os mesmos salários em dinheiro tem por necessidade que aumentar o preço em dinheiro do trigo, a causa de maior demanda. Isto equivale em realidade a uma baixa no preço do trabalho e, durante ela, a situação das classes mais baixas da comunidade tem que ir piorando, porém, os agricultores e capitalistas se enriquecem por causa do barateamento real da mão-de-obra¹⁷².

A idéia de um controle da população diz perceber em Platão e Aristóteles, dada a sua tendência em aumentar além dos meios de subsistência¹⁷³.

A origem de Darwin é de uma família burguesia rica, filho e neto de médicos. O avô, Erasmus, era um evolucionista teórico¹⁷⁴. Havia três gerações de intelectuais, médicos, literatos e naturalistas. Destinado à carreira eclesiástica, acaba se tornando naturalista. Em política tornou-se Whig "como convém a um burguês com sua fortuna e seu apego a ela"¹⁷⁵. No chamado inquérito de Dalton se dirá liberal e radical, sendo muito influenciado pela imprensa e a opinião geral¹⁷⁶. Não deu atenção às reivindicações operárias ocorridas em 1842 e usa uma vez a palavra socialismo numa carta de 1879 em protesto contra possíveis relações com o marxismo¹⁷⁷. Quando Marx lhe envia

172 Thomas R. MALTHUS, Ensayo sobre el principio de la poblacción, p. 18.

173 Cf. Ibid., p. 18.

174 Cf. JJonathan HOWARD, Darwin, p. 19.

175 Marcel PRENANT, Darwin, p. 43.

176 Cf. Ibid., p. 50.

177 Cf. Ibid., p. 50.

um exemplar de O Capital, a resposta foi que era apenas um biólogo e nada entenderia disso¹⁷⁸. Um pedido de Marx para rever os capítulos XII e XIII, que se apóiam em sua obra, recebeu recusa argumentando problemas de saúde¹⁷⁹.

Ainda em 1831 era um crente na Bíblia. Entre 1836 e 1839 começa a mudar de idéia, passando para um vago ceticismo e, afinal, agnosticismo¹⁸⁰.

Curiosa a recusa de Darwin, que acabou exercendo no marxista Kautsky "*influência determinante e inapagável*" conforme Hobsbawn¹⁸¹. Kautsky faz uma síntese entre darwinismo e marxismo, por ambos serem teoria da evolução¹⁸². Ao adotar o monismo tem influência da versão haeckeliana, o que leva também ao ateísmo acrescido da influência de Buchner (1824-1899). Darwin acaba tirando a concepção de natureza para chegar à concepção de sociedade. Aliás, é sua base para chegar ao marxismo¹⁸³. A teoria dos instintos sociais é o seu leit-motiv. Entende-a não como luta entre indivíduos da espécie, mas das espécies frente à natureza, por isso, os indivíduos são entre si solidários. E quando traduz luta entre as espécies por luta de classes, e solidariedade entre as espécies por solidariedade de

178 Cf. Ibid., p. 50.

179 Cf. Ibid., p. 50-51.

180 Cf. Ibid., p. 52.

181 Cf. Maximo L. SALVADORI, "Marx entre ortodocia e revisionismo" pp. 299-339. In: Eric J. HOBSBAWN, História do Marxismo. v. II, p. 302.

182 Cf. Ibid., p. 304.

183 Ibid., p. 30.

classe"¹⁸⁴. Daí, em termos pedagógicos, a necessidade de fortalecer tais instintos sociais pela educação e diretividade¹⁸⁵.

Bem próximo a esta questão está Engels, no texto Sobre o papel da transformação do macaco em homem, quando afirma ter o trabalho criado o homem, sendo a mão aperfeiçoada durante milênios¹⁸⁶. "A necessidade criou o órgão"¹⁸⁷. A própria linguagem aparece dessa forma. Assim, o "cérebro do macaco foi se transformando gradualmente em cérebro humano"¹⁸⁸. O produto final foi a sociedade, onde pode por a natureza a seu favor de maneira organizada¹⁸⁹.

Engels lembra que o fixismo sofreu com o ataque de Kant à "eternidade do sistema solar" e com C. F. Wolff, em 1759, pelo ataque à "invariabilidade das espécies e proclamação da teoria da descendência"¹⁹⁰. A consistência, prossegue, dessa intuição genial tomou forma "nas mãos Oken, Lamarck, Baer, e foi levada à vitória por Dawin, exatamente cem anos depois"¹⁹¹.

184 Ibid., p. 30.

185 Cf. Ibid., p. 30.

186 Cf. Friedrich ENGELS. "Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem", pp 61-78.
In Karl MARX & Friedrich ENGELS, Textos, 1, p. 64.

187 Ibid., p. 65.

188 Ibid., p. 66.

189 Cf. Ibid., p. 71.

190 Friedrich ENGELS, Dialectics of nature, p. 30

191 Ibid., p.30

3. O darwinismo de Darwin

A essência do darwinismo está em Origem das espécies (1859) e Descendência do homem (1871)¹⁹². A expressão "*sobreviência do mais apto*" ('*survival of the fittest*') apareceu pela primeira vez em 7 de agosto de 1869 na 5ª edição da Origem das espécies (John Murray, Lonfres).

A palavra darwinismo tem uma amplidão, tal que é permitido falar em darwinismo de Darwin e daquilo que foi feito do darwinismo. A Biologia dos fins século XX não aceita muitas das afirmações de Darwin, "*mas o que sobra de positivo é muito grande e importante*"¹⁹³. Tal não sigbifica, porém, a rejeição da teoria da evolução. O professor Newton Freire-Maia destaca alguns pontos fundamentais:

a) Herança:

"A herança se dá através de '*elementos*', o que faz com que, de geração, decaia a variabilidade existente nas populações"¹⁹⁴. Não que Darwin via clareza em

192 Cf. Charles DARWIN, Les pages immortelles de Charles Darwin choisies et expliqués par Julian Hukley, p. 23.

193 Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética, p. 51

194 Ibid., p. 52

tal teoria, que só podia ser adotada como especulação¹⁹⁵. Aliás, o mendelismo¹⁹⁶ já havia comprovado o erro aí contido¹⁹⁷.

b) Variações hereditárias

Darwin passa a considerar que a taxa de variabilidade era muito grande, o que também depois se comprovou que era errado, pois são baixas as taxas de mutações (novas variações hereditárias)¹⁹⁸.

Também considera que o novo é suscitado pelo acaso e não como resposta às necessidades adaptativas dos indivíduos. O critério não é a vantagem, portanto. Esta posição é normalmente aceita na atualidade¹⁹⁹.

A variabilidade tende a aumentar com a mudança das condições dos seres vivos, da vida selvagem ao cativeiro, por exemplo. É o que Darwin chama de desestabilização, processo não aceito por Mendell, apesar de o ambiente afetar a variabilidade²⁰⁰.

Quanto às variações formarem um continuum, hoje se pensa de maneira diferente, pois as modificações

195 Cf. Charles DARWIN, Origem das espécies, Cap. II, *passim*.

196 Mendelismo: estudo do comportamento dos genes na hereditariedade, através de cruzamentos.

197 Cf. Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética, p. 52.

198 Cf. Ibid., p. 54.

199 Cf. Ibid., p. 54.

200 Cf. Ibid., p. 54.

ocorrem em unidades, não frações, ou seja, há pequenos saltos (mutações) mesmo parecendo insignificantes²⁰¹.

c) Evolução - lenta, gradual e intermitente

*"A evolução é gradual. Constitui-se num processo lento e contínuo ao longo do tempo, marcado por certas intermitências. Se pudessemos ter todos os fósseis à nossa disposição, poderíamos 'ver' como teriam lentamente ocorrido os mínimos passos de cada segmento evolutivo"*²⁰²

Essa hipótese leva a procurar os elos perdidos, sendo que muitos foram encontrados. Não é nova, mas transposição para a Biologia do que observava Charles Lyell na Geologia. Em outras palavras, a natureza não faz salto²⁰³. Não é uma teoria incontestável, como diz a teoria do equilíbrio pontuado²⁰⁴. Darwin desconhecia o aparecimento súbito de uma espécie, que a seleção natural deixa passar.

d) Seleção natural

A seleção natural significa "que a natureza realiza uma 'escolha' semelhante à feita pelos criadores, 'selecionando', através da viabilidade, da fertilidade,

201 Cf. *Ibid.*, p. 55.

202 Cf. *Ibid.*, p. 55; Cf. Charles DARWIN, *Origem das espécies*, p. 351

203 Cf. *Ibid.*, p. 55.

204 Teoria do equilíbrio pontuado: "autores afirmam que longos períodos de aparente parada evolutiva (estase) são pontuados pelo surgimento 'rápido' de espécies novas". *Ibid.*, p. 379

alguns em detrimento de outros; por isto, nas gerações seguintes, os primeiros serão os seus fatores genéticos mais representados do que os demais. Os indivíduos que deixam mais descendentes são considerados 'mais aptos'."²⁰⁵.

Esta teoria chama-se aptidão darwiniana, e que o professor Neton Freire-Maia ressalta não ter nada a ver com o "darwinismo social", falso na denominação e no conteúdo²⁰⁶. Considera a seleção natural como fundamental contribuição de Darwin à teoria da evolução, apesar de não tê-la tirado do nada. Já é encontrada em gregos e em contemporâneos como Wallace. "O mais importante é que Darwin foi quem melhor soube valorizar essa teoria. E, neste ponto, não há quem a ele se iguale"²⁰⁷.

Importa anotar que seleção natural é considerada, por ele, perfeccionista, enquanto "trabalha para o 'bem' da população, sempre promovendo sua maior adaptabilidade ao meio e, caso mudem as condições ecológicas, realizados sua readaptação às novas condições"²⁰⁸.

Aliás, perto da ação acumulada da natureza, os esforços e desejos do homem são muito pequenos em função do tempo realizado. "Pode-se dizer que a seleção natural,

205 Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução :; de Darwin à teoria sintética, p. 56.

206 Cf. *Ibid.*, p. 56

207 *Ibid.*, p. 56; A seleção já estava em Aristóteles conforme citação do próprio Darwin ao citar a sua Física, Livro II, cap. 8. É a seleção natural a especial contrinbuição de Darwin. Cf. Julian HUXLEY, *Man in the modern world*, p. 202

208 *Ibid.*, p. 57

onde quer que ocorra, está passando por seu crivo, dia a dia e a cada hora que passa, toda variação surgida, mesmo a mais insignificante, rejeitando a nociva, preservando e ampliando a que for útil, trabalhando de maneira silenciosa e imperceptível, quando e onde se oferece a oportunidade, no sentido de aprimorar os seres vivos no tocante às suas condições de vida orgânicas e inorgânicas"²⁰⁹. Nem pela imaginação será possível atingir o que ocorreu nos períodos geológicos inteiros. Só se pode saber que as formas de vida atuais são diferentes das que ocorreram no passado²¹⁰.

Hoje, considera-se que a seleção natural é oportunista, não perfeccionista e não finalista²¹¹. É definida em termos de taxa de reprodução, o que acarreta a tendência dos seres vivos em aumentar ao máximo o seu número; se isso não acontece é por causa de situações como disponibilidade de alimento, ação de predadores, climas adversos e epidemias. É o que se chama de influência externa. Experiências demonstram que também há determinação reguladora interna: pais devorando filhos, cuidados e alimentação insuficientes ou interrupção do fluxo reprodutivo para fazer face a um risco futuro. É o mecanismo de controle da própria seleção natural. Há outros mecanismos como emigração, territorialidade e hierarquia²¹².

209 Charles DARWIN, Origem das espécies, pp. 101 - 102.

210 Cf. Ibid., p. 102.

211 Cf. Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética, p. 57.

212 Cf. Ibid., p. 58.

e) Seleção sexual

Esta outra seleção "é um processo relacionado com a capacidade de deixar descendentes, mas em decorrência de uma competição entre os machos de uma mesma espécie em disputa das fêmeas ou da capacidade desses machos serem aceitos pelas fêmeas. Este processo seria responsável pelo desenvolvimento da alta capacidade competitiva infra-sexual e de uma aparência vistosa dos machos de várias espécies"²¹³. As armas especiais são decisivas para deixar maior número de descendentes²¹⁴. Aliás, os machos diferem pela seleção sexual²¹⁵.

A Biologia evolutiva moderna, diz Freire-Maia, aceita este ponto. Discorda, todavia, na concepção de que esse fator seja o mais importante²¹⁶.

f) Carga genética pela seleção sexual

Por este fator o calor adaptativo das populações é abaixado, criando condições desvantajosas. Tal fator foi aceito e desenvolvido posteriormente. Darwin parece ter sido o primeiro a falar disso²¹⁷.

213 Ibid., p. 59.

214 Cf. Ibid., p. 59.

215 Cf. Charles DARWIN, La descendance de l'homme et de la selection sexuelle, p. 656.

216 Cf. Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética, p. 59.

217 Cf. Ibid., p. 60.

g) O acaso e as variações neutras

À teoria da neutralidade dos polimorfismos, ou seja, que as variações intraespecíficas e intrapopulacionais não acarretassem vantagens ou desvantagens adaptativas, hoje se considera que há a presença de desadaptados, por exemplo, o fato de populações africanas não desenvolverem resistência à malária e à anemia e por isso sucumbem antes da idade da reprodução²¹⁸.

O acaso teve importância para Darwin enquanto poderia criar diferenciações interpopulacionais, que quer dizer, criar raças. Hoje se chama deriva genética²¹⁹.

h) Caracteres adquiridos

Darwin partilhava com Lamarck a herança dos caracteres adquiridos causada pela ação direta do ambiente. O uso desenvolve e o desuso atrofia²²⁰, ou pela influência de alimentação ou clima na cor ou textura externa dos animais²²¹. Hoje, este ponto de vista é recusado pela Biologia Evolutiva²²².

218 Cf. Ibid., p. 60.

219 A deriva genética desenvolve-se com Wright, a partir de 1930, depois por Kimura e Ohta. M. Freire-Maia alerta para esta teoria chamada não-darwiniana, por desconhecimento de que a raiz está em Darwin. Cf. Ibid., p. 61.

220 Cf. Charles DARWIN, "Essay of 1844", pp. 1 - 56. In: The foundations of origin of species, p. 1.

221 Cf. Charles DARWIN, "Essay of 1844", pp. 57 - 264. In: The foundations of origin of species, pp. 57 - 58.

222 Cf. Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética, p. 62.

i) Pangênese e telegonia

Para explicar a herança dos caracteres adquiridos, Darwin recorria a pangênese segundo a qual "várias regiões do corpo enviariam partículas representativas (gêmulas) para compor as células sexuais (gametas). Desta forma, modificando-se aquelas regiões, modificar-se-iam, conseqüentemente, as partículas que as representam e, desta forma, o caráter modificado apareceria como tal na descendência.

Hoje, via mendelismo, esta hipótese está rechaçada, assim como a telegonia pela qual a fêmea passaria características aos filhos com outros machos, do primeiro macho que a inseminou²²³.

j) Especiação simpátrica

Darwin entendia que "duas ou mais espécies podem surgir a partir de uma única (cladogênese) que ocupe, sem descontinuidade, uma única área (especiação simpátrica). Isto significa que a população de uma dada espécie, distribuída de forma contínua, ao longo de uma área pode sofrer diferenciações locais capazes de caminhar num passo

223 Cf. Ibid., p. 62.

além de gerar espécies diferentes (por definição, reprodutivamente isoladas)"²²⁴.

Hoje se considera que há especiação simpátrica, mas só em "casos especiais de translocações e aloploidia (que Darwin desconhecia) e de estreita diversificação ecológica (que não era mencionada por ele)"²²⁵.

k) Raças e espécies

Quanto a esta questão Darwin considera que "a atribuição de características de variedade, subespécie e espécie a agrupamentos diversos baseia-se apenas em semelhanças e deriva de mera conveniência"²²⁶.

Hoje não se pensa assim. "Variedades e raças geográficas (subespécies) podem se intercruzar livremente e produzir híbridos férteis, enquanto que, entre as espécies, há uma flagrante e irreversível descontinuidade reprodutiva"²²⁷.

Para Darwin, a variabilidade intrapopulacional tornar-se-ia interpulacional dentro de

224 Cf. Newton FREIRE-MAIA, Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética, pp. 62 - 63.

225 Ibid., p. 63; aloploidia: quando a multiplicação dá-se depois de um cruzamento interespecífico; translocação: em genética é a transferência de uma parte diferente de um cromossoma homólogo, ou para um cromossoma não homólogo (que tem quarnição idêntica a outro cromossoma).

226 Ibid., p. 64.

227 Ibid., p. 64.

uma mesma espécie, resultando raças geográficas, que, por seu lado, resultariam diferentes espécies²²⁸.

1) Evolução e progresso

Apesar de muitas vezes associadas com progresso, a evolução, Darwin não a concebia dessa forma, ou seja, qualquer mudança genética é evolução, e não pelo fato de ascender de 'inferior' a 'superior', de 'menos belo' para mais belo, de 'pior' para 'melhor', etc. Manteve-se nos limites do biológico e no conceito de evolução-adaptação²²⁹.

m) Impulso evolutivo e Deus

Em Darwin não se observa a noção de impulso evolutivo, do transcendente ou unidirecionalidade. A evolução "é mera consequência da ação de fatores selecionados à adaptação das populações, a seus ambientes, à competição inter e intraespecífica e ao acaso"²³⁰.

Francis Darwin testemunha a respeito do pai que a respeito de religião sempre foi reticente e mesmo qualquer escrito a respeito nunca pensou em publicá-lo. Considera assunto privado, pendendo para o agnosticismo²³¹.

228 Cf. Ibid., p. 64.

229 Cf. Ibid., p. 64.

230 Ibid., p. 65.

231 Cf. Francis DARWIN, "La religión de Charles Darwin", pp. 165 - 183. In: Charles DARWIN, Autobiografía de Darwin, p. 165.

4. Desdobramentos da teoria da evolução

Julian Huxley divide em três fases, a partir dessa época: darwinismo (1858 a 1890); anti-darwinismo de Bateson (1890 - 1915?) e o atual neodarwinismo. Neste o "conceito central do darwinismo, da seleção natural, foi triunfalmente relacionado aos fatos e princípios da moderna genética, da ecologia e da paleontologia"²³². E segue: "Quando nós, os biólogos, passamos em revista nosso material de hoje, descobrimos, de imediato, a grandeza da contribuição de Darwin; vemos quanto do seu pensamento se incorporou ao arcabouço permanente de nossa ciência, quantas das suas idéias ainda estão vivas e dando frutos. Em primeiro lugar, construímos a partir de sua demonstração de que a evolução ocorreu e teve lugar através de meios naturais, de forma que tanto seu curso como seu mecanismo podem ainda ser investigados por métodos científicos. Além disso, suas idéias sobre continuidade e transformação gradual continuam básicas na biologia evolutiva - mudanças abruptas de grande extensão, como nos poliplóides, são excepcionais. Ele acentuou a importância do tempo como fator na evolução: para que a seleção produzisse mudanças em grande escala, um tempo enorme teria transcorrido - quão

232 Ibid., p. 65.

enorme só agora podemos avaliar. Foi seguindo essas idéias que os biólogos evolucionistas estão calculando, agora, os verdadeiros graus de evolução dos diferentes grupos"²³³.

A seleção natural continua o centro do pensamento biológico²³⁴. São estabelecidos os fundamentos da etologia comparativa com base no naturalismo²³⁵, que deduz da seleção natural as divergências evolucionárias, em termos de espécie e organização (gênero, família, instituições) de tal forma que se possibilite melhor exploração dos recursos do respectivo ambiente, semelhante à divisão fisiológica do trabalho num corpo individual. Explica os fatos pela evolução. Abre caminho para a ciência das plantas e criação de animais com os estudos de fertilização cruzada e os mecanismos para assegurá-la, além dos estudos de variedades sob domesticação²³⁶. Antecipa atuais pesquisas sobre a origem, dispersão e diversificação – de novos tipos, novas etapas – unidades no processo evolutivo²³⁷.

Julian Huxley acaba por assumir, em poucas palavras, a relevância de tal contribuição: "*Que a evolução é um processo natural, envolvendo tanto o homem como todos os outros organismos numa continuidade sem quebra; que a seleção natural inevitavelmente gera novidades, melhorias*

233 *Ibid.*, pp. 30 - 31.

234 Cf. *Ibid.*, p. 31.

235 "Os caracteres físicos e mentais dos organismos são inseparáveis e as emoções e a inteligência devem desenvolver-se tanto quanto o cérebro e a organização corporal". Cf. *Ibid.*, p. 32; etologia: estudo comparado do comportamento dos animais.

236 Cf. *Ibid.*, p. 33.

237 Cf. *Ibid.*, p. 34.

adaptativas e um avanço na organização geral; que os tipos bem sucedidos tendem a diferenciar-se em grupos dominantes; que o progresso da capacidade mental da vida ou, como prefiro colocar, o progresso na organização do conhecimento, foi uma das tendências mais marcantes na evolução dos animais superiores e levou, naturalmente, à aparição de qualidades particulares, mentais e morais, no homem – estas idéias de Darwin, eu diria foram especialmente importantes para o posterior desenvolvimento da teoria evolutiva"²³⁸.

O significado da teoria da evolução para a teoria biológica é a mais central e a mais abrangente, como explica o prof. Newton Freire-Maia. Isto porque é o elemento de ligação e de compreensão das origens da vida. É possível compreender os dados da peleontologia, da embriologia, da anatomia comparada, da biogeografia, da genética, etc., e as semelhanças hierárquicas entre os seres vivos²³⁹.

Sua formação em ciências naturais não o impede de definir a evolução pelo ângulo filosófico, em alguns pontos fundamentais:

"1) Todos os seres vivos atualmente existentes derivam, por transformações sucessivas, de seres vivos diferentes que existiram no passado, os quais, também

²³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 40.

²³⁹ Cf. Newton FREIRE-MAIA, *Ciração e evolução*, p. 46.

por vias de transformação, tiveram a mesma origem; esse processo evolutivo teve início com o início da vida.

2) O surgimento divergente e sucessivo de formas, acompanhadas de um fabuloso número de extinções, foi produzido por causas naturais que continuam a operar atualmente.

3) A evolução é uma consequência de fatores relacionados com a estrutura da própria matéria, com processos de adaptação e com acontecimentos estocásticos²⁴⁰.

4) A mutação é a matéria-prima da evolução. Ocorre ao acaso, no sentido de que seu aparecimento não responde a necessidades adaptativas, mas não ocorre ao acaso no sentido de que não tenha limitações de frequência, de tipo e de amplitude. A constituição da matéria determina, pois, o espectro das mutações possíveis, sendo desta forma, um fator limitante, e, até certo ponto dirigente da evolução.

5) A seleção natural é o fator diretivo mais importante da evolução, ao atuar sobre as mutações disponíveis nas populações²⁴¹.

240 Estocásticos: "acontecimentos estocásticos são os acontecimentos casuais, isto é, ocorrem por acaso. *Ibid.*, p. 46.

241 *Ibid.*, p. 47.

"6) O exame dos seres vivos e da ordem de seu aparecimento ao longo da evolução revela que esta possui uma direção geral, caminhou do mais simples ao mais complexo. A idéia de progresso está implícita na idéia de evolução. A complexidade crescente acompanhou-se de um crescente desenvolvimento do 'psiquismo'. Este processo culminou no homem, com a criação de um ser dotado de propriedades psicológicas existentes apenas em rústico esboço em outros animais, mas deles diferindo de forma qualitativa incomparável.

7) As grandes vias seguidas pela evolução dos seres vivos, em todos os níveis, com as mais diversas taxas e em todas as direções, resultaram da ação de fatores sobre os quais não parecem ter atuado pré-determinações sobrenaturais diretas de ordem teleológica. A solução ocorre como se não houvesse fatores sobrenaturais atuando sobre ela, o que não impede que as inúmeras direções evolutivas gerais, assim como a direção evolutiva fundamental (dos seres vivos mais primitivos ao homem), decorram de predeterminações inscritas na própria estrutura da matéria"²⁴².

Do ponto de vista religioso a evolução é aceita e poderia assim conter um oitavo princípio que

²⁴² Ibid., pp. 47 - 48.

permite falar da criação do mundo manifestadas posteriormente.

Tais generalizações têm uma grande amplitude, com implicações filosóficas, por isso nem todos os cientistas concordam com esses princípios²⁴³.

O fixismo é considerado anticientífico por interpretar o texto bíblico com uma exegese superada²⁴⁴.

Atualmente, a teoria sintética tem o maior número de adesões. *"Admite, como matéria-prima da evolução, as variações genéticas (mutações), que são ambigualmente adaptativas e evolutivas (não ocorrem para atender a quaisquer necessidades da população); por isso, diz que ocorrem ao acaso. A seleção natural as conduz através de canais adaptativos e produz a evolução. Esse fator é aceito como o antiacaso, que, atuando sobre o acaso das mutações, conseguiria dar direções à evolução e criar novidades pequenas ou grandes de uma simples raça geográfica aos vertebrados, aos mamíferos, ao homem"*²⁴⁵.

243 Cf. *Ibid.*, p., 48.

244 Cf. *Ibid.*, p. 49.

245 *Ibid.*, p. 49.

CAPÍTULO III

HERBERT SPENCER

1. Herbert Spencer: Contexto e teoria da evolução

Herbert Spencer, como Darwin, foi por muitos anos combatido e condenado de cátedra, não sendo reconhecido imediatamente pela novidade apresentada. Ainda foi dedicada exclusivamente à sua obra²⁴⁶.

Natural de Derby, Inglaterra, filho de professor, aprende com o pai a faculdade da observação e da reflexão, e a independência de pensamento. A saúde delicada forçou-o aos estudos. O clima familiar era de vasta cultura, discussões livres, tendência à investigação original e aversão a aceitar afirmações por questão de autoridade²⁴⁷.

Esteve por dois anos aos cuidados de um tio, cura de paróquia, aproximação que lhe traz uma nova fase, um rigor disciplinar maior em relação aos estudos. Desenvolveu

246 Cf. Guglielmo SALVADORI, Herbert Spencer e l'opera sua, p. 9.

247 Cf. Ibid., p. 11.

a análise e o pensamento independente, sem frequentar um curso universitário²⁴⁸.

Ao regressar à casa paterna desenvolve estudos de matemática e mecânica, sempre destacando o valor da individualidade, o que vai influir na sua obra sobre educação.

Convidado a trabalhar na construção de uma ferrovia, exerceu a profissão de engenheiro por oito ou dez anos, mas a dedicação maior era ao trabalho intelectual. Retorna de novo à família²⁴⁹. É quando lê Os Princípios de Geologia de Lyell, vendo aí a hipótese da evolução. Torna-se crente na "evolução orgânica, e na teoria da evolução da espécie e da adaptação do organismo ao ambiente pela transmissão hereditária dos caracteres adquiridos"²⁵⁰. Passa a encarar os fenômenos todos com causas naturais, ou seja, o mundo regido por uma "lei uniforme e mecânica"²⁵¹.

Em Londres se torna colaborador e vice-diretor do jornal The Economist. Escreve Estática Social em 1850, sua primeira obra importante, que tenta impedir a circulação por conter premissas metafísicas e teológicas²⁵². Publica Princípios de Psicologia em 1855, antes da Origem das Espécies (1859), segundo os princípios da evolução.

248 Cf. Ibid., pp. 12 - 13.

249 Cf. Ibid., p. 14.

250 Ibid., p. 15.

251 Ibid., p. 15.

252 Cf. Ibid., p. 16.

Sobre a Origem das Espécies considera que há "trinta anos não havia teoria sustentável com respeito à gênese dos seres vivos"²⁵³. Outrossim, destaca "a feliz interpretação de Darwin", levantando pontos capitais, referindo-se às variações favoráveis e seleção natural, relativa a modificações que desencadearam novas formações e sobrevivência do "mais apto", e relativa à alteração de partes com benefícios às espécies²⁵⁴. Por isso, releva como grande a contribuição de Darwin à teoria da evolução²⁵⁵.

Entretanto, "esboçou a teoria da evolução antes de Darwin publicar a Origem das Espécies, e mesmo depois continuou a trabalhar no mesmo sentido"²⁵⁶.

A aceitação de Spencer como o maior homem da época atingiu o máximo de popularidade ao visitar os E.U.A., aclamado pelos capitães-de-indústria, porque justificava a atividade deles²⁵⁷. Afinal, era o defensor do individualismo, e do industrialismo, da recusa ao Estado interventor, e a consideração do triunfo do "mais apto" e os americanos como guardiães das formas de liberdade e mais ainda, da substância da liberdade mesma²⁵⁸. O sucesso econômico vem

253 Cf. Herbert SPENCER, El organismo social, p. 69.

254 Uma espécie de mariposa tida como repugnante à aves insetívoras é simulada em suas cores e traços por um espécie que lhe é estruturalmente diferente. Cf. Ibid., p. 72.

255 Herbert SPENCER, "The factors of organic evolution" In: Essays: scientific, political and speculative I, p. 389 - 478.

256 Corliss LAMONT, The philosophy of humanism, p. 37.

257 Cf. Nicholas TIMASHEFF, Teoria sociológica, p. 63.

258 Cf. Herbert SPENCER, "Les américains", pp. 110 - 136 In: Problèmes de morale et de sociologie, p. 113.

associado à sobrevivência do "mais apto" com equivalência no plano biológico e moral²⁵⁹.

Spencer é tido como um dos "maiores filósofos do século XIX"²⁶⁰, com muitos admiradores e seguidores²⁶¹. As ciências sociais desenvolveram-se entre 1830 e 1914, como lembra *"A primeira das novas ciências sociais a se desenvolver foi a sociologia criada por Augusto Comte e elaborada por Herbert Spencer"*²⁶². A evolução abarca não só indivíduos, e espécies, mas as instituições e as idéias éticas e religiosas²⁶³.

Para Julian Huxley, o problema de Spencer foi o de só estabelecer comparações simbólicas e metafóricas, daí o descrédito posterior à primeira aceitação. O mesmo aconteceu com Haeckel²⁶⁴.

As generalizações sobre evolução antes de Darwin, a cunhagem da expressão *"triunfo do mais apto"* e a aplicação do mesmo conceito, *"luta pela vida"* e *"seleção das espécies"*, só que em termos históricos, fazem de Spencer um *"darwinista social"*²⁶⁵. Em suas palavras: *"Procurando estabelecer a concordância, foi conduzido a constatar este fato que Darwin chamava a 'seleção natural' devia ser*

259 Cf. Corliss LAMONT, The philosophy of humanism, p. 37.

260 Aurélio STOPPOLINI, Herbert Spencer, p. 47.

261 Cf. Ibid., p. 44.

262 Edward MacNall BURNS, História da civilização ocidental, v. II, p. 800.

263 Cf. Ibid., p. 802.

264 Cf. Julian HUXLEY, Ensayos de un biólogo, p., 88.

265 Cf. Vamíreh CHACON, História das idéias sociológicas no Brasil, p. 29.

chamado de uma maneira mais literal a 'sobrevivência do mais apto'"²⁶⁶. Nisto reside o equilíbrio natural. Sobrevivem os "mais aptos" e morrem os indivíduos que arruinam suas funções. utiliza Darwin para dizer "que os mais aptos são os escolhidos e a natureza os conserva"²⁶⁷. Esta escolha é o resultado "indireto de uma forma complexa da universal distribuição da matéria e do movimento"²⁶⁸. Há a interação entre meio ambiente e organismo, o que é necessário para que haja sobrevivência²⁶⁹.

Spencer é considerado, em termos de teoria do conhecimento²⁷⁰, um realista, pois interpreta os fenômenos sociais pelas leis da vida²⁷¹. Situa-se, em juventude, numa época de transição do pensamento científico e filosófico²⁷². "A velha concepção cosmológica, a hipótese da criação especial, a idéias dos cataclismas geológicos era atingida em seus fundamentos, e a interpretação teológica do Universo era fatalmente sacudida pela investigada científica"²⁷³. As novas observações e acúmulos de dados da ciência já podiam resultar numa vasta generalização, influenciando na sociedade, na moral e na religião²⁷⁴.

266 Herbert SPENCER, Une autobiographie, p. 311.

267 Ibid., p. 311.

268 Ibid., p. 312.

269 Cf. Ibid., p. 326.

270 Cf. Caldas CORDEIRO, Sumario da filosofia evolucionista de Herbert Spencer, p. 207.

271 Cf. Ibid., p. 262.

272 Guglielmo SALVADORI, Herbert Spencer e l'opere sua, p. 24.

273 Cf. Ibid., p. 24.

274 Cf. Ibid., p. 25.

Aplica o hábito de seu pai em não explicar nada que fosse causado por um agente natural²⁷⁵. A noção de lei natural uniforme²⁷⁶, utiliza-a no desenvolvimento da ciência social²⁷⁷.

275 Cf. Herbert SPENCER, Une autobiographie, p. 31.

276 Cf. Ibid., p. 32.

277 Cf. Herbert SPENCER, Introduction a la science sociale, p. 416.

CAPÍTULO III

HERBERT SPENCER

Aqui aparece a sua ligação com o positivismo. Pode-se definir a filosofia positiva como uma só? Ou pode-se dizer que Spencer era discípulo de Augusto Comte?

Há um ponto de acordo inicial, ou seja, "que todo conhecimento vem da experiência"²⁷⁸, e que "todo conhecimento é relativo e somente atinge os fenômenos"²⁷⁹.

Spencer protesta contra a afirmação de que professa a filosofia positiva e a tenha recebido de Augusto Comte. Este só enunciou verdades gerais²⁸⁰. Um elemento essencial de discordância é a idéia de causa. Enquanto Comte a inviabiliza, Spencer considera que se destrói a própria consciência se for eliminada²⁸¹. Um outro elemento é quanto a transmutação das espécies. Comte não a admite, apesar de ser um princípio básico do evolucionismo. Comte também não admite a subjetividade do espírito e, em termos políticos, é

278 Herbert SPENCER, "Resposta aos críticos". pp. 29-63. In Classificação das ciências, p. 69.

279 Ibid., p. 70.

280 Cf. Ibid., p. 73.

281 Cf. Ibid., p. 78.

regulamentador. Para Spencer a subjetividade garante a vida individual e a liberdade, não podendo haver uma autoridade externa arbitrariamente reguladora²⁸². Comte, por não admitir a causalidade, só pode conceber o ser coletivo da Humanidade. Spencer admite o Incognoscível²⁸³.

Os acordos, lembra Spencer, restringem-se ao secundário. Por exemplo, quando a marcha evolutiva do indivíduo deve conformar-se com a Humanidade, a formação de uma nova classe de sábios, a noção de consensus social e adota a noção de sociologia, que Comte inventou²⁸⁴. Admitem as semelhanças porque elaboram as duas doutrinas que partem da ciência moderna. Da mesma forma, os dois admitem a analogia entre o organismo individual e social, como Platão e Hobbes²⁸⁵.

A evolução tem na luta pela existência o seu meio indispensável. É ela que gera os "mais aptos", e, em consequência, um tipo superior. A guerra incessante entre as espécies faz crescer a organização²⁸⁶.

282 Cf. Ibid., p. 83.

283 Cf. Ibid., p. 84.

284 Cf. Ibid., p. 85.

285 Cf. Ibid., p. 90.

286 Spencer assim explica o desenvolvimento das faculdades pelo combate universal: "Os órgãos de percepção e de locomoção desenvolveram-se pouco a pouco, mercê da ação recíproca de indivíduos perseguidos e perseguidores. Ao aperfeiçoarem-se os membros e os sentidos prestaram um concurso melhor às vísceras, e em troca estas aportaram em melhores condições e sempre oxigenando os membros e os sentidos, por outra parte, em cada grau superior um governo nervoso mais perfeito e mais a propósito para coordenar as ações destes aparelhos complexos. A morte por inanição, a respeito dos animais carniceiros, e a morte por destruição a respeito dos que servem de presa àqueles, fizeram desaparecer as espécies e os indivíduos menos favorecidos pela natureza. Todo o progresso na força, velocidade, agilidade, e sagacidade dos animais de uma destas classes, tem por consequência um progresso análogo entre os da outra; sem os esforços repetidos continuamente, para colher a presa ou para fugir do inimigo, sob a

Não quer dizer que esta guerra se eternize. Pode haver emprego diferente na organização que se torna superior, pois pode surgir aptidão para outros fins.

O mesmo ocorre nos organismos sociais. "A luta pela existência entre as sociedades foi o instrumento de sua evolução" , mas também, a ação combinada para o ataque e a defesa foi o ponto de partida para a cooperação social, sob todas as formas que se apresentam. Mas, há que se destacar que "sem tais horrores ... o mundo estaria habitado por homens de tipo mais débil"²⁸⁷.

Já se falou que Spencer é o Hobbes do século XIX, enquanto Hobbes, no século XVII, percebia o aguçamento da luta pela guerra entre classes na Inglaterra e Spencer vê no século XIX a luta pela solidificação do capitalismo no triunfo de uns empresários industrias, em detrimento de outros. Também a Inglaterra disputava as colônias afro-asiáticas, onde se deu a partilha do mundo entre as nações européias, ao lado da Bélgica, França, Itália e Alemanha. A melhor parte era o mais apto. O próprio Spencer refere-se ao paralelismo entre a sociedade e o organismo humano estabelecido por Hobbes²⁸⁸ e a correspondência do organismo com seu ambiente²⁸⁹.

pena da vida, nem uns nem outros poderiam realizar seus progressos". Institutiones politicas, I, p. 21.

287 Ibid., p. 22

288 Cf. Herbert SPENCER, "The social organism", pp. 265-307. ESSAYS: scientific, political and speculative, I, p. 270.

289 Cf. Herbert SPENCER, L'evoluzione del pensiero, p. 27

A temática está desenvolvida em O organismo social. Vê o estágio da sociedade de seu tempo, ou seja, a organização industrial como resultado da pressão das necessidades humanas e de suas atividades correspondentes, com a conseqüente divisão do trabalho²⁹⁰. A abolição da organização industrial faria morrer multidões. Ninguém a inventou, mas brotou dos esforços individuais, e todos são produtos da sociedade. Modelam, mas também são moldados²⁹¹.

2. Fundamentos da vida Social

A interpretação da sociedade está em sua obra, que contribuí para o desenvolvimento da sociologia, termo inventado por Augusto Comte, e que considera o mais apropriado. Lembra que não está preocupado com a legitimidade de sua etimologia²⁹². A importância está em que ela estuda o último plano da evolução: o da evolução superorgânica. Se a evolução orgânica vê o organismo no seu desenvolvimento, idade madura e decadência, com ações e reações no organismo, a evolução superorgânica é algo mais que a ação combinada dos pais. Define-a como *"operações e produtos que implicam ações coordenadas que causem efeitos superiores, por sua extensão e sua complexidade, aos que*

290 Cf. Herbert SPENCER, El organismo social, p. 1.

291 Cf. Ibid., p. 8.

292 Cf. Herbert SPENCER, Los datos de la sociologia, p. 5

podem organizar as ações individuais"²⁹³. Observa-se, por exemplo, divisão do trabalho em insetos, formando uma sociedade, com aparelhos e funções. Nas formigas há funções distintas como machos-fêmeas, soldados-trabalhadores, machos alados e não alados²⁹⁴.

Esta organização de insetos é intermediária entre a evolução orgânica e a superorgânica. Estende-se a corvos, mamíferos em rebanho, castores e alguns primatas, com suas peculiaridades²⁹⁵.

Spencer divide em quatro pontos as escalas evolutivas:

1º Evolução orgânica;

2º Nova e superior evolução;

3º Evolução superorgânica com vários gêneros de evolução;

²⁹³ *Ibid.*, p. 9.

²⁹⁴ "Nas formigas saúva, há além das formas em que os órgãos sexuais estão desenvolvidos, três em que não estão, isto é, uma classe de trabalhadores do interior e de operários do exterior. Além da divisão do trabalho entre indivíduos da sociedade, cujos aparelhos são diferentes, encontramos em determinados casos uma nova divisão do trabalho que se opera pela redução de outras formigas à escravidão. Também vemos que certos insetos guardam outros para apoderar-se de secreções, e em outros casos para fins que ignoramos, até o ponto de que se pode dizer, com Sir John Lubok, que algumas formigas sustentam mais animais domésticos que homens. Acrescentamos que os membros destas sociedades possuem um sistema de sinais equivalentes a uma linguagem informe, e que praticam complicadas operações de sapa, terraplenagem e edificação. Da divisão metódica de ditas edificações pode julgar-se pelo relato de Luckey, que assegura que no Congo 'encontrou uma aldeia completa de formigueiros colocados com uma regularidade que nas aldeias dos nativos'. Segundo Schweinfurth faria falta um volume para descrever os armazéns, os quartos, os passadiços e as pontes que contém um formigueiro de térmitas". *Ibid.*, p. 11.

²⁹⁵ Especialmente os corvos que têm idéia rudimentar de governo, regulamento de entradas e saídas, vigilância. Tal cooperação é comparável a grupos de pequenos grupos de homens isolados de grandes organizações. *Ibid.*, p. 12.

4ª A superior vem da inferior (do reino animal).

A evolução superorgânica "sobrepuxa de tal modo às demais em extensão, em complexidade e importância"²⁹⁶.

Na evolução social observam-se fatores da evolução orgânica. Ocorre nos homens o mesmo que ocorre nos objetos inanimados, ou seja, dependem de uma combinação de forças internas e externas²⁹⁷. É o mesmo que ocorre num agregamento de corpos orgânicos, como os membros de uma espécie. *"Uma espécie aumenta ou diminui em número, estende ou reduz a área de sua habitação, emigra ou permanece sedentária, continua no seu gênero de vida ou adota um novo, sob a influência combinada de sua natureza intrínseca e das ações circundantes inorgânicas e orgânicas"*²⁹⁸.

Os fatores sociais contém uma divisão em fatores intrínsecos (clima, superfície do solo, produções vegetais e fauna). É o meio determinando a evolução social²⁹⁹.

O homem individual tem caracteres físicos para influir no desenvolvimento e estrutura da sociedade, pela sua inteligência.

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 14.

²⁹⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 15-16.

²⁹⁸ *Ibid.*, p. 16.

²⁹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 16.

Há fatores secundários no processo, que são as modificações dos mundos orgânico e inorgânico, efeitos das ações sociais, rupturas e saneamentos, espécies e quantidade de vida vegetal, aumento de volume do agregado social que afeta a cooperação de movimentos, ações e reações da parte com o todo³⁰⁰.

Quanto aos fatores originais externos há o clima quente que gera as primeiras civilizações. Uma *"condição necessária da evolução social durante as primeiras fases do progresso quando a vitalidade social é leve, é a abundância do calor e da luz"*³⁰¹. As raças menos ativas vão sendo englobadas pela superioridade de outras melhor constituídas³⁰², por pressão e pela dificuldade de escapar à pressão. *"A natureza do meio concorre com a natureza dos homens para determinar os fenômenos sociais"*³⁰³.

Há um critério para considerar as sociedades mais avançadas: é o grau de complexidade atingido. Então não depende só das condições locais, mas prospera em lugares desfavoráveis. Há um controle maior sobre os fatores externos.

300 "As unidades sofrem incessantemente modificações que se superpõem, e depois de havê-las sofrido, seguem acumulando continuamente modificações de estrutura social sobre as modificações primitivas. Finalmente, esta cooperação do indivíduo e da sociedade se converte em uma causa poderosa de transformação para um e para outra". *Ibid.*, p. 20.

301 *Ibid.*, p. 31.

302 Cf. *Ibid.*, p. 37.

303 *Ibid.*, p. 55.

Quanto ao homem primitivo emocional em relação com o atual, a complexidade progressiva foi se estabelecendo. Como está nos Princípios de Psicologia e recordado aqui, o que mede este desenvolvimento é a representatividade dos estados de consciência que aparece *"na integração mais extensa das idéias, na maior nitidez com que se representam, na maior complexidade dos grupos integrados, assim como também na maior heterogeneidade de seus elementos, podendo-se acrescentar agora que a maior representatividade revela-se também pelas maiores distâncias de tempo e espaço a que se estendem as representações"*³⁰⁴

Outro elemento útil é o grau de alheamento da ação reflexa primitiva, ou seja, o primitivo adotava atitudes repentinas e irrevogáveis sem esperar por testemunhas e cuidadoso raciocínio. Para se ter uma idéia do homem primitivo é só compará-lo com a impetuosidade de uma criança, sua imprevisão, alegria³⁰⁵. O sentimento de propriedade é rudimentar, pois, se nada armazena, nada deseja.³⁰⁶

Os caracteres emocionais com maior ou menor grau de dependência, freios ou ausência de freios afetam de maneira direta a formação de grupos sociais, como os habitantes de Malaca, onde cada um vive como se estivesse só

304 Ibid., pp. 82-83.

305 Cf. Ibid., p. 92.

306 Cf. Ibid., p. 93.

no mundo, sempre livres e sem possuir nada³⁰⁷. É a aglomeração que aumenta a sociabilidade, e mantém a ação dos indivíduos sempre em xeque³⁰⁸.

Pela noção de ego-altruísmo Spencer explica o desejo dos egoístas gostarem de viverem em sociedade por causa do sentimento de admiração que os outros lhes atribuem³⁰⁹. O aplauso é freio com importante papel na evolução. Em outros termos, é o respeito pela opinião pública como fator de ordem. O homem na civilização passou a se comportar a partir de previsão, respeito à autoridade e cooperação mútua³¹⁰.

Quanto ao homem primitivo intelectual, não possui ele concepção dos fatos gerais³¹¹. Tem estreito limites de correspondência no tempo, poucas relações de fenômenos, em relação com as coisas restritas no espaço e no tempo³¹² e rigidez de crença³¹³. As idéias de propriedade e causa já são abstratas e demonstram um grau superior. Passa a haver uma uniformidade e generalidade na ordem dos fenômenos e, conseqüentemente, a idéia de lei e de verdade³¹⁴, de ceticismo e de crítica. O primitivo recebe e

307 "Desde o momento que um homem pode permanecer como por exemplo entre os TODAS, horas e horas sentados sem fazer nada e sem buscar companhia de ninguém, tal homem se sentirá menos disposto a sofrer as restrições que se ponham à sua independência ...". Cf. *Ibid.*, p. 94.

308 Cf. *Ibid.*, p. 94.

309 Cf. *Ibid.*, pp. 97-99.

310 Cf. *Ibid.*, p. 112.

311 Cf. *Ibid.*, p. 113.

312 Cf. *Ibid.*, p. 114.

313 Cf. *Ibid.*, p. 115.

314 Cf. *Ibid.*, p. 116.

repete. A originalidade é possível quando se pode ter domínio de representação sobre o meio, uma compreensão cada vez mais de combinações que não estão à vista na natureza³¹⁵.

Tais fatos comprovam a sobrevivência dos "mais aptos", que exige a cada instante firmeza de seus sentidos, rapidez de suas observações e dos efeitos em utilizar as armas mais depressa. A percepção, de início incessante, passa para pensamentos serenos e deliberados³¹⁶.

Há *"analogia entre o progresso de nutrição do corpo e o progresso de nutrição mental. Os tipos superiores de espírito, como os tipos superiores de corpo, são mais capazes de escolher os materiais apropriados para a assimilação"*³¹⁷. Então, há maior facilidade para escolher a verdade³¹⁸. Há um antagonismo entre a capacidade perceptiva e capacidade reflexiva³¹⁹. A forma rudimentar de inteligência contém percepção simples, imitação, só idéias concretas e incapacidade de idéias abstratas³²⁰. De outro lado, o *"desenvolvimento das faculdades intelectuais superiores marchou pari passu com o progresso social, ao mesmo tempo, como causa e como efeito; que não era possível que o homem primitivo desenvolvesse essas faculdades intelectuais superiores por faltar-lhe um meio adequado, e que, neste, em*

315 Cf. *Ibid.*, p. 117.

316 Cf. *Ibid.*, p. 121.

317 *Ibid.*, p. 122.

318 Cf. *Ibid.*, p. 122.

319 Cf. *Ibid.*, p. 126.

320 Cf. *Ibid.*, p. 134.

outros pontos de vista, retardou-se seu progresso pela carência de faculdades que só o progresso podia fazer nascer"³²¹.

Spencer admite que também pode haver retrocesso. Conceber a evolução de tal forma que tudo venha a ser superior é uma idéia falsa. "Ordinariamente não há progresso sem retrocesso, e, freqüentemente, o resultado é a produção de uma forma mais simples porque certos aparelhos, precedentemente adquiridos, chegam a ser supérfluos nas novas condições. Só aqui e lá as mudanças ambientes acarretam ao organismo uma nova complexificação e produzem em consequência, um tipo algo superior"³²².

Há um preço na evolução: "o progresso de certos tipos implica o retrocesso de outros"³²³. Isto é causado pela rivalidade entre os indivíduos mais fortes e os mais fracos, sendo que os primeiros ficam em regiões mais favoráveis impelindo os outros a regiões desfavoráveis. Uns desenvolvem faculdades superiores e outros não acham condições adequadas³²⁴. Assim, há o "desuso e perda de faculdades superiores"³²⁵. "Quando a comarca impõe uma maneira de viver de ordem inferior, segue-se uma degradação"³²⁶. Isto tem como consequência, "diminuição da

321 Cf. *Ibid.*, pp. 139-140.

322 *Ibid.*, p. 143.

323 Cf. *Ibid.*, p. 144.

324 *Ibid.*, p. 144.

325 *Ibid.*, p. 144.

326 *Ibid.*, p.

326 *Ibid.*, p. 145.

magnitude ou rebaixamento de estrutura"³²⁷. Os fatos se demonstram pelas civilizações que não existem mais³²⁸.

3. O progresso: sua lei e sua causa

*"A série de mudanças operadas por um grão que se desenvolve e torna-se árvore, por um ovo que se torna animal, não é outra coisa mais de que a passagem de uma estrutura homogênea para uma estrutura heterogênea".*³²⁹

Esta passagem da uniformidade à heterogenidade surge pela diferenciação e contraste entre as suas partes, definindo-se por uma nova forma. Entre diferenciações, combinações de tecidos é que se constituem o animal ou planta adulta. Todos os organismos estão submetidos a esse progresso.³³⁰

Spencer se propõe a demonstrar que a lei do progresso orgânico é a lei de todo o progresso. "Trata-se do desenvolvimento da terra, do desenvolvimento da vida e, na sua superfície, do desenvolvimento da sociedade, do governo, da indústria, do comércio, da linguagem, da literatura, da ciência, da arte, sempre o fundo é esta mesma evolução que

327 *Ibid.*, p. 145.

328 Cf. *Ibid.*, p. 145.

329 Herbert SPENCER, *Lei e causa do progresso*, p. 7.

330 Cf. *Ibid.*, p. 7.

vai do simples ao complexo, através das diferenciações sucessivas".³³¹

Exemplifica com o sistema solar. Pela hipótese nebular, previamente, havia uma matéria difusa, que pela gravitação houve contração de átomos, havendo uma diferenciação entre espaço cheio e espaço vazio. Daí, a diferença entre densidade e temperatura, interior e exterior, velocidade de movimento de rotação, até aparecer este organizado de sol, planetas e satélites. E entre estes astros o surgimento do contrastes, de volume e peso, mobilidade, velocidade, temperatura, distância em relação aos centros de revolução, inclinação de órbitas e eixos, duração de rotação sobre os eixos, peso, constituições físicas, etc.

Outros exemplos são utilizados como o relevo da terra³³², a diferenciação do clima³³³. os organismos na flora e na fauna³³⁴, os vertebrados³³⁵, e enfim, o homem³³⁶ no aumento e diferenciação das raças. No europeu a superioridade avançou em muito em relação aos mamíferos placentários. Basta ver a superioridade das pernas quanto ao comprimento e à grossura. Outro exemplo é a heterogeneidade crescente de coluna vertebral e das vértebras que formam o

331 Ibid., p.7.

332 Cf. Ibid., p. 13.

333 Cf. Ibid., p. 14.

334 Cf. Ibid., p. 15.

335 Cf. Ibid., p. 17.

336 Cf. Ibid., p. 20.

crânio. Diminuem os ossos do queixo e crescem os ossos que progetam o cérebro. Aqui está o maior distanciamento do selvagem, além do sistema nervoso mais complexo e mais heterogêneo³³⁷.

O mesmo exemplo é aplicado ao indivíduo, em cada tribo e em cada nação. Nos primitivos a única deferença é o sexo: nenhum homem é especializado e nem a mulher. Une-se em família, sem o auxílio dos outros. O primeiro poder é coetâneo do mesmo primeiro progresso. O soberano primitivo fazia o mesmo trabalho de cada um. *"Gradualmente, à medida que a tribo fazia progresso, o contraste entre o governante e os governados acentuava-se cada vez mais. O poder supremo torna-se hereditário em uma família; o chefe dessa família, deixando de prover por si próprio suas necessidades, é servido pelos outros; e o governo torna-se sua única função"*³³⁸.

Outra espécie de governo aparece: a regilião. O rei era divinizado e o primeiro dos reis tinha sido o deus supremo, cultuado em templos e orações. Por isso, o governo civil e religioso sempre foram associados sem muita diferenciação³³⁹. Os sinais de respeito evoluem por aí: primeiro, o Deus-rei; depois, a hierarquia e finalmente a homem-homem. Os cumprimentos seguem a ordem: de prisioneiro

337 Cf. *Ibid.*, p. 21.

338 Cf. *Ibid.*, p. 24.

339 Cf. *Ibid.*, p. 26.

para vencedor; de súdito a soberano; de homem para Deus e descendo às relações ordinárias.

Sinais de adoração ao soberano tornaram-se sinais de saudação, primeiro ao soberano morto, depois à hierarquia, e por fim a qualquer pessoa encontrada. Surge a diferenciação entre religiosos e seculares. Igreja e Estado. Depois, a criação de órgãos visíveis de poder: um monarca, ministros, lordes e comuns, departamentos administrativos, tribunais de justiça, fisco, respectivamente com representantes nas províncias, prefeituras, condados, paróquias e uniões³⁴⁰. O cotidiano popular vai se distanciando do soberano em termos físicos, mas a regulamentação está presente em todos os meandros.

Na especificação cria-se um organismo religioso, com a respectiva hierarquia. Criam-se os costumes que não são regulamentados³⁴¹. Em seguida, a divisão da massa de trabalhadores, com a divisão do trabalho que se observa na civilização. E, depois, as estradas facilitando a comunicação, podendo haver intercâmbio de objetos úteis entre cidades, nações, especializando-se a indústria de cada povo. Estabelece-se a união econômica da raça humana, como produtores, comerciantes e operários³⁴².

340 Cf. *Ibid.*, p. 27.

341 Cf. *Ibid.*, p. 28.

342 Cf. *Ibid.*, p. 30.

Também todos os produtores abstratos, reais ou ideais da atividade humana pertencem à mesma lei. Há o exemplo da linguagem, da exclamação de um único som, depois nomes e verbos, depois os verbos se diferenciaram, e também os nomes, verbos auxiliares, adjetivos, advérbios, pronomes preposições, artigos. As variedades de um discurso ampliam-se e em *"todos estes fatos se nota a passagem do homogêneo para o heterogêneo. E, pode observar, incidentemente, é sobretudo porque ela se estendeu e completou mais do que as outras esta divisão de funções, que a língua inglesa é superior a todas as línguas"*³⁴³.

A filologia tem os exemplos de diferenciação das palavras vizinhas pelos sentidos, quando de início o sentido era um só (a raiz primitiva). A dispersão das raças diversifica ainda mais as línguas: da falada para a escrita, entrando em conexão com a pintura, com a escultura, que juntas dependiam da arquitetura e da primeira forma de governo, a teocracia³⁴⁴, e à sua forma de organizar a direção política. Os sinais foram se diferenciando conforme as funções que exerciam, até a sofisticação da criação da imprensa, que também assumiu muitas formas³⁴⁵.

A decoração mural se transforma em pintura e escultura, que, por sua vez, se especializando, chegam à perfeição de formas e fazem separar a pintura da própria

343 *Ibid.*, p. 32.

344 Cf. *Ibid.*, p. 34.

345 Cf. *Ibid.*, p. 35.

escultura. Por sua vez, passam nos diversos povos, a servir à religião e à política³⁴⁶.

A mesma realidade está na poesia, música e dança. No início os cantos eram monótonos e ritmados, com palmas, para a celebração política e religiosa, para celebrar o culto a Deus ou à vitória do rei. David dança diante da arca, o povo pela vitória contra os egípcios³⁴⁷. Na Grécia o canto e a música são entremeados da vida e aventura do deus, entre os romanos as danças sálias e luperciais, nos países cristãos o povo dança em coro em honra de um santo. Na Grécia começa a separação entre danças semi-religiosas, semi-guerreiras e as danças propriamente guerreiras, originando-se as danças seculares. A música e a poesia separam-se da dança³⁴⁸ e a poesia vai dividir-se em épica e lírica. Hoje estão separados poeta, compositor, cantor e instrumentalista³⁴⁹.

A mesma heterogeneidade vai se manifestar aumentando as cordas da lira, aumento de coros, variadas formas de músicas³⁵⁰. Na literatura desenvolvem-se as várias formas de escrita, a ciência se separa da arte, que antes ambas eram unidas à religião³⁵¹.

346 Entre egípcios, assírios, gregos e cristãos, a heterogeneidade aparece nos vários objetos que atinge. "Por muito pouca semelhança que haja hoje entre eles, o busto colocado no bofete, a paisagem pendurada na parede, e o número do Times que está sobre a mesa são parentes remotos" Ibid., p.

347 Cf. Ibid., pp. 44-45.

348 Cf. Ibid., pp. 45-46.

349 Cf. Ibid., p. 46.

350 Cf. Ibid., p. 52.

351 Cf. Ibid., p. 53.

A lei de todo desenvolvimento orgânico é a lei de todo desenvolvimento³⁵², nas primeiras mudanças, na evolução geológica, na formação dos climas, em todo organismo, na evolução da humanidade, na organização política, religiosa e econômica, na evolução de todos os produtos da atividade humana. a partir do que é visível, *"eis em que o progresso consiste essencialmente: é na transformação do homogêneo para o heterogêneo"*³⁵³.

Spencer pergunta que necessidade fundamental seria a raiz do progresso. "Podemos procurar racionalmente algum princípio de aplicação universal, que determine a marcha universal das coisas. A universalidade da lei não faz presumir uma causa universal?"³⁵⁴.

É o que é possível fazer, pois, *"atingir isto seria resolver o último dos mistérios que deve ultrapassar a inteligência humana. Mas, podemos elevar a lei de todo progresso acima estabelecido, do estado de generalização racional. Do mesmo modo que era possível ver as leis de Kepler como conseqüências necessárias da lei da gravitação, assim também é possível ver na lei do progresso, sob suas manifestações variadas uma conseqüência natural de algum princípio igualmente universal. Do mesmo modo, que a gravitação podia ser considerada como causa de todos os grupos de fenômenos que Kepler reduziu a fórmulas; assim*

352 Cf. *Ibid.*, p. 53

353 *Ibid.*, p. 53

354 *Ibid.*, p. 53.

também pode haver um atributo de coisas que se designe como causa de todos os grupos de fenômenos ...".³⁵⁵

A causa geral aparece como provável e, daí, talvez seja possível a sua formulação, considerando seus caracteres gerais e a direção para procurá-la³⁵⁶. A causa é abstrata enquanto se aplica a fenômenos variados; e é universal, e se aplica a fatos muito diversos. "É a que determina toda a espécie de progresso: astronômico, geológico, orgânico, etnológico, social, econômico, artístico, etc.. Deve, pois, relacionar-se algum atributo comum a estas diversas espécies; e pode exprimir-se por meio deste atributo fundamental. Todos os gêneros de progresso se assemelham a este ponto único, que todos são modos de mudanças; e desta maneira a resposta procurada será fornecida por algum dos caracteres de mudança em geral. Podemos conjecturar a priori que a explicação da universal transformação do homogêneo para o heterogêneo está em alguma lei de mudança"³⁵⁷. A partir disto a lei pode ser enunciada: "Toda a força ativa produz mais de um efeito"³⁵⁸.

A mudança (ou efeito) não é apenas de posição no espaço de um corpo ao chocar-se a outro, mas há vibração, várias correntes agitaram-se, desenraizaram-se partículas; e além disso houve o princípio de muitas mudanças. "Não há

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 54.

³⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 55.

³⁵⁷ *Ibid.*, p. 56.

³⁵⁸ *Ibid.*, p. 56.

caso algum em que uma força ativa não desenvolva forças de muitas espécies, e em que dada uma dessas forças não desenvolva outros grupos. É regra universal: o efeito é mais completo que a causa"³⁵⁹.

Aplicando-se o mesmo ao universo vê-se como foi possível a ampliação crescente das coisas, pela produção demais de um efeito"³⁶⁰. "Toda mudança é seguida de muitas outras mudanças"³⁶¹ e que "uma só força produz muitas mudanças ..."³⁶².

Spencer não admite que haja clareza completa nestas explicações. "Conservam-se sempre nas trevas, para nós essas misteriosas propriedades em virtude das quais o gérme, uma vez exposto a influências convenientes, sofre tais mudanças especiais, ponto de partida da série de transformações"³⁶³. O que se quer mostrar é que mesmo tais propriedades sendo misteriosas, há a evolução"³⁶⁴ e deve ter havido alguma tendência nesse sentido"³⁶⁵.

Aplicando à raça humana, constata que viemos de uma só raça, que submetida a condições diferentes,, fez surgir muitas raças"³⁶⁶.

359 *Ibid.*, p. 58.

360 Cf. *Ibid.*, p. 58.

361 *Ibid.*, p. 73.

362 *Ibid.*, p. 77.

363 *Ibid.*, p. 78.

364 Cf. *Ibid.*, p. 78.

365 Cf. *Ibid.*, p. 79.

366 Cf. *Ibid.*, p. 85.

A lei e a causa do progresso podem ser aplicadas hipoteticamente às formas primitivas de vida. Nas formas mais recentes é possível a verificação pela evidência de provas³⁶⁷.

Interessa, porém, mais aos objetivos desta pesquisa, a aplicação destes princípios à sociedade ao se explicar a marcha para a organização industrial. Por exemplo: a aptidão de um indivíduo para fabricar armas o leva a ter este trabalho especializado enquanto função social. A pressão recebida, os elogios pela qualidade, acabam tornando-o mais hábil ainda, fazendo seus produtos superiores e tornando completamente inúteis os outros. Fortificam-se as razões da divisão do trabalho³⁶⁸. *"Notai agora, que em consequência destes dados não somente a massa social se deferencia em duas partes, da qual uma tem o monopólio, ou o quase monopólio de certa função, e a outra perdeu o hábito e até certo ponto a capacidade de preencher essa função; mas, por outra, este deve ser o ponto de*

especializações de operários, que, sendo rivais, vão produzir artigos de nível superior, pelas novas técnicas e materiais empregados. Aumenta a habilidade manual, a inteligência, o bem-estar, apuram-se os gostos e hábitos. *"Assim há evolução que transforma uma sociedade homogênea em heterogênea, e, evidentemente, a consequência do princípio geral, que muitos efeitos são produzidos por uma só causa"*³⁷⁰.

O processo leva à industrialização especializada em cada cidade, até chegar às minas, navegação, manufaturas e a grande invenção: a locomotiva³⁷¹.

É necessário concluir que o progresso não é accidental e nem originado pelo homem. Há incógnita e o mistério permanece. Spencer, aliás, não considera que a sua filosofia seja a resolução de todas as outras anteriores, pois, seria ignorar o fim e os limites da ciência. O que está além continua ininteligível. Admite que a incógnita desta equação nunca será descoberta e que o universo é um problema insolúvel³⁷². O que há são mudanças, mas não há como descobrir o começo nem o fim. Quando o homem *"observa a si próprio, vê que as duas extremidades do fio da consciência estão fora do seu alcance: não pode recordar se quando ou como a consciência começou, e não pode também compreender a*

370 *Ibid.*, p. 91.

371 *"A locomotiva, causa próxima do nosso sistema de caminhos de ferro, mudou a face do país, a marcha do comércio e os hábitos de todos."* *Ibid.*, p. 92.

372 *Ibid.*, p. 100.

consciência que existe em um momento de consciência ter passado, que ele se torna objeto do pensamento, e não quando passa"³⁷³.

Descobre que as coisas são impenetráveis, na origem, na essência, e fim último. Nesse estágio percebe que "a discussão dos materialistas e dos espiritualistas é pura questão de palavras" e absurda. "Em todas as direções, suas investigações o põem face a face como o incognoscível; o sábio conhece cada vez mais distintamente o que é desconhecido. Aprende ao mesmo tempo a grandeza e a pequenez do espírito humano, seu poder perante o que é submetido à verificação da experiência, sua impotência em relação ao que ultrapassa a experiência. Sente, com vivacidade que não é permitida a nenhum outro, a incompreensibilidade do mais simples fato, considerado em si mesmo. Somente ele, na verdade, vê que o conhecimento absoluto é impossível. Somente ele conhece que sob todas as coisas oculta-se um impenetrável mistério"³⁷⁴.

4. A ética

Ao elaborar a ética, Spencer, supera uma primeira visão onde considerava a existência do

373 *Ibid.*, p. 101.

374 *Ibid.*, p. 102-103.

sobrenatural, apesar de ter o biológico como princípio. Desde então, a moral passa a ser encarada do ponto de vista essencialmente natural, ou seja, evolucionária³⁷⁵. Coerente com a passagem da homogeneidade para a heterogeneidade, a conduta mais perfeita é a que *"assegura mais duradoura, mais ampla e mais complexa vida"*³⁷⁶

As regras de conduta existem no reino animal como na espécie humana, Não se trata aqui de aprovação ou censura sobre os atos, mas o estudo da conduta. E a conclusão é que *"os mais fortes e os mais hábeis gozam os resultados de sua adaptação perfeita; os que o são menos sofrem as consequências de uma adaptação defeituosa"*³⁷⁷

À luz da ética tais leis têm sido salvaguarda da vida animal e a vida evolui gradualmente até as suas mais elevadas formas. A organização das espécies gera progressos e melhora o cuidado com a progenitura, a sobrevivência dos adultos *"mais aptos"* para a concorrência aperfeiçoar a vida³⁷⁸

Sobre a continuidade das espécies a sua conservação é mais importante que a dos indivíduos, apesar de a espécie ser um aglomerado de indivíduos, e continua em

375 Cf. Herbert SPENCER. A justiça, p. IV.

376 Ibid., p. 2.

377 Ibid., p. 2.

378 Cf. Ibid., p. 4.

função do bem estar destes. Mas, o fim da espécie representa o fim dos indivíduos³⁷⁹

Os corolários que derivam deste princípio são:

1.) *"Os adultos devem subordinar-se à lei que lhes assegura vantagens na direta proporção dos méritos que possuam, avaliando-se estes pelo seu maior ou menor poder de auto-sustentação"*³⁸⁰. Este corolário sendo contrariado faria pôr em risco a espécie, pois sacrificar superiores em detrimento dos inferiores, comprometeria o bem estar geral. Aumentar-se-ia o número de inferiores, enfraqueceria a espécie e o fim seria a extinção³⁸¹.

2.) *"Durante a menoridade, enquanto o auto-sustento não é possível, e mesmo depois quando ele se realiza ainda imperfeitamente, o auxílio prestado deve ser tanto maior quanto menor for a aptidão dos novos membros familiares"*³⁸².

A gratuidade do auxílio ao desprotegido é total no início, mas deve se afrouxar depois, senão também a espécie estaria comprometida em sua sobrevivência. Isso significa a subordinação proporcional e voluntária dos adultos³⁸³

379 Cf. *Ibid.*, p. 5.

380 *Ibid.*, p. 5.

381 Cf. *Ibid.*, p. 6.

382 *Ibid.*, p. 6.

383 Cf. *Ibid.*, p. 6.

3) Em terceiro lugar, pode a dedicação à prole passar à prosperidade comum, assegurando à espécie um número de indivíduos. A subordinação está justificada em função da espécie³⁸⁴.

Spencer permite-se falar em justiça infra-humana quando os inferiores obtêm menos vantagens que os superiores e formula uma lei: *"Todo indivíduo tem que sujeitar-se aos efeitos de sua própria natureza e à linha de conduta que essa natureza lhe impõe"*³⁸⁵.

Esta justiça infra-humana é considerada imperfeita pela sua pouca chance de firmar-se, pois espécies são reduzidas a nada por incapacidade de luta. Por outro lado, as catástrofes tanto dizimam as espécies de má adaptação como as de boa adaptação³⁸⁶.

A possibilidade de esta justiça acentuar-se é pelo desenvolvimento da organização animal, quando apoderar-se da vítima ou escapar de ataque foram atitudes aprimoradas e a independência de acidentes vai se acentuando³⁸⁷. Pode-se formular a lei: *"A justiça aparece na escala animal tanto mais nítida quanto mais alto é o grau dessa escala"*³⁸⁸.

O agrupamento fica sendo a salvaguarda dos indivíduos e um fato novo da justiça infra-humana: "a

384 Cf. *Ibid.*, p. 6.

385 *Ibid.*, p. 7.

386 Cf. *Ibid.*, p. 9.

387 Cf. *Ibid.*, p. 10.

388 *Ibid.*, p. 11.

conduta média não deve ser agressiva até ao ponto de anular as vantagens derivadas da associação"³⁸⁹. Passa a ser inconveniente a cada um o desrespeito a esses limites, pois redundaria em desconforto e castigo. A cooperação harmônica passa a ser a priori como quase lei³⁹⁰. A cooperação da espécie é o fim supremo³⁹¹. A harmonia maximiza os resultados.

Qual a prioridade e a esfera destes princípios? Responde Spencer: "A lei primordial para todos os seres é a da relação entre a conduta e as conseqüências dela derivadas"³⁹². Os mais prósperos são os melhores adaptados às condições de existência. A cooperação é uma lei imperativa para quem quer os benefícios da harmonia, ou seja, a todos indistintamente da coletividade ela se impõe³⁹³.

O sacrifício de alguns membros à espécie só é justificável quando as vantagens superam os prejuízos à coletividade e enquanto há inimigos ameaçando³⁹⁴.

A justiça humana só se distingue da justiça infra-humana por uma questão didática, pois, é seu ulterior desenvolvimento, a outra parte de uma todo³⁹⁵. Com os

389 *Ibid.*, p. 13.

390 Cf. *Ibid.*, p. 14.

391 Cf. *Ibid.*, p. 15.

392 *Ibid.*, p. 16.

393 Cf. *Ibid.*, p. 17.

394 Cf. *Ibid.*, p. 17.

395 Cf. *Ibid.*, p. 18.

progressos da organização a justiça vai se acentuando³⁹⁶. "Na agregação humana, a diversidade das faculdades contribui num grau mais reforçado ainda e durante períodos maiores, para favorecer os seres superiores e deprimir os inferiores, uns e outros submetidos à influência contínua da relação entre conduta e as suas conseqüências"³⁹⁷. Assim, interferem a longevidade individual e as diferenças de situação social geradas pela civilização no sentido de agudizar os resultados de boa ou má adaptação³⁹⁸.

A cooperação acontece por causa do interesse individual. Se na agricultura já se fazia notar, na industrialização a variedade aumenta, gerando densos agrupamentos. A divisão do trabalho torna-se mais complexa e aumenta a mutualidade de serviços e produtos. O estado de miséria e decadência é o atestado da validade dessa afirmação, pois não se pode recolher o resultado normal dos trabalhos³⁹⁹.

O estágio da civilização industrial é o da paz porque se a guerra gerou progresso no começo, hoje o retarda⁴⁰⁰.

A doutrina da evolução orgânica implica que as evoluções morais devem ser incorporadas nele⁴⁰¹. Isto se

396 Cf. *Ibid.*, p. 19.

397 *Ibid.*, p. 20.

398 Cf. *Ibid.*, p. 21.

399 Cf. *Ibid.*, p. 22.

400 Cf. *Ibid.*, p. 25.

401 Cf. *Ibid.*, pp. 28-29.

dá "quer pela transformação hereditária das modificações causadas pelo costume, quer pela sobrevivência de maior número de indivíduos cuja estrutura nervosa se modificou num sentido mais azado, formando gradualmente tendências diretrizes que determinam uma conduta mais apropriada substituindo-se a outra que o era menos"⁴⁰². Vão sendo produzidos sentimentos de adaptação à vida social. Os grupos que contêm indivíduos melhor dotados têm várias tendências para sobreviver e se expandir⁴⁰³.

O primeiro sentimento de justiça foi egoísta e o segundo passa a ser altruísta, em virtude da adaptação à vida social, do temor dos castigos legais e do temor da vingança divina⁴⁰⁴. A vida cotidiana, que condiciona à vida em comum, aumenta a simpatia e, daí, o sentimento altruísta de justiça⁴⁰⁵. A simpatia é fortificada pela necessidade da vida em comum e pela sociabilidade⁴⁰⁶.

O tipo industrial de vida é mais vantajoso porque traz a cooperação voluntária como no caso do regime de contrato⁴⁰⁷. O tipo comunista rejeita a desigualdade e a superioridade natural que determinam resultados materiais superiores. Em outros termos, é a equiparação do fraco e do

402 *Ibid.*, p. 29.

403 Cf. *Ibid.*, p. 20.

404 Cf. *Ibid.*, p. 32.

405 Cf. *Ibid.*, p. 34.

406 Cf. *Ibid.*, p. 35.

407 Cf. Herbert SPENCER, *Essais scientifiques*, t. III, p. 309.

forte, o doido e o sábio, o homem honesto e o 'escroc', o homem de caráter vil, e o homem de caráter nobre⁴⁰⁸.

Spencer adverte qui para a distinção abolida no comunismo entre moral familiar e moral de Estado, o "*que conduzirá à decadência e à desapareição da espécie ou da variedade no seio da qual se dê*"⁴⁰⁹.

A justiça é condição de conservação da vida⁴¹⁰. Num elemento positivo ela possibilita a liberdade de cada homem e num elemento negativo quando não permite que essa liberdade seja discricionária. Daí, a fórmula: "*Tem todo homem a liberdade de proceder como melhor entenda, contando que não infrinja a igual liberdade de quem quer que seja*"⁴¹¹. Se a idéia de justiça nasceu do temor da represália, da violência, depois, evoluiu no âmbito da paz.

Pode-se falar em autoridade da fórmula de justiça enquanto caminha toda a evolução do indefinido para o definido. O reconhecimento prático de sua necessidade levou ao seu reconhecimento teórico⁴¹², que permite definir que os melhores adaptados foram assegurados em sua sobrevivência pela limitação das ações⁴¹³. É a chamada lei de igual liberdade⁴¹⁴. Se há restrições, também há direitos⁴¹⁵.

408 Cf. Herbert SPENCER, A justiça. p. 47.

409 Ibid., p. 27.

410 Cf. Ibid., p. 51.

411 Ibid., p. 52.

412 Cf. Ibid., p. 56.

413 Cf. Ibid., p. 59.

414 Cf. Ibid., p. 70.

415 Cf. Ibid., p. 71.

"Resulta do exposto, que os direitos propriamente ditos são corolários da lei de igual liberdade e que é impossível deduzir dela direitos falsos"⁴¹⁶.

Quais são tais direitos?

O primeiro é o direito à integridade física⁴¹⁷, ou o direito à vida, de origem natural e necessário à autoconservação social⁴¹⁸.

O segundo é o direito à liberdade de movimentos e de deslocação. Este só foi possível na sociedade industrial, e por isso, o sentimento e a idéia de liberdade adquiriram um caráter acentuado⁴¹⁹. A própria escravatura já foi um progresso se comparada ao canibalismo⁴²⁰. Depois houve a proibição parcial da compra e venda de escravos. E passou-se à época da servidão quando os senhores ampliavam seus domínios. Novo estágio alcançou-se no século XI, apesar da liberdade imperfeita quando se desenvolvem relações industriais e tais relações são reguladas pelo contrato, substituindo as reguladas pelo estatuto. A Magna Carta avançava um século depois, pondo limites ao arbítrio governativo e às restrições de liberdade. Os negociantes estrangeiros passavam a ter liberdade de locomoção pelo desenvolvimento das classes

416 *Ibid.*, p. 73.

417 Cf. *Ibid.*, p. 77.

418 Cf. *Ibid.*, p. 81.

419 Cf. *Ibid.*, p. 83.

420 Cf. *Ibid.*, p. 85.

mercantis⁴²¹. Em seguida, foram os servos que passaram a ter liberdade plena de locomoção pelo afrouxamento dos laços com a terra⁴²², fato que teve um recuo quando os salários se elevaram por causa do despovoamento gerado pela peste e houve um estatuto que tarifava salários fixando o trabalhador em seu lugar. A luta recuperou a perda. O Hábeas corpus nasceu no século XVII da necessidade de criar salvaguardas para detenções arbitrárias. Em 1824 os trabalhadores passaram a poder procurar trabalho onde bem entendessem⁴²³. Pode a liberdade, enfim, atingir a todos os cidadãos.

O terceiro é o direito à propriedade. Spencer considera a justificação de Locke insatisfatória quando este se refere ao homem com direito de propriedade sobre sua própria pessoa, sobre seu trabalho, através do qual incorpora o que tira do estado de natureza. A premissa era que a terra e os seres inferiores só podem ser subtraídos da natureza com o consentimento de todos os homens. A questão posta por Spencer é sobre o direito preexistente à propriedade, resultado do trabalho anterior. Não se pode violar a propriedade por causa dos direitos iguais⁴²⁴. O reconhecimento no início era tácito acerca desse resultado do trabalho⁴²⁵. O erro do comunismo está em violar a

421 Cf. Ibid., p. 88.

422 Cf. Ibid., p. 89.

423 Cf. Ibid., p. 90.

424 Cf. Ibid., p. 111.

425 Cf. Ibid., p. 116.

justiças, pois, quer a partilha igual de produtos desiguais. Com isso, o homem não poderá colher vantagens proporcionais a seu esforço, não poderá guardar a totalidade do produto de seu trabalho e os menos aptos terão o mesmo quinhão dos mais aptos⁴²⁶. Conclui Spencer: "a liberdade de cada um não tem outro limite que não seja o da igual liberdade de todos. Sustentamos que cada um tem o direito a todos os proventos que procura e encontra sem violar a esfera de ação dos seus vizinhos. Se, pois, um vigor maior, um espírito mais inventivo ou de superior aplicação dão a um homem um acréscimo de proventos ou fontes de proventos, a lei de igual liberdade confere-lhe o exclusivo título desse acréscimo com a condição de que não invada as esferas de ação de outrem"⁴²⁷.

Contra os comunistas, Spencer assevera que não é justo que uma multidão se enriqueça à custa do menor número de aptos. Isso só poderá acontecer pela coerção. O resultado será a inaptidão para a vida e o desaparecimento lento ou rápido das raças assim submetidas⁴²⁸.

A delimitação da propriedade deve ocorrer quando está em jogo a proteção nacional individual, a conservação da espécie têm prioridade sobre o individual. Ademais, há necessidade de taxação para manter a lei e a ordem através de instituições públicas que justamente tem a

⁴²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 117.

⁴²⁷ *Ibid.*, p. 118.

⁴²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 119.

finalidade de garantir o respeito à propriedade e a todos os direitos⁴²⁹.

A vantagem dos tempos modernos é de garantir a liberdade individual de tal forma que cada um possa viver da forma que lhe convém: liberdade de troca, de trabalho, de palavra, etc⁴³⁰. As ingerências do Estado são condenadas pela economia política e não devem intervir nas especulações comerciais, nas tabelas de salários e tarifas de preços, no socorro de algumas indústrias à custa de outras⁴³¹.

Pelo que a disciplina impõe a respeito do sentimento de vida social, Spencer permite-se concluir que a lei de igual liberdade é a suprema lei moral, e que ela foi conseguida gradualmente pelo surgimento de proteção dos direitos do indivíduo⁴³².

A evolução da conduta é um fato até chegar à humanidade⁴³³. Do ponto de vista fisiológico atinge "*o mais alto grau com a evolução na raça mais elevada*"⁴³⁴. Do ponto de vista biológico "*a realização das funções é uma obrigação moral*"⁴³⁵. Do ponto de vista psicológico "*há a adaptação consciente de certos atos a certos fins*"⁴³⁶. Do ponto de vista sociológico há uma fase pré-social dos homens até

429 Cf. *Ibid.*, p. 120.

430 Cf. *Ibid.*, p. 181.

431 Cf. *Ibid.*, p. 182.

432 Cf. *Ibid.*, p. 182.

433 Cf. Herbert SPENCER, *Les bases de la morale évolutioniste*, p. 5.

434 *Ibid.*, p. 63.

435 *Ibid.*, p. 65.

436 *Ibid.*, p. 88.

chegar à fase social, com "conduta que convém ao estado de sociedade"⁴³⁷.

Do egoísmo inicial o homem passou ao ego-altruísmo, vendo a utilidade de evitar-se, por exemplo, a cólera, e, em seu lugar, adotar atitudes que causam prazer aos outros⁴³⁸. Além disso, adquire sociabilidade e simpatia, sentimentos estéticos e culmina com o altruísmo⁴³⁹, como o sentimento mais elevado⁴⁴⁰. A finalidade é a preservação⁴⁴¹.

5. A política

Spencer considera dois tipos de Estado: um do tipo militar e outro do tipo industrial. A estrutura típica do primeiro consiste num exército regular, cujas diversas partes devem executar as ordens recebidas sob pena de morte, recebendo alimentação, vestuário, soldo, de acordo com uma proporção arbitrária"⁴⁴². Consiste num sistema de cooperação forçada. O segundo é composto por um corpo de produtores e distribuidores, que contratem entre si a prestação de serviços especificados em troca de determinado pagamento, ficando livres, entretanto, para, mediante um prévio aviso,

437 *Ibid.*, pp. 114-115.

438 Cf. Herbert SPENCER, *Principes de psychologie*, t. II, p. 628.

439 *Ibid.*, T. II, p. 628.

440 Cf. Herbert SPENCER, *Les bases de la morale évolutioniste*, t. III, p. 309.

441 Cf. Herbert SPENCER, *Principes de psychologie*, t. II, p. 584.

442 Herbert SPENCER, *O indivíduo e o Estado.*, p. 7.

deixar aquela organização se ela lhes desagradar. Consiste num sistema de cooperação voluntária.

O tipo militar apóia o regime de Estado, o tipo industrial, o regime de contrato. Se um exige cooperação forçada é por causa da desigualdade legal de classes enquanto que o outro quer a igualdade legal⁴⁴³.

Spencer não aceita os liberais intervencionistas como autênticos liberais, acusando-os de conservadorismo⁴⁴⁴. Quanto menos coercitivo o Estado, tanto melhor⁴⁴⁵.

Rejeita a concepção de que, via Estado, deve-se acabar com todo o sofrimento social como falso, porque não admite a separação entre sofrimento e má ação. É contra a natureza das coisas. Cada um deve bastar-se a si mesmo. Exemplifica pelo provérbio popular: quem não trabalha não deve comer. Considera tal provérbio como uma lei natural⁴⁴⁶. Admite que há uma certa responsabilidade social dos contemporâneos e dos antepassados, destacando os legisladores com leis sobre a pobreza, aumentando a multidão de vagabundos e, conseqüentemente, de criminosos. Ao serem soltos, são forçados a cometer novos crimes. A mesma responsabilidade atribui aos filantropos ao ajudarem "filhos

443 Cf. Ibid., p. 25.

444 Cf. Ibid., p. 22.

445 Cf. Ibid., p. 23.

446 Cf. Ibid., p. 30

de pais indignos, desfavorecem filhos de pais dignos , através de contribuições"⁴⁴⁷.

É contra os impostos, pois estes têm que sair dos lucros do capital ou dos salários, ou de ambos. Além disso, aumenta o preço dos artigos de consumo, que são influenciados pelo aumento da taxa de juros e geram despesas "pela administração e outros gastos que ela acarreta"⁴⁴⁸.

É contra "todo aumento da intervenção estatal porque implica na criação de novos agentes executores e na ampliação do quadro burocrático da administração"⁴⁴⁹. Por outro lado, um pequeno número de funcionários pode ser melhor dirigido do que uma massa incoerente e ingovernável por não ter norma de conduta⁴⁵⁰.

Lamenta que os indivíduos deixam de associar-se para esperar esta atitude do próprio governo. "E breve chegará o dia em que a intervenção do governo será encarada como a única norma prática e existente para tudo se alcançar"⁴⁵¹. Cada nova intervenção do Estado fortalece a opinião tácita segundo a qual é dever do Estado remediar todos os males e garantir todos os benefícios"⁴⁵². Maior fortalecimento de um lado, maior enfraquecimento de outro⁴⁵³.

447 Cf. *Ibid.*, p. 31.

448 Cf. *Ibid.*, p. 35.

449 *Ibid.*, p. 42.

450 Cf. *Ibid.*, p. 42.

451 *Ibid.*, pp. 43-44.

452 *Ibid.*, p. 47.

453 Cf. *Ibid.*, p. 47.

"*Todo socialismo importa em escravidão*", assevera contra o socialismo de Estado⁴⁵⁴. O escravo trabalha para satisfazer os desejos de outrem. Não há escolha senão trabalhar para a Sociedade, a cooperar obrigatoriamente⁴⁵⁵. Então crescem o amor ao poder, o amor-próprio, a injustiça, a deslealdade, a desgraça das organizações privadas⁴⁵⁶.

O resultado final será uma volta ao despotismo. "*Um exército disciplinado de funcionários civis, como um exército de funcionários militares. dá o poder supremo ao seu chefe, poder que muitas vezes foi o caminho direto para a usurpação, como na Europa da Idade Média, e de modo mais frisante no Japão...*"⁴⁵⁷. O poder legislativo emperra e cede lugar ao poder absoluto. Encara o socialismo como um sinônimo de regulamentação extrema⁴⁵⁸.

Os próprios liberais que pretendem corrigir as fraquezas e desvios humanos por meio de boas instituições iludem-se, pois os indivíduos são naturalmente defeituosos. "*Não existe alquimia política que possa fazer instintos de chumbo produzirem conduta de ouro*"⁴⁵⁹.

454 *Ibid.*, p. 47.

455 Cf. *Ibid.*, p. 60.

456 Cf. *Ibid.*, pp. 58-59.

457 *Ibid.*, p. 59.

458 Cf. Henry de VARIGNY, "Avant propos" a *Problèmes de morale et de sociologie*, p. VII.

459 Herbert SPENCER, *O indivíduo e o Estado*, p. 61.

Quando Spencer publica suas principais obras 1876, 1880, 1890 "pensa e escreve como se Marx jamais houvera existido"⁴⁶⁰.

"O fato incontestável é que o governo nasceu da agressão"⁴⁶¹. Spencer utiliza-se dessa teoria ao considerar que as sociedades primitivas viviam em paz sem governo, sem organização coercitiva. Ali havia honestidade, vivacidade, justiça, generosidade, bastando um conselho de anciãos reunidos de tempos em tempos para ouvir a opinião pública. Muda a situação quando a autoridade de um chefe começa a se fazer sentir para resistir a alguma agressão estrangeira, depois se acaba, e só reaparece em algum problema idêntico. Mas, após haver p domínio sobre alguma tribo de fronteira, o poder fica e se dilata com a conquista de mais povos. E o pior acontece. Quanto mais agressividade no domínio externo, também o será no domínio interno, Daí ser preciso obedecer para combater o perigo externo, fornecendo recrutas e os bens⁴⁶². Forma-se uma moral governativa: "trabalhar para manter o peso da organização militar, o Estado", "leis para favorecer as classes dominantes", leis para o comércio de escravos⁴⁶³.

Acontece, pois, uma moral de exército em guerra, exército em repouso, que impregna toda a vida

460 Georges GURVITCH, Três capítulos de história de la sociologia: Conte, Marx, Spencer, p. 135.

461 Herbert SPENCER, O indivíduo e o Estado, p. 65.

462 Cf. Ibid., pp. 65-66.

463 Ibid., pp. 66-67.

cotidiana, ao passo que na sociedade primitiva o exército era a sociedade mobilizada⁴⁶⁴. Ademais, são concedidas certas vantagens às unidades superiores que, em detrimento das inferiores, vai garantir que este tipo de sociedade não se dissolva.

Spencer faz ilações quanto a esse resultado, critica o que se chama aplicação da vida familiar à social, ou seja, se fossem premiados os medíocres em vez dos melhores. *"E se isto é verdade, uma introdução, mesmo parcial do regime de família no regime de Estado, deve acarretar insensivelmente conseqüências análogas"*⁴⁶⁵. São dois princípios opostos e não podem ser confundidos sob pena de acontecer um desastre próximo.

Não significa omitir socorros. Distribuídos em excesso, poderão multiplicar os medíocres, se fossem ampliados os favores aos *"indignos por natureza"*⁴⁶⁶. Mas, isto não me impede de sustentar se necessário manter uma distinção radical entre a moral da família e a moral do Estado; nem afirmar que, se a generosidade deve ser o princípio essencial de uma, a justiça deve ser o princípio essencial da outra⁴⁶⁷.

O estado universal de guerra traz benefícios. Spencer utiliza-se do exemplo dos carnívoros devorando os

464 Cf. *Ibid.*, p. 67.

465 *Ibid.*, p. 93.

466 *Ibid.*, p. 94.

467 Cf. *Ibid.*, p. 94.

herbívoros que ultrapassam o vigor da idade, os doentes, os defeituosos, os menos ágeis e menos vigorosos. "Esta depuração aliada aos numerosos combates na época do cio, impede a degeneração da raça, que resultaria da multiplicação de indivíduos inferiores, garante a manutenção de uma média constitucional completamente adaptada ao meio ambiente e, por consequência, a mais apropriada para produzir o bem-estar"⁴⁶⁸.

Conclui-se pela necessidade do desenvolvimento de espécies superiores com o progresso, condição de felicidade que ultrapassam essa situação penosa. É a finalidade da raça humana. "A civilização é a última etapa da sua realização"⁴⁶⁹. Enquanto isso não for atingido, esta disciplina severa, mas benfazeja, deve continuar: "disciplina impiedosa, lei inexorável, que leva à felicidade, mas que nunca se verga para evitar infringir sofrimentos parciais se temporários. A pobreza dos incapazes, a miséria dos imprudentes, as privações dos preguiçosos, este esmagamento dos fracos pelos fortes, que deixa tantos indivíduos na lama e na miséria, são decretos de uma inexorável e prudente beneficência"⁴⁷⁰.

468 *Ibid.*, p. 95.

469 *Ibid.*, p. 95.

470 *Ibid.*, p. 96.

O respeito às condições naturais no aspecto social acarreta os direitos dos homens à vida, à liberdade pessoal como seus corolários⁴⁷¹.

Dado que Spencer não hesita em definir posições, foi necessário relevar-se com mais detalhe a sua concepção de liberalismo e as ilações aplicadas ao corpo social. Em seu texto Da liberdade à escravidão, o tradutor Júlio de Matos no 'Prólogo' já adverte que "*burgueses e proletários não formam classes necessariamente hostis*"⁴⁷². A sociedade governa-se por leis naturais e a vontade humana faz evoluir ou consegue perturbar a ordem natural⁴⁷³. O sentido da liberdade exclui a visão metafísica de livre arbítrio, e a sociedade coletivizada, onde a individualidade perder-se-ia. Por isso, Spencer contribui para a propaganda antisocialista⁴⁷⁴. Os socialistas prolongam a lenda cristã da bondade proletária, escondendo o que reservam para a Humanidade: a escravidão⁴⁷⁵. Isto não é futuro, é reprodução do passado, pois abolir a propriedade individual é voltar ao "*comunismo ingênuo dos primeiros homens, e destruir a concorrência, regressando à remota fase de cooperação obrigatória*"⁴⁷⁶.

471 Cf. ., pp. 96-98

472 Julio de MATOS, "Prólogo" a Herbert SPENCER, Da liberdade à escravidão, p. XX.

473 Cf. Ibid., p. XX.

474 Cf. Ibid., p. XXII.

475 Cf. Ibid., p. IX.

476 Ibid., p. XI.

Houve uma evolução no sentido de passar da cooperação forçada para a voluntária⁴⁷⁷. Da guerra passou-se para a produção e a troca, num *"mutuo acordo, quer entre compradores e vendedores, quer entre patões e operários"*⁴⁷⁸. Serviços civis e militares foram trocados por dinheiro, diminuíram as divisões de castas e de classes, caíram vínculos de corporações industriais, e a compra e venda passaram a ter validade universal, na troca de serviços e de objetos⁴⁷⁹. A mútua convenção e a livre concorrência passaram a ser elementos-chaves, caso contrário cessará a troca voluntária⁴⁸⁰, e todos passarão a cumprir deveres⁴⁸¹.

Spencer não acredita que em um sistema socialista os homens passarão a atuar com justiça e consciência. Veja-se o exemplo da Revolução Francesa: *"os homens que promoveram e tomaram o principal papel no estabelecimento da nova forma de governo estavam muito longe de pensar que um dos primeiros atos do novo regime seria decapitá-los"*⁴⁸².

É por fatos como estes que considera a fraternidade universal uma miragem, porque a luta pela concorrência é de maior força, natural e inevitável⁴⁸³. Aliás, a sociedade melhor virá da competição cada vez mais

477 Cf. Herbert SPENCER, Da liberdade à escravidão, p. 26.

478 Ibid., pp. 27-28.

479 Cf. Ibid., p. 28.

480 Cf. Ibid., p. 33.

481 Cf. Ibid., p. 34.

482 Ibid., p. 40.

483 Herbert SPENCER, Les institutions professionnelles et industrielles, p. 482.

ardente, possibilitando o crescimento da individuação⁴⁸⁴. Por isso, permite-se falar, sim, em cooperação voluntária, que é a *"liberdade sem limites que nas nações mais civilizadas tem as classes dirigidas para imitar os hábitos e os gostos das classes diretoras ..."*⁴⁸⁵.

Por observação aos fatos, *"a transformação é uma lei geral do universo"*, no mundo orgânico e animal⁴⁸⁶. Na sociedade o mesmo ocorre, na totalidade e nas instituições. O chefe de uma tribo, que constrói a sua própria cabana, não sabe que é o ancestral de conquistas, de nacionalidades, de czares despóticos chefiando milhares de soldados e controlando milhões de homens⁴⁸⁷. No sistema industrial o patrão começou executando o mesmo trabalho de todos, *"mas a expansão industrial tornou necessário um número cada vez maior de cooperadores e forçou o patrão a dispensar-se de todo o serviço que não fosse a fiscalização da oficina. E assim, com o tempo, surgiram esses grandes estabelecimentos atuais em que o trabalho de centenas de milhares de homens assalariados é dirigido por empregados de deferentes ordens, a seu turno pagos por um ou mais chefes supremos que os dirigem"*⁴⁸⁸. A divisão do trabalho mais extensa deu origem a instituições muito mais diferenciadas do que no início⁴⁸⁹.

484 Herbert SPENCER, *Principes de biologie*, t.I, p.86.

485 Herbert SPENCER, *Las instituciones sociales*, p.297.

486 Herbert SPENCER, *Da liberdade à escravidão*, p. 44.

487 Cf. *Ibid.*, p. 45.

488 *Ibid.*, p. 47.

489 Cf. *Ibid.*, p. 50.

O Poder Legislativo é esta necessidade de regular e dirigir os movimentos de todo social em suas funções, tornando-se mais complexo e mais forte. Assegura essa facilidade de ter tudo à mão para o consumo⁴⁹⁰. Daí cabe um receio fundado no perigo da burocracia e arrogância e brutalidade de seus membros⁴⁹¹. "As organizações regulamentadas tendem constantemente a aumentar de poder, como o demonstra qualquer sociedade constituída, seja qual for seu fim"⁴⁹².

Spencer deplora o fato de que as Trade Unions já começam a ter intrigantes políticos, empreiteiros exploradores, e com tendência a corpos administrativos permanentes. "Se a supremacia dos dirigentes é já tão manifesta em associações de origem moderníssima e formadas de homens que têm sua maior parte o direito de afirmar a própria independência, que altura não atingirá o poder dos chefes em sociedade antigas e aperfeiçoadas, quando a sua autoridade se estender a todos os atos, públicos e particulares, dos subordinados?"⁴⁹³.

Spencer exemplifica considerando nada altruísta o fato de que nas associações operárias, constituídas no seu tempo, limitava-se o número de operários em cada indústria e punham-se obstáculos à passagem de

490 Cf. Ibid., p. 52.

491 Cf. Ibid., p. 54.

492 Ibid., p. 57.

493 Ibid., p. 60.

operários a categorias superiores⁴⁹⁴. "Não há nesses documentos um só vestígio do espírito altruísta em cujo nome o socialismo deveria propagar-se; ao contrário, domina-os uma preocupação de interesses pessoais não menos viva que a dos homens de negócio"⁴⁹⁵.

A razão apontada é que a natureza humana é naturalmente egoísta, pelo menos os fatos assim têm atestado⁴⁹⁶. E considera ainda que na Trade Unions os direitos alheios são violados⁴⁹⁷, quando as obrigações societárias têm que ser rigorosamente seguidas e não se pode dispor livremente da própria atividade. São tidos como tráfugas e traidores. E nenhum estranho à corporação pode ser empregado, ameaçando, com isso, os próprios empregadores⁴⁹⁸. É a coerção estabelecida acima dos direitos⁴⁹⁹. A cega disciplina devotada aos chefes e à vitória torna-se mais importante que a liberdade de ação e a liberdade de opiniões, coibindo ressentimentos. "Abandonam e retornam em massa ao trabalho, segundo as ordens dos chefes, e, não só opõem resistência às taxas que lhes são impostas para a manutenção de greves, com que podem não concordar, mas maltratam os membros recalcitrantes da classe que não querem subscrever"⁵⁰⁰.

494 Cf. Ibid., p. 63.

495 Ibid., p. 64.

496 Cf. Ibid., p. 64.

497 Spencer refere-se a um dístico das Trade Unions: "Se dos nossos ou tirar-te-emos os meios de viver". Cf. Ibid., p. 65.

498 Cf. Ibid., pp. 65-66.

499 Cf. Ibid., p. 66.

500 Ibid., p. 67.

Spencer assusta-se com a possibilidade de um dia as organizações operárias organizarem-se em governo da sociedade quando se tornarem Poder Executivo, a imprensa lhes estiver a favor e a lei emanando daí. *"Os fanáticos do socialismo estão disposto a recorrer a todos os processos, ainda os extremos, para a consecução dos seus ideais, como o clero de outros tempos, que os fins justificavam os meios"*⁵⁰¹. Assusta-se, além disso, com a possibilidade de falta de escrúpulos quanto aos atos coercitivos para os seus próprios interesses *"e não vacilem um momento em impor uma férrea autoridade a todos os atuais operários até que, definitivamente, se forme uma oligarquia oficial de múltiplos graus, cujo despotismo será mais terrível e monstruoso que todas as tiranias até hoje vistas"*⁵⁰².

Não significa que seja lícito o estado atual, por que não há estágio fixo⁵⁰³. Espera-se uma ordem melhor . Mas, não pode haver mudanças rápidas na natureza humana, se se quer resultados vantajosos e duradouros⁵⁰⁴. Não há remédios radicais e imediatos, daí, a oposição ao socialismo. Nada muda por decreto, não há medidas absolutas. *"É impossível estabelecer subitamente um estado social que satisfaça as exigências de felicidade"*⁵⁰⁵.

501 *Ibid.*, p. 68.

502 *Ibid.*, p. 70.

503 Cf. *Ibid.*, p. 71.

504 Cf. *Ibid.*, p. 72.

505 *Ibid.*, p. 75.

O que se requer é um maior desenvolvimento do sentimento de justiça pra que melhore a disciplina social, pelo aumento do respeito ao direito. O combate ao socialismo é do interesse dos proletários e não de interesse da classe dos proprietários⁵⁰⁶. Não se quer fugir da regulamentação. O excesso de regulamentação poderia levar os proletários a recusarem o trabalho em condições inaceitáveis⁵⁰⁷.

6. Desdobramentos na Europa: Haeckel e Rudolf von Ihering

A doutrina darwinista da evolução orgânica foi aceita, inteiramente, na Alemanha por Haeckel (1834-1919), que se desenvolve a "existência de um princípio, elevado à categoria de lei fundamental, que o desenvolvimento embrionário do indivíduo recapitula a evolução da espécie. Ao primeiro desenvolvimento chama de ontogênese ao segundo de filogênese ..." ⁵⁰⁸.

Elabora o seu monismo como "uma concepção unitária da natureza inteira" ⁵⁰⁹. Não considera a diferença entre ciência da natureza e ciência do espírito, identificando-se com "sistemas filosóficos que se designam, sob um outro ponto de vista, com o nome de mecanicistas e

506 Cf. *Ibid.*, p. 76.

507 Cf. *Ibid.*, pp. 77-78.

508 Silvio ROMERO, *Ensaio de sociologia e literatura*, p. 3.

509 Ernst HAECKEL, *O monismo*, p. 12.

panteístas"⁵¹⁰. Saúda Darwin porque destruiu o dogma antropocêntrico como Copérnico destruíra o dogma geocêntrico⁵¹¹. O responsável pelo monismo é a própria ciência que desfere golpe mortal no dualismo. A alma humana faz parte da alma universal como o corpo o faz do universo⁵¹². Há uma essência universal⁵¹³.

Haeckel presta veneração a Spencer ao afirmar que *"ninguém impos influência da nossa concepção de mundo ... um dos raríssimos sábios contemporâneos que sabem igualar os mais vastos conhecimentos em história natural com a especulação filosófica mais profunda"*⁵¹⁴. Descobrira a chave da evolução antes de Darwin⁵¹⁵.

A teoria da evolução é a mais alta das conquistas humanas. As espécies e o homem desenvolveram-se como a terra, sendo tudo originado de um tronco único, e o homem como originado dos vertebrados⁵¹⁶. O resultado é uma filosofia nava fundamentais no *"sólido terreno da zoologia comparada"*, e não do que se chama *"sistema vazio"* e *"vã especulação metafísica"*⁵¹⁷.

Rudolf von Ihering (1818-1892) aplica no direito as conclusões de Darwin no campo biológico. A idéia

510 Ibid., p. 13.

511 Cf. Ibid., p. 21.

512 Cf. Ibid., p. 22.

513 Cf. Ibid., p. 23.

514 Ernst HACKEL, A origem do homem, p. 33.

515 Cf. Ibid., p. 44.

516 Cf. Ibid., p. 33.

517 Ernst HACKEL, Histoire de la création des êtres ord'après les lois naturelles, p. 54

de luta é central: dos povos, dos governos, das classes sociais e dos indivíduos. O direito resulta disso enquanto o mundo existir, pois, o direito terá de se precaver sempre contra os ataques da injustiça⁵¹⁸.

Defende a propriedade comparando a sua importância à mesma idéia de luta. O direito vem garantir o resultado: a paz a quem luta, a propriedade a quem trabalha. O direito tem uma história: a abolição da escravidão, a eliminação dos servos, a livre disposição da propriedade territorial, a liberdade da indústria, a liberdade de consciência, não tem sido alcançadas sem antes haver uma luta das mais vivas e que freqüentemente tem durado vários séculos e quase sempre banhadas em ondas de sangue. O direito é como Saturno devorando seus próprios filhos; não é possível renovação alguma sem romper com o passado⁵¹⁹.

Resistir é preciso. O ladrão e o bandido colocam-se fora do domínio legal da propriedade e ao negá-la, negam a pessoa, a moral⁵²⁰. A herança é o direito ao produto do trabalho e um respeito ao direito de propriedade⁵²¹. Deve-se rejeitar o comunismo, pois, só vai em frente onde se esqueceu e falsificou-se a idéia de propriedade⁵²².

518 Cf. Rudolf von IHERING, A luta pelo direito, p. 15.

519 Ibid., pp. 20-21.

520 Cf. Ibid., p. 30.

521 Cf. Ibid., p. 38.

522 Cf. Ibid., p. 39.

Da esfera individual a luta pelo direito vai para o campo social. Este processo é comparado à circulação do sangue, que parte do coração e a ele volta. *"O homem luta pelo direito inteiro, defendendo o seu interesse pessoal"*⁵²³. É uma obra comum de luta contra a arbitrariedade e o despotismo. A liberdade é fundamental ao camponês e ao urbano, que devem resistir às taxações e aos impostos; às leis injustas, ao controle a todo instante de sua vida⁵²⁴. *"A liberdade de ação é para o sentimento legal o que o ar é para a chama; se a diminuís ou paralisais, acabareis com tal sentimento"*⁵²⁵.

523 *Ibid.*, p. 49.

524 Cf. *Ibid.*, p. 64.

525 *Ibid.*, p. 65.

CONCLUSÃO

A gênese do "*darwinismo social*" no século XIX insere-se no desenvolvimento das ciências naturais, fazendo parte do grande desenvolvimento das ciências de forma geral, dada a sua necessidade para a expansão da indústria, pois o progresso depende do avanço tecnológico.

O evolucionismo foi saudado pelo seus seguidores como a filosofia unitária que pode dar conjunto às particularidades dentro do todo. Não pretende ser a última verdade em ciência, mas, em termos gerais, não pode ser recusado.

A utilização do evolucionismo enquanto ideologia gerou o "*darwinismo social*", explicado como a sobrevivência do "mais apto" também no campo social, na concorrência, na vitória do industrialismo e seus realizadores. Por isso, a burguesia industrial encampa as generalizações de Spencer por fortalecer a idéia da liberdade em detrimento do poder do Estado sobre o indivíduo.

Darwin será utilizado em seus conceitos de seleção natural, variações hereditárias, evolução, seleção sexual e correspondente carga genética, caracteres adquiridos, desenvolvimento racial, progresso para chegar a espécie humana da era do capitalismo industrial, como a melhor de todas no processo. Spencer elabora ilações, a partir dessa premissas, para que Darwin revisse alguns de seus conceitos. Na Europa as aplicações dão-se com Haeckel, em um trabalho seqüencial, e, com Rudolf von Ihering no Direito. Destacam-se outros nomes como Gumpłowicz (1838-1909), Letourneau (1831-1902), Novicow (1894-1912).

Os povos são colocados por Spencer, em várias fases do desenvolvimento da conduta, até chegar ao máximo, que é o desenvolvimento do altruísmo como verdadeira necessidade para o bem da Humanidade.

Em termos políticos, o progresso significa a valorização do indivíduo, a diminuição do poder de Estado, o aumento da liberdade em todas as esferas da vida humana. A rejeição do socialismo, conforme Spencer, está por esse sistema tornar iguais as individualidades à força, destruindo o talento dos "mais aptos".

Nesse sentido, Rudolf von Ihering aplica ao Direito a noção de luta, sendo a paz um resultado deste dado básico.

PARTE II
O "DARWINISMO SOCIAL" NO
BRASIL

INTRODUÇÃO

A segunda parte procura ver os efeitos do "darwinismo social" no Brasil de fins do século XIX e inícios do século XX. A modernização começa pelo ano de 1870. A presença inglesa é cada vez mais constante no domínio econômico, tomando conta de outras esferas como o social, o político e o cultural. No econômico a combinação é pelos empreendimentos industriais e exportação. As estradas de ferro são o melhor exemplo. No social os costumes da classe média britânica são imitados. No político há os anseios da República e o clamor dos liberais. Na cultura há a ilustração brasileira e a ânsia da arrancada do país do atraso secular. Esse, aliás, é o aspecto desenvolvido ao tomar exemplos marcantes como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Bevilácqua, entre os de maior destaque.

O capítulo I indaga: a que responde o evolucionismo no Brasil via Darwin e Spencer, e, também, via germânica, dada a complementação que os ilustrados iam buscar em Kant, Haeckel, Rudolf von Ihering, etc.? A que interesses serve essa busca teórica nos anseios de iluminar a prática ? Ou melhor, que prática leva a buscar tais teorias ?

Os capítulos seguintes destacam os principais adeptos do evolucionismo e suas variantes. Indaga: qual a preocupação de Tobias Barreto, Silvio Romero e Clóvis Bevilácqua, etc., em trazer idéias novas ? Qual a validade de tais doutrinas no contexto brasileiro ?

CAPÍTULO I

O MOMENTO BRASILEIRO DO "DARWINISMO SOCIAL"

O acúmulo de capital na Inglaterra foi intenso e começa a ser desviado para o exterior. Pressiona para a independência da América Latina com o escopo de superar a política restritiva de Portugal e Espanha⁵²⁶ no século XVIII. *"Com a transformação das técnicas de transporte, terrestre e marítimo, cada vez mais o mundo tornou-se parte de um único sistema econômico, um sistema governado pela Grã-Bretanha. O século XIX foi uma era caracterizada pela rápida emigração do povo britânico, pela expansão de seus ideais governamentais, pela crescente exportação de seus produtos e pelo aumento incessante de investimentos de seus capitais no exterior"*⁵²⁷.

O capitalismo transforma-se em imperialismo, inserindo o Brasil no mercado mundial. Ferrovias e navegação marítima, sob o controle britânico, geram lucros com a exportação e domínio pelo interior do país⁵²⁸.

O ano de 1870 é marcante no plano das idéias. Define João Cruz Costa: *"O positivismo, o naturalismo, o*

526 Cf. Richard GRAHAM, Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, p. 13.

527 Ibid., p. 14.

528 Cf. Nelson Werneck SODRÉ, História da burguesia brasileira, pp. 146-147.

evolucionismo, enfim, todos as modalidades do pensamento europeu do século XIX vão se exprimir agora no pensamento nacional e determinar um notável progresso do espírito crítico"⁵²⁹.

Em Pernambuco o movimento é marcante, onde aparece a Escola de Recife; entretanto, o país todo entra no mesmo ritmo.

O positivismo foi um primeiro ponto de contato com idéias modernas em Recife, para ser superado imediatamente por outras vertentes. No país todo esteve presente⁵³⁰. Entretanto, teve maior fixação no sul do país e na capital. A diferenciação entre positivismo ortodoxo e heterodoxo é interessante para marcar os elementos que o fizeram tomar ao pé da letra e os elementos que o colocaram em contato com as outras idéias. O heterodoxo contribui mais pelos homens que o assumiram e tomaram posições a nível nacional⁵³¹. Buscava-se a teoria para intervir na realidade brasileira, na arrancada do atraso secular e na tentativa de acompanhar as nações mais avançadas. É assim que esteve presente na fundação da república, na formulação da sua Constituição e reformas de ensino⁵³².

O naturalismo aparece como a produção literária que acompanha as grandes transformações da sociedade, buscando fixá-las. O proletariado começa a ser tema de

529 João Cruz COSTA, Contribuição à história das idéias no Brasil, p. 115

530 Cf. Ivan LINS, História do positivismo no Brasil, p.

531 Cf. Ibid., p. 283.

532 Cf. Ibid., *passim*.

escritos. O romantismo já não conseguia abarcar o novo conjunto operado pelo desenvolvimento do capitalismo em seu estágio imperialista⁵³³.

A arte procura recorrer ao desenvolvimento da ciência da época, numa fisiologia descritiva, agrupando uma infinidade de fatos para explicar o homem. É assim que se apresenta como verdade⁵³⁴, o que a crítica concebe como servil. Todavia, a sua lição é de focalizar o bem e o mal como problema coletivo superando o aspecto do indivíduo. Há um desnudamento do que o conservadorismo procurava ocultar.⁵³⁵ Os conceitos estavam passando sob o crivo da mudança⁵³⁶. "Uma literatura generalizadamente imoral corresponde, sem dúvida alguma, à imoralidade generalizada em determinado tempo e meio, e denuncia, de toda forma, uma fase de mudança"⁵³⁷.

A visão comteana demonstrava-se utópica, enquanto o spencerismo demonstrava-se mais real, conclamando a razão dos fatos. A burguesia, chegando ao poder, só podia dar graças ao progresso⁵³⁸. É o que Florestan Fernandes chama "pasmosa mudança de orientação de comportamentos".⁵³⁹ Nelson Werneck Sodré considera a ideologia do colonialismo pela identificação com os ideais de dominação da burguesia

533 Cf. Nelson Werneck SODRÉ, O naturalismo no Brasil, p. 202.

534 Ibid., p. 205.

535 Cf. Ibid., p. 214.

536 Cf. Ibid., p. 217.

537 Ibid., p. 218.

538 Cf. Enília Viotti da COSTA, Da Monarquia à República, p. 203.

539 Florestan FERNANDES, A revolução burguesa no Brasil, p. 161.

européia.⁵⁴⁰ Gilberto Freire analisa as relações entre Brasil e Grã-Bretanha como quase de colônia com metrópole⁵⁴¹.

A crença na inevitabilidade do progresso é o que se acha em Spencer, junto à industrialização e a ciência. O spencerismo favoreceu a burguesia "admiravelmente", uma grandiosa síntese que poderia ser facilmente assimilada pela classe média brasileira e era isenta de algumas desvantagens, presentes nos conceitos filosóficos de Augusto Comte. A nova harmonia foi buscada do novo instrumental europeu, isto é, correspondia, em seus conceitos, àquilo que os partidários da modernização atuantes queriam para terem as suas posições reforçadas⁵⁴². Spencer correspondia às atitudes fundamentais do laissez-faire contra a legislação do bem estar social, às atitudes do novo conservantismo, que não colocava em risco o modo de vida dos intérpretes vencedores da nova cultura social e nem a atitude de curvar-se perante as nações mais avançadas. Uma leitura de Darwin, pela teoria da evolução aí contida, enseja a chegada a uma sociedade do progresso. "Era uma perspectiva risonha para os modernizadores", que causava grande abalo no país⁵⁴³.

Spencer era "grandemente lido e citado no Brasil especialmente depois de 1889, isto é, depois do grande descontrole sofrido pela sociedade tradicional, em decorrência da lei de abolição da escravatura e da queda do

540 Cf. Nelson Werneck SODRÉ, Síntese de história da cultura brasileira, p. 50.

541 Cf. Nelson Werneck SODRÉ, História da burguesia brasileira, p. 183.

542 Cf. Richard GRAHAM, Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, p. 241.

543 Ibid., p. 243.

Império"⁵⁴⁴. Era o antídoto liberal à solução ditatorial. Onde suas idéias "serviam para lançar o descrédito sobre uma ordem social relativamente não diferenciada e não industrializada, como no Brasil, sua infância continuou poderosamente atuante"⁵⁴⁵. Ainda viria a contribuir para a desenvolvimento da sociologia, como lembra Vamireh Chacon⁵⁴⁶.

Destacam-se alguns nomes de seguidores. Na literatura Julio Ribeiro em A carne refere-se a um personagem estudioso de Darwin e que se caracteriza como um homem muito instruído.⁵⁴⁷ O ideólogo da República, Alberto Sales, discursa e escreve à Spencer. Euclides da Cunha (1866-1909) chama a atenção à necessária transformação da sociedade brasileira. Significativo é o título que dá a uma obra sua: À margem da história⁵⁴⁸. Na história Capistrano de Abreu (1853-1927) estabelece a ligação organismo sociedade e a necessidade de complexificar o organismo brasileiro. F. J.. Oliveira Viana (1885-1951) fala do aparecimento de novos órgãos. O engenheiro A. G.. Paulo de Frontin (1869-1933), diretor da estrada de Ferro Central e porta-voz dos industriais brasileiro no Parlamento, defende tese sobre J. S.. Mill e Spencer, tendo este como mestre e conselheiro⁵⁴⁹. Joaquim Duarte Murtinho (1848-1911), sociologicamente um darwinista, foi Ministro da Indústria, Transportes e Obras

544 Cf. Ibid., p. 244.

545 Ibid., p. 246.

546 Cf. Vamireh CHACON, História das idéias sociológicas no Brasil, p. 29.

547 Cf. JÚLIO RIBEIRO, A carne, p. 44.

548 Cf. Euclides da CUNHA, À margem da história, p.

549 Cf. Richard GRAHAM, Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, p. 246.

Públicas e Ministro da Fazenda moldando a vida econômica brasileira. Seu relatório denota clara influência spenceriana. A implantação das estradas de ferro prova esta adesão na prática, desenvolvendo o país pelo aumento da circulação geral⁵⁵⁰. Na sociologia P. Egydio de O. Carvalho (1844-1906) admira-o e divulga-o pelo trabalho de unificação o conhecimento⁵⁵¹. Farias Brito (1863-1917) põe Spencer na galeria ao lado de Kant, Hegel e Comte reservando-lhe, entretanto, maior importância⁵⁵².

Dentre todos esses nomes. R. Graham dá um destaque maior a Joaquim Murтинho, por ter adotado práticas como a supressão de qualquer espécie de previdência pelo estado e considerar o socialismo nos moldes de Spencer na obra: Da liberdade à escravidão. A função do Estado é, apenas, proteger a liberdade do indivíduo⁵⁵³. As empresas só deveriam ficar nas mãos dos indivíduos e o controle ficaria sob a lei férrea da concorrência, iniciativa individual, seleção natural e sobrevivência do "mais apto". Esse era o caminho fatal da industrialização, sem socorro a empresas que estavam falindo, seguindo o caminho das leis naturais⁵⁵⁴.

Em seguida, ao mostrar o exemplo dos E.U.A., enquanto superioridade no progresso industrial, associa-se à superioridade racial. Para que o Brasil não pudesse ser dominado pelo mais forte e desaparecer, a imigração européia

550 Cf. *Ibid.*, p. 247-248.

551 Cf. *Ibid.*, p. 250.

552 Cf. *Ibid.*, p. 251.

553 Cf. *Ibid.*, p. 254.

554 Cf. *Ibid.*, p. 256.

passa a ser a solução para o fortalecimento racial do país.⁵⁵⁵ J. Murtinho, entretanto, receava que esta estratégia poderia ser negativa, uma vez que a miscigenação do momento não estava completa, na luta pela competição, com a necessidade, então, de deixar a imigração para mais tarde⁵⁵⁶. Ficava a convicção: para competir, modernizar. Por isso, a ciência unida à industrialização levaria ao progresso. *"Laissez-faire e ferrenha luta competitiva seriam os métodos mais racionais e que não admitiriam nenhuma intervenção estranha. Herbert Spencer se havia transformado num ídolo"*⁵⁵⁷.

Robert Schwarz analisa a crítica dos intelectuais desse tempo ao rejeitarem as idéias antigas pelo chamado *"bando de novas idéias novas"*. Os novos intelectuais atribuem adjetivos aos antigos como macaqueação, cópia, postigo, inautêntico. Caracterizam-se um mal-estar e uma consciência crítica que se formaram desde os tempos da independência⁵⁵⁸. O problema é que só uma classe copiava, a superior⁵⁵⁹. É o que se percebe nas críticas de Sílvio Romero, demonstrando o declínio do segundo reinado, na condenação ao escravismo e menosprezo ao *"país ilusório, das leis, dos bacharéis, da cultura importada, depreciado por*

555 Cf. *Ibid.*, p. 257.

556 Cf. *Ibid.*, p. 259.

557 *Ibid.*, p. 260; o paraninfo e orador oficial da Escola de Medicina do Rio de Janeiro na colação de grau de 1899, em estudo de Correia Filho sobre Joaquim Murtinho, expressa-se: "O maior pensador de nossos tempos, o moderno Aristóteles, o filósofo em homenagem a cujas doutrinas este século deverá cognominar-se o século de Spencer".

558 Cf. Roberto Schwarz, "Nacional por subtração", pp. 29-48. In: *Que horas são?*, p. 29.

559 Cf. *Ibid.*, p. 42.

inoperante"⁵⁶⁰. Sem organicidade com o real, o copiado era o exótico (falta de relações com o ambiente) e o disparate (separação elite e povo)⁵⁶¹. Evidenciavam-se as idéias liberais, ou seja, a afirmação de nova ideologia com a realidade sócio-econômica. Em outros termos, a imitação de novas idéias, como o naturalismo científico, era a crítica da imitação de idéias correspondentes ao antigo estágio sócio-econômico. "A exigência de organicidade coincidia no tempo com a expansão do Imperialismo e da ciência organizada, nas tendências que tornavam obsoleta a hipótese de uma cultura nacional autocentrada e harmônica"⁵⁶².

560 *Ibid.*, p. 43.

561 Cf. *ibid.*, p. 42.

562 *Ibid.*, p. 41.

CAPÍTULO II

TOBIAS BARRETO

Compreende-se Tobias Barreto em três fases: Período de formação em escada (1839-1889); Fase do rompimento com o ecletismo espiritualista e da adesão parcial ao positivismo (1868-1874); Período final em Escada: fase do rompimento com o positivismo (1875-1882).

A fase que interessa é a segunda, uma vez que se torna adepto da biologia e do darwinismo⁵⁶³, mais à moda de Haeckel, visão mecanicista que repudia depois. Apresenta Rudolf von Ihering com originalidade. Em Recife ou em São Paulo, dessa forma, tomam contato com o pensador alemão⁵⁶⁴. "A evolução é a palavra que move o mundo"⁵⁶⁵. Declara, além disso: "Aceito do darwinismo, como verdades relativamente incontestáveis, a idéia de luta, o princípio da herança e da adaptação, a seleção natural, e em suas mais altas aplicações, a seleção artística. Tanto me basta"⁵⁶⁶. Essas

563 Cf. Paulo MERCADANTE & Antônio PAIM, "Apresentação" a Tobias BARRETO, Estudos de Filosofia, t. II, p. XIII.

564 Cf. Ibid., p. XIV.

565 Tobias BARRETO, "Notas a lápis sobre a evolução emocional e mental humana". pp. 6-25. In: Estudos de filosofia, t. II p. 7.

566 Ibid., p. 9.

quatro ou cinco idéias são o resumo de uma corrente que "abrem caminho a longos desenvolvimentos, explanações e detalhes..."⁵⁶⁷. Esta é contribuição de Darwin para a idéia do todo, e do orgânico sendo continuação do inorgânico⁵⁶⁸. De uma grosseira disposição original, passando por milênios, chega-se à estrutura humana atual⁵⁶⁹.

Tobias Barreto concilia darwinismo e finalismo, dada sua filiação ao germanismo⁵⁷⁰. É assim que cria uma das correntes do pensamento nacional, também passando pelo positivismo exemplo spencerismo⁵⁷¹. Supera o estrito cientificismo positivista e o mecanismo, para apresentar o humanismo como solução⁵⁷².

O direito traz para a sociedade o homem natural. Rudolf von Ihering definia-o como "*o conjunto das condições de vida da sociedade, no sentido mais amplo da palavra, coativamente asseguradas pelo poder público. Tobias acrescentara às condições de vida, as de desenvolvimento. Dispensava a referência ao poder público e dizia: é o conjunto das condições existenciais e evolucionais da sociedade, coativamente asseguradas*"⁵⁷³.

567 *Ibid.*, p. 9.

568 Cf. *Idem*, "Sobre uma nova intuição do direito", pp. In: Estudos de filosofia, t. I, p. 186.

569 *Idem*, Menores e loucos, p. 139.

570 Cf. Celso VIEIRA, Tobias barreto, p. 66.

571 Cf. *Ibid.*, p. 17.

572 Cf. Paulo MERCADANTE & Antonio PAIM, Tobias Barreto na cultura brasileira, p. 190.

573 *Apud* Clóvis BEVILÁQUA, História da Faculdade de Direito do Recife. In: Paulo MERCADANTE & Antonio PAIM, "Apresentação" a Tobias BARRETO, Estudos de filosofia, t. II, p. XIV.

Em Lange (1828-1875) e Hartmann (1842-1806) Tobias repele a explicação meramente causal para os processos naturais⁵⁷⁴. A conciliação obtém por Noiré⁵⁷⁵.

Com von Ihering concebe que o direito é a força que venceu a força, enquanto fenômeno histórico e cultural, a disciplina da seleção legal na luta pelo existência. Direito é a mediação dos antagonismos, enquanto equilíbrio⁵⁷⁶.

A aproximação a Kant dá-se em 1884, avançando na superação da visão mecanicista haeckeliana⁵⁷⁷. A crítica a José Higino Pereira Duarte (1847-1901), seu colega, deve-se a uma visão spenceriana acrítica⁵⁷⁸, por conceber uma evolução sem saltos e sem lutas⁵⁷⁹. Pelo contrário, a luta é que tem validade universal⁵⁸⁰.

574 Cf. *Ibid.*, p. XIV.

575 Cf. *Ibid.*, p. XV; (Noiré (1829-1832): "discípulo independente e muito original de Spinoza e de Schopenhauer, é um monista. Para ele, o universo reduz-se a uma realidade única cuja sensação e o movimento são os dois aspectos, um interior, cujo exterior, essencialmente idênticos. Destes dois atributos são resultados, por desenvolvimento, todas as formas do ser, e a própria razão procede por um tipo de dedução". *Société de savants et de gens de lettres, La grande encyclopédie*, nº 24, p. 1177.

576 Cf. *Ibid.*, p. XV.

577 "A Recordação de Kant", porém, é o mais importantede seus trabalhos filosóficos com exposição clara e lúcida da filosofia alemã nas diversas fases do seu desenvolvimento, como justa e apurada crítica da filosofia francesa e especialmente do positivismo de Augusto Conte, como reabilitação da metafísica, de Kant, e, sobretudo, como manifestação do elevado senso filosófico, opondo ao inconsciente de Hartmann e ao meccanicismo de Haeckel e ao monismo largo e fecundo de Noiré". Arthur ORLANDO, "Introdução" a Questões vigentes, p. XXVII.

578 Cf. Paulo MERCADANTE & Antonio PAIM, Tobias Barreto na cultura brasileira: uma reavaliação, p. 66.

579 Cf. Hernes LIMA, Tobias Barreto (a época e o honen), p. 126.

580 Cf. *Ibid.*, p. 116.

De Hegel guarda a visão de totalidade. Retorna à metafísica sem perder as conquistas científicas revigorando a medição filosófica⁵⁸¹.

Para Hermes Lima a posição de Tobias é de absoluto destaque nesta época⁵⁸².

*"É dos primeiros a levantar no Recife antenas capazes de captar as vozes e os sons diferentes que o mundo estava emitindo. Toca-lhe a dianteira na rebelião filosófica, que então se inicia, em face do espiritualismo eclético reinante"*⁵⁸³. É o homem de uma época em que a *"renovação material da sociedade prosseguia em sua marcha ... Já se estava tornando mais agradável morar nas capitais do que nas fazendas. Hábitos diferentes aparecem e o modelo agora era uma Europa burguesa..."*.

A vida de Tobias Barreto ocorreu num mundo de transformação. passava-se do romantismo à crítica da exatidão da personalidade, ao estudo dos caracteres, de temas gerais ao estudo das condições sociais. *"O pensamento passou a inspirar-se nas ciências e numa filosofia que nos métodos científicos se baseava. O romance tornou-se naturalista, a poesia, parnasiana. O homem mulato distinguiu-se pelo domínio das idéias gerais. Do seio da sociedade burguesa surgiam as teorias que interpretavam a evolução e*

581 Cf. Antonio PAIM, História das idéias filosóficas no Brasil, p. 271.

582 Cf. Hermes Lima, Tobias Barreto (a época e o homem). p. 17

583 Ibid., p. 17.

seus anseios. Não era mais passível tratar os problemas sociais em estrofes condoreiras. A velha estrutura patriarcalista da nossa sociedade apresentava sinais ostensivos de crise e mudanças. A transformação da economia, dos métodos de trabalho, completava-se na transformação dos pontos de vista e valores sociais. A mocidade atirou-se avidamente aos livros de filosofia, de doutrina política e de crítica do antigo sistema"⁵⁸⁴.

"O esforço de libertação das velhas estruturas tem o seu lado também no esforço intelectual, no anti-conformismo, pela razão e pela ciência"⁵⁸⁵. Antônio Paim atribui-lhe "o mérito de haver aberto à inteligência brasileira novos caminhos"⁵⁸⁶.

Hildon Rocha apresenta-o com suas aparentes contradições e paradoxos: "um antiparlamentar em relação ao Brasil, um antimonarquista instável, um liberal sem as idealizações do liberalismo, um republicano potencial, um reformista conflitado detestando o comunismo e a idéia de igualdade por lhe parecer o inimigo maior da liberdade, assim por diante"⁵⁸⁷.

584 *Ibid.*, p. 17.

585 Cf. *Ibid.*, p. 2.

586 Antônio PAIM, *História das idéias filosóficas no Brasil*, p. 260.

587 Hildon ROCHA, "Tobias Barreto e as nossas questões vigentes", pp. 17 -20 . In: Tobias BARRETO, *A questão do Poder Moderador e outros ensaios brasileiros*, p. 19.

Evaristo de Moraes Filho considera-o do caráter nacional⁵⁸⁸. Teve uma trajetória intelectual de rompimento com o ecletismo espiritualista de Cousin (1792 - 1867) e Jouffroy (1796 - 1842) através da leitura de Comte e Littré, quando vocifera contra a anarquia de idéias e opiniões e conclama à coesão dos espíritos⁵⁸⁹. Ademais, conclama para a observação dos fatos sociais e políticos, para a formação de juízos de realidade e não de valor⁵⁹⁰.

*"Interessam-lhe os fatos, somente os fatos, os significativos, os típicos, dos quais se possa extrair um princípio geral, uma lei, um ensinamento válido objetivamente para o desenvolvimento da sociedade brasileira"*⁵⁹¹. Um estágio posterior teve a influência de von Ihering, quanto ao finalismo em direito, coincidindo com a mesma concepção de Noiré. Enfim, adere ao evolucionismo com o princípio: *"os fatos se regem por causas necessárias, que se prendem numa cadeia evolutiva"*⁵⁹².

O cientificismo, herdado do século XIX, vai, em Tobias, repercutir em uma política científica como ideólogo, sempre defendendo o individualismo, o liberalismo prático e a democracia⁵⁹³. A sua defesa do germanismo

588 Evaristo de MORAIS FILHO, "TOBIAS BARRETO, intérprete de caráter nacional, ppp. 21 - 63. In: Tobias BARRETO, A questão do Poder Moderador e outros ensaios brasileiros, p.p. 21.

589 Cf. Ibid., p. 28.

590 Cf. Ibid., p. 29.

591 Ibid., p. 29.

592 Ibid., p. 33.

593 Cf. Ibid., p. 33.

demonstra que recebeu Darwin mais por Haeckel, que filtrara as idéias do evolucionismo.

Em nome do evolucionismo defende os direitos da mulher, o anti-semitismo e a abolição. Está sempre contra as utopias e escatologias. *"Rebelde, às vezes; revoltado, quase sempre; crítico da sociedade de seu tempo, mas nunca um revolucionário que pretendesse realmente transformá-la em sua estrutura e em seus alicerces"*⁵⁹⁴.

Nesta fase já superara Augusto Comte, mas sempre na ânsia de utilizar teorias vindas da Europa, que lhe pudessem indicar o sentido das mudanças sociais⁵⁹⁵. Entretanto, como ele mesmo dizia, atacava os ramos e não as raízes. Um dos elementos de mudanças era armar o país para tornar-se forte na luta que travaria com os outros da América do Sul, para chegar à supremacia⁵⁹⁶. Outras mudanças estavam no rompimento com *"a mania de imitar outros povos e outras formas de governo, voltadas para o estrangeiro; o romantismo humanitário (que simpatiza mais com o criminoso do que com a vítima, também um dos defeitos do caráter nacional); a afilhadagem e o compadrismo; o otimismo e a ausência de ideal, que nos leva a certa penúria moral e à falta de missão; o porque-me-ufano-do-meu-país, que nos*

594 *Ibid.*, p. 52.

595 Cf. Evaristo de MORAES FILHO, *Medo à utopia*, p. 95.

596 Cf. Evaristo de MORAES FILHO, "Tobias Barreto, intérprete do caráter nacional", In: Tobias BARRETO, *A questão do Poder Moderador e outros ensaios brasileiros*, p. 53.

conduz a cantar os grandes rios e não os grandes homens, etc."⁵⁹⁷.

No campo das idéias o germanismo de Tobias significa a ruptura com os prejuízos teológicos e metafísicos, como estéreis e questões sem saída⁵⁹⁸.

No campo político revolta-se contra o fato de quererem fazer do Brasil um parlamentarismo à inglesa, enquanto o resto continuava o mesmo em religião, ciência, indústria, comércio, e os demais pontos da vida social⁵⁹⁹.

Aliás, crítica o estilo de liberalismo utilizado no país porque é mais escatologia política, "só faz ouvir as suas promessas de melhoramento, os seus gritos proféticos de abalo e renovação social, quando apraz ao imperador arredá-lo dos conselhos da coroa e distribuir com outro o pão da vida governativa. Fora disto, e quando no gozo do aconchego régio, adeus liberdade, e bem assim todo o sistema de ilusão que enfloram essas palavras".⁶⁰⁰ O liberalismo inglês atingiu um auge, mas "o organismo social brasileiro não é o organismo social inglês"⁶⁰¹.

A concepção organicista de Estado aparece nas "Preleções de Direito Constitucional", quando o define como

597 *Ibid.*, p. 62.

598 Cf. Tobias BARRETO; "A questão do Poder Moderador," 81-121. In: A questão do poder Moderador e outros ensaios brasileiros, p. 81.

599. Cf. *Ibid.*, p. 84

600. *Ibid.*, p. 86.

601. *Ibid.*, p. 113.

um organismo perfeito, com seus órgãos autônomos e regulares, com suas células constituintes. Esse organismo não é visível, mas é concebível. Pode ser comparado com o organismo humano, com sua coordenada complexidade de órgãos, tendendo todo para a economia da vida. E, continuando a comparação, assim como o organismo humano é estudado sob dois pontos de vista diferentes, já em sua estrutura e morfologia, já em suas funções; da mesma sorte o estudo do organismo do Estado – esse vasto distrito do saber humano – divide-se em duas ciências afins, que encaram o organismo do Estado sob um duplo aspecto. "Essas duas ciências são o *Direito Público e o Direito Administrativo*, subordinadas ambas à *Política*, cujo conceito, sendo mais complexo, abrange ambas"⁶⁰².

As comparações biológicas estendem-se ao Direito Público como anatomia do Estado (estudo da morfologia e estrutura, com suas condições existenciais) e ao Direito administrativo como fisiologia do Estado (estudo das funções orgânicas das leis do seu desenvolvimento), compondo a estática e a dinâmica social. A Política é a ciência que engloba as duas "enquanto ensina a dirigir aqueles órgãos e a regular aquelas funções"⁶⁰³.

602. Tobias BARRETO, "Preleções de Direito Constitucional". pp. 122-151. In: A questão do poder Moderador e outros ensaios, p. 122.

603. Tobias BARRETO, "Preleções de Direito Constitucional", pp. 122-151. In: A questão do poder Moderador e outros ensaios, p. 122.

A questão do mais forte e do mais fraco está na finalidade social de cada nação ao estabelecer objetivos, os quais determinarão o grau de superioridade e inferioridade no conflito pela sobrevivência. Sobre isto diz Tobias Barreto: *"As nações são como os indivíduos egoístas. Na luta pela existência elas tendem a absorver as outras menos forte que vivem a seu lado; e para que cada nação possa manter e garantir a sua sobrevivência, é preciso sentir-se forte para arcar contra os resultados da seleção política"*⁶⁰⁴. A nação de seleção política permite explicar a integração de um território num Estado, que é a organização da nação, o seu domínio.

Pelo mesmo princípio organicista, o Estado, como todo organicismo, cessa de existir um dia, pelo fato de deixar de desempenhar suas funções. A história já o demonstrou⁶⁰⁵. O seu fim é assegurar pacificamente ao cidadão os frutos do seu trabalho. Não é um fim em si mesmo.

Tobias socorre-se de von Ihering na distinção Estado e sociedade, pela famosa hipótese nebular que este tomara de Spencer. Na origem do universo a natureza era informe: *"existiam apenas nebulosas, das quais se formaram mundos e sistemas planetários, No momento atual existem ainda nebulosas, que são outros tantos mundos em via de formação, os quais, por sua vez, aglomerar-se-ão em grandes*

604. *Ibid.*, p. 123.

605. Cf. *Ibid.*, p. 124.

sistemas solares. Pois isso que se afirma do mundo físico também se pode afirmar do mundo social em virtude da identidade das leis que regem as diversas ordens de fenômeno do Universo"⁶⁰⁶. Isto é a sociedade, o elemento anorgano, a nebulosa do Estado, que virá para seu sistema orgânico, pelo dever físico, não à força.

O fim da escravidão e a vinda de imigrantes por favorecimento do Estado, Tobias explica pelo que chama de política de população, enquanto aumenta o número de habitantes para garantir a ordem social, uma vez que ele é o órgão da cultura humana. E por isso que se diz que é fim e meio ao mesmo tempo⁶⁰⁷.

A política social é o aspecto da Política que dinamiza o Estado. *"Melhorar a condição da família, dar regime a ela, discriminar as classes, melhorar a raça pelo cruzamento: eis o escopo dessa política"*⁶⁰⁸.

A política econômica permite discutir o equilíbrio entre capital e trabalho, melhorar as condições do trabalhador, incentivar o público e o privado no que se refere à riqueza e ao desenvolvimento, ampliar as vias de comunicação⁶⁰⁹.

606. *Ibid.*, p. 124.

607. Cf. *Ibid.*, p. 125.

608. *Ibid.*, p. 125.

609. Cf. *Ibid.*, p. 125.

A política da força é o instrumento utilizado para garantir a paz internacional e acaba por ser instrumento de progresso⁶¹⁰. A força gera o direito. A força foi resultado da luta e garantida pelo direito, não sendo necessário usar a violência para se impor⁶¹¹. Evidencia-se aqui a filiação a von Ihering.

Spencer admitia a lei de igual liberdade. Tudo que a ultrapasse deve sofrer a restrição. Conclui Tobias que o que excede os limites da liberdade é um crime⁶¹².

O que não se admite é o lema "liberdade, igualdade e fraternidade", fórmula de metafísica política, dogma de tempo passados⁶¹³.

No texto, "Um discurso em mangas de camisa", Tobias arremete-se contra o lema da Revolução francesa, considerando uma estranheza que tais palavras possam estar juntas, uma vez que as considera estranhas e contraditórias⁶¹⁴. Isto porque a "liberdade é um direito, que tende a traduzir-se no fato, um princípio de vida, uma condição de progresso e desenvolvimento; a igualdade, porém, não é um fato, nem um direito, nem um princípio, nem uma

610. Cf. *Ibid.*, p. 125.

611. Cf. Rudolf von IHERING, *A luta pelo direito*, p. 80.

612. Cf. Tobias BARRETO, "Preleções de Direito Constitucional", pp. 122-151. In: *A questão do Poder Moderador e outros ensaios*, p. 146.

613. Cf. Tobias BARRETO, *Discursos*, p. 119.

614. Cf. Tobias BARRETO, "Um discurso em mangas de camisa", pp. 173-184. In: *A questão do Poder Moderador e outros ensaios*, p. 176.

condição; é, quando muito, um postulado da razão, ou, antes do sentimento. A liberdade é alguma coisa, de que o homem pode dizer: - eu sou!...; a igualdade alguma coisa, de que somente diz: - quem me dera ser!"⁶¹⁵.

Por isso é que Tobias pode dizer que a liberdade gera a desigualdade e a igualdade(prática) gera a escravidão, porque, neste caso, nenhum indivíduo pode ressaltar o seu predicado, fica oprimido. Daí, a revolta contra o comunismo como "*o mais alto grau de igualdade por que ele pressupõe a opressão de todas as inclinação naturais, é também o mais alto grau de servidão*"⁶¹⁶. O ideal da Revolução Francesa caiu por terra ao querer chegar à igualdade de modo fanático. O despotismo de Napoleão Bonaparte foi o resultado. Não se rejeita, porém, a fraternidade, pois está na idéia de pátria e no sentimento de direito⁶¹⁷.

Estar contra a igualdade não significa estar ao lado dos privilégios existentes no Brasil da época de fins do Império, porque representa uma estagnação contra o progresso, contra o talento e as virtudes de cada um. O que são castas sociais e políticas. No campo econômico há a luta pelo capital e não pelo direito, enquanto o povo se abate com a miséria⁶¹⁸, como coisa apropriável⁶¹⁹. Aqui, Tobias

615. *Ibid.*, p. 177.

616. *Ibid.*, p. 177.

617 Cf. *Ibid.*, p. 178.

618 Cf. *Ibid.*, p. 179.

chama atenção para o fato de a liberdade ser fruto da história, e, com isso, ser possível o povo livrar-se da tutela⁶²⁰. Constata a corrupção existente na política nacional, o que contribui para o amesquinamento popular, arrastando o Estado para o abismo. É a superioridade individual que deve aflorar e os critérios são a ciência e a virtude⁶²¹.

É a defesa do Partido Liberal pela democracia. "Uma sociedade com efeito se diz organizada sobre a base da liberdade e deixa, entretanto, passar o privilégio concedido a uns poucos que abarcam a governança, é uma sociedade fraca e mentirosa que não tem ânimo de elevar-se à altura de seu destino"⁶²². A liberdade de operar como força e a igualdade como tendência no corpo social. O resultado será a harmonia e felicidade. E explica: aqui separo-me das utopias comuns. A igualdade só pode obrar como tendência, não pode obrar como direito"⁶²³.

A igualdade entre um amo e um criado, um operário e um capitalista é de relação, por isso, a democracia tem na liberdade a sua força individual, ativa e consciente e a "proclama como seu magno princípio, não pode

619 Tobias dá o exemplo do município de Escada, onde residiu. Na discussão entre os Partidos Liberal e Conservador sobre quem estava do lado de quem, eram contados os números de engenhos e não de indivíduos votantes. É o que chama de açucarocracia. Cf. Ibid., p. 179.

620 Tobias lembra que o município de Escada é o exemplo do que se passa no resto do país. É quando chama os seus habitantes de três mil almas, ou melhor, três mil ventres. Cf. Ibid., p. 183.

621 Cf. Tobias BARRETO, "Homens e princípios", pp. 185-197. In: A questão do poder moderador e outros ensaios, p. 188

622 Ibid., p. 189.

623 Ibid., p. 192.

prometer a igualdade senão como resultante de todas as forças contrabalançadas no seio da sociedade; não quer bater o cordel na cabeça do povo, não quer passar a régua na superfície dos mares"⁶²⁴.

Quanto á ordem e ao progresso, Tobias observa que não são elementos que dependem de nosso critério. Fazem parte da organização do universo. A ordem é a harmonia de todas as forças que vão na direção de um término⁶²⁵. Assim, compreende o liberalismo e a democracia obedecendo à "Lei do desenvolvimento universal, arredando os preconceitos, as distinções mal fundadas..."⁶²⁶.

624 *Ibid.*, p. 192.

625 Cf. *Ibid.*, p. 194.

626 Cf. *Ibid.*, p. 196.

CAPÍTULO III

SÍLVIO ROMERO

Chrisanto de Brito se refere a Sílvio Romero, elogiosamente, como exemplo da universalidade das aptidões⁶²⁷. Dá uma certa idéia de turbilhão, diz a respeito Antônio Cândido, pela paixão e impetuosidade como escreve, estilo e variadíssima bibliografia utilizada⁶²⁸. Por ele foi possível o Brasil ter uma percepção do passado, condição de uma existência social superior⁶²⁹.

Sua obra é imensa. Está na crítica e história da literatura no folclore, na etnografia, na política, na sociedade, na filosofia, na poesia e nos opúsculos de temas variados.

Este é, pois, o motivo do maior destaque a ser dado ao autor no seio de todo o movimento de modernização do Brasil, em particular no aspecto intelectual.

627 Cf. Chrisanto de BRITO, "Resenha sintética" a Sílvio ROMERO, *Discursos*, p. VII.

628 Cf. Antônio CÂNDIDO, *Sílvio Romero: Teoria, crítica e história literária*, p. IX.

629 Cf. Arthur ORLANDO, *Ensaio de crítica*, p. 55.

Ao ser acusado de ecletismo por ser adepto de quatro sistemas (spencerismo, criticismo, evolucionismo e agnosticismo) responde que é de um sistema só que está falando, uma vez que o spencerismo é a forma mais completa do evolucionismo e criticismo (evolução + crítica do conhecimento), que recebe na Inglaterra o nome de agnosticismo⁶³⁰. É tal doutrina um neokantismo alargado⁶³¹. Ressalta que "mudar, variar, ampliar, corrigir, idéias, no correr dos anos não é contradição"⁶³². Como não mudar após anos ?⁶³³ Se o positivismo é uma coisa, o evolucionismo é outra, apesar de muitas das idéias serem iguais⁶³⁴. A historicidade é o critério para entender ao que chamam de contradições⁶³⁵. Saúda tudo o que quem abalar os fundamentos da velha ordem, a teologia e a metafísica, desde que esteja estribado no princípio na evolução⁶³⁶. Por isso, "geral foi a grita contra o novo iconoclasta"⁶³⁷.

Apesar do "caminho seguro" que encontra em Spencer⁶³⁸, opta por não ter sistema nenhum "porque um sistema prende e comprime a verdade. Roberto Lyra considera que esse caminho para a sistematização foi longo, tanto na

630 Cf. Luis WASHINGTON VITA, "Introdução" a Silvio ROMERO, Obra filosófica, p. XVI.

631 Cf. Ibid., p. XVII.

632 Silvio ROMERO, "Advertência prévia" a Minhas contradições, p. 7.

633 Cf. Ibid., p. 17.

634 Cf. Ibid., p. 27.

635 Cf. Ibid., p. 45.

636 Cf. Silvio ROMERO, Estudos de literatura contemporânea, p. 7.

637 Carlos Sússekind de MENDONÇA

638 Silvio ROMERO, Provocações e debates., p. 221

filosofia como no direito⁶³⁹, o que provoca duras críticas de Labieno em Vindiciae⁶⁴⁰.

Para ter-se uma idéia da amplitude de seu pensamento, vale lembrar o seu ensaio crítico, A filosofia no Brasil, de 1878: "Nada há mais belo na história que reina entre as leis gerais astronômicas formuladas por Kepler e Newton, o sistema universal do éter de Fresnel Bouchporn, a doutrina geológica evolucionar de Lyell, o sistema genealógico de Lamarck, a teoria da seleção de Darwin e Haeckel, as vistas positivas da história de Comte e Spencer, nada há mais belo, digo, na história das ciências do que contemplar a insigne harmonia que reina entre tantas e tão profundas especulações e a teoria evolucionar do mundo do filósofo alemão e do astrônomo francês"⁶⁴¹.

Pessoalmente, no começo de seus escritos, diz-se seguidor do jovem Comte, seu discípulo Littré e do transformismo de Darwin, tentando harmonizá-los no criticismo⁶⁴². É assim que se julga neokantiano, tomando o espírito de Kant, não a rigidez das idéias. À indagação se é sectário do positivismo ou do transformismo, responde entendendo-os de modo largo e sem sacrificar a liberdade de pensar a certas imposições dos sistemas⁶⁴³.

639 Roberto LYRA, A obra de Sílvia Romero em criminologia e direito criminal, p. 25

640 LABIENO, Vindiciae, pp. 252-253

641 Sílvia ROMERO, A filosofia no Brasil, p. 90

642 Cf. Ibid., p. 146.

643 Cf. Ibid., p. 148.

No seu quadro sintético da filosofia no Brasil coloca-se na bifurcação spenceriana do evolucionismo ao lado de Arthur Orlando, Clóvis Bevilácqua, Samuel de Oliveira, Liberato Bittencourt e França Pereira⁶⁴⁴. Ao incluir-se, considera-se fazendo parte de um todo onde a intuição monística deu-lhe a resposta e a visão da unidade de todos os fatos⁶⁴⁵. Essa mesma unidade é que vê na individualidade e unidade da pátria mantida no Império⁶⁴⁶.

A sua obra de 1894, Doutrina contra doutrina, expõe o evolucionismo e o positivismo no Brasil. O melhor serviço prestado ao país pelo positivismo é sua aderência aos fatos⁶⁴⁷, mas a lei máxima e completa está com o gênio de Spencer⁶⁴⁸, pois *"não podem existir fatos sem antecedentes imediatos, sem a passagem de um estado homogêneo e incoerente a um estado de diferenciação e coerência, não podemos admitir o milagre da existência de instituições, quatro vezes seculares no ar, sem a menor base na vida nacional"*⁶⁴⁹. A fonte do país deve ser uma política como fermento do progresso e o país será fatalmente democrático⁶⁵⁰. Nisso rejeita o positivismo, que estimula o militarismo, não considerando próprio à força armada participar da política ativa em sociedades pacíficas e bem

644 Cf. Sílvia ROMERO, Quadro synthetico da evolução dos gêneros da litteratura brasileira, p. 70.

645 Cf. Sílvia ROMERO, Novos estudos de litteratura contemporânea, p. 12.

646 Cf. Sílvia ROMERO, O Duque de Caxias e a integridade do território brasileiro, pp. 20-21.

647 Cf. Sílvia ROMERO, Doutrina contra doutrina, p. 262.

648 Cf. Ibid., p. 264.

649 Ibid., p. 264.

650 Cf. Ibid., p. 267.

organizadas⁶⁵¹. Sua intervenção desvirtua a política e amesquinha-se a si mesma⁶⁵², porque "o esposamento de uma causa que nunca corresponde às aspirações gerais da nação e raras vezes é a expressão de interesses consideráveis. Daí a perda daquela imparcialidade que deve ser o apanágio do Exército e é o que lhe dá força, moral e prestígio"⁶⁵³. Além do mais, a quebra da imparcialidade gera confrontos dentro do próprio grupo. As alianças com grupos civis torna-os presos de exploração e de politiquinhos⁶⁵⁴.

O positivismo é considerado um novo tipo de jesuitismo como nova religião, nova filosofia e nova política. Chama de aberração a junção com o militarismo, além de esquisitice e educação desorientada⁶⁵⁵, fazendo mal ao exército e ao país⁶⁵⁶.

O antídoto encontra-se em Herbert Spencer⁶⁵⁷. A ordem e o progresso sem a liberdade é o mesmo que faltar o melhor⁶⁵⁸. O exército tem governado a República, e o positivismo governado o exército nos três ministérios, impondo a candidatura de Floriano e o discricionarismo⁶⁵⁹. Daí, a necessidade do povo brasileiro pender "para a doutrina naturalista e evolucionista, onde palpita mais

651 Cf. *Ibid.*, p. 287.

652 Cf. *Ibid.*, p. 288.

653 *Ibid.*, p. 288.

654 Cf. *Ibid.*, p. 289.

655 Cf. *Ibid.*, p. 291.

656 Cf. *Ibid.*, p. 292.

657 Cf. *Ibid.*, p. 293.

658 Cf. *Ibid.*, p. 295.

659 Cf. *Ibid.*, p. 300.

intenso o coração do século e agita-se a alma do futuro, para essa doutrina compatível com todos os progressos, porque ela mesma é uma resultante do progresso científico ..."⁶⁶⁰. Deve-se fugir da união do executivo e legislativo nas mãos de um ditador⁶⁶¹.

Outro elemento gritante no positivismo é o fim da noção de direito humano, porque argumenta que não há liberdade de consciência em Física, Química e Filosofia⁶⁶². Na sua política científica procura acabar com os males da opinião democrática e liberal⁶⁶³.

Ademais, procura arvorar o seu sistema em dogma, o que o torna justificativa do despotismo sociocrático, assenhoreando-se do poder temporal das nações⁶⁶⁴.

A incorporação do proletariado na sociedade moderna, que pretende o positivismo, Sílvio considera manejo e presunção, pois não vê como coibir o excesso de padrões, chefes e arbitrariedades do capitalismo moderno, apenas com a pregação de paciência, veneração e respeito pelos pobres⁶⁶⁵.

⁶⁶⁰ *Ibid.*, p. 302.

⁶⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 305.

⁶⁶² Cf. *Ibid.*, p. 306

⁶⁶³ Cf. *Ibid.*, p. 308

⁶⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 363

⁶⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 372

A preferência pelo evolucionismo é por ter a concepção de ciência progressiva. As idéias centrais são: "a crítica do conhecimento iniciada por Hume, desenvolvida por Kant e levada às últimas conseqüências por Hamilton e Mansel; o princípio fundamental da evolução, do werden perpétuo que lhe passou do próprio Kant, de Goethe, de Hegel, a aplicação prática desse princípio à biologia pelo experimentalismo transformístico, de von Baer, Darwin, Wallace; finalmente a concepção monística do Universo, preparada por Grove, Meyer, Joule, Hemholtz e trinta outros, aceita hoje geralmente por naturalistas, como Haeckel e por filósofos como Noiré e Hartman"⁶⁶⁶.

Sílvio Romero chama de edifício filosófico o sistema de Herbert Spencer com a "idéia fundamental de uma evolução constante, firmada na diferenciação progressiva, no conceito de luta, fatal no mundo físico, estimuladora no mundo moral"⁶⁶⁷.

Em seguida, no Ensaio de filosofia do direito reconhece a contribuição de várias teorias científicas. No mesmo texto argumenta: "Kant, na crítica geral do conhecimento e intuição peculiar da filosofia. Spencer, na explanação do evolucionismo agnóstico e em muitas idéias de biologia, psicologia e ciências social. Darwin e Haeckel, nas linhas gerais do transformismo biológico. Huxley, Bain,

⁶⁶⁶ Ibid., p. 374

⁶⁶⁷ Ibid., p. 374

Mill e Delboueuf, em várias concepções de psicologia e lógica. Noiré na intuição do monismo idealista e Hartmann na teologia. Schopenhauer, em vários pontos da ética. Helmholtz e Lange, na penetração de Kant. De Gobineau, Max Muller, Renan, Lenormant, Michel Nicolas, E. Burnouf na diferenciação das raças, ajudados, em tal intuito, por Lubbock, Broca, Tylor, a que se ligam Taine e Scherer, mestres, além disto, na crítica literária e estética"⁶⁶⁸.

Diz-se o primeiro a citar von Ihering e a falar da darwinização do direito em 1875. Vangloria-se de não pensar com "os anátemas do positivismo, nem as afoitezas sistemáticas do haeckelismo. Se tivesse que tomar um chefe entre os modernos elegeria Herbert Spencer, nas linhas gerais do seu pensar, posto que distanciado de algumas de suas afirmações, especialmente em sociologia e moral"⁶⁶⁹.

A tutela de von Ihering deve-se à concepção darwiniana na luta pela vida estendida da natureza à sociedade⁶⁷⁰. Admite Tobias Barreto como seu par nessa nova concepção, sem rivalidade e submissão um ao outro⁶⁷¹. Toma de Spencer o âmago da filosofia: "1º Monoevolutiva em vez de dualística; 2º Crítica em lugar de dogmática; 3º Dependente e subordinada às ciências particulares, cuja síntese provisória faz, em vez de independente, arquitetônica e

668 Cf. Sílvia ROMERO, Ensaio de filosofia do direito, p. 500

669 Ibid., pp. 502-503

670 Cf. Sílvia ROMERO, Da crítica e sua exata definição. p. 13

671 Cf. Sílvia ROMERO. Ensaio de filosofia do direito, p. 507

sistemática; 4ª Formada por processos a posteriori, com desprezo, o mais possível, dos velhos métodos a priori"⁶⁷².

A concepção de história da filosofia é vista sinteticamente em monismo, dualismo, positivismo e criticismo evolucionista⁶⁷³. São detectadas quatro leis comuns: "evolução, unidade, unidade das forças físicas, imanência da causalidade em cada fenômeno, relatividade do conhecimento"⁶⁷⁴. O evolucionismo é um sistema que engloba tais leis e deve ser interpretado "em sua plenitude e amplidão filosófica"⁶⁷⁵. Daí, ser o termo transformismo, menos amplo, assim como o monismo, que deve mais ser aplicado à física. Kant introduziu-o na astrofísica; Goethe na botânica; Oken, Lamarck e Darwin na zoologia; Lyell na geologia; Schleicher na lingüística e Spencer no âmbito do conhecimento já outros teóricos como Vico, Turgot, Condorcet, Saint-Simon aplicam-na aos fatos sociais.

O critério da evolução permite interpretar as diversas teorias da história. Sílvio Romero permite-se falar em uma história da filosofia da história⁶⁷⁶. Como há leis e princípios certos, pela evolução da sociologia, admite-se a ciência da sociedade e da história. Ora, se essas leis não eram conhecidas, explica-se facilmente a múltipla existência de teorias sobre a evolução da humanidade. Rompe-se com a

672 *Ibid.*, p. 514

673 Cf. *Ibid.*, p. 522

674 *Ibid.*, p. 554

675 *Ibid.*, p. 554

676 Cf. *Ibid.*, p. 560

interpretação transcendental, ou Deus intervindo sobre os atos humanos como fase primitiva e teológica da história, o que inclui predestinação e providência. Considera esta teoria como anticientífica e inverificável, e, por isso, deve ser descartada. Além do mais, destrói a responsabilidade humana⁶⁷⁷.

A teoria oposta, chamada de livre arbítrio radical, tem o acaso como o grande critério para entender a história. O homem está desligado de qualquer influência ou relação, e tudo está submetido ao capricho de cada um. Ora, isto não passa de invenção⁶⁷⁸.

A teoria de identificação das manifestações das vontades divina e humana à maneira de Spinoza e Hegel, fonte de outras semelhantes é considerada imanência que paira no absoluto. Como conhecer as ações divinas ? Não há o que falar⁶⁷⁹.

Carlyle defende o hero-workship, culto exagerado e sobre-humano que defende a veneração a alguns indivíduos superiores muito além das massas, da produção anônima e popular. Sílvio Romero chama a isto de falso⁶⁸⁰. "Hoje, só os espíritos retardatários desconhecem que os mais imponentes produtos da atividade humana como linguagem, mitologias, religiões, contos, lendas, grandes epopéias,

677 Cf. Ibid., p. 561

678 Cf. Ibid., p. 562

679 Cf. Ibid., p. 562

680 Cf. Ibid., p. 562

direito, moral, não são obras de heróis, senão criações anônimas e populares"⁶⁸¹.

A teoria do determinismo materialístico de Buchez, Quetelet e Comte, chamada também física da história, pretende ultrapassar a teologia e a metafísica, entretanto merece objeções por ignorar o fator humano⁶⁸².

Todas as teorias são superadas pelo evolucionismo histórico ou critério científico da história, que considera as leis físicas e mentais. Em outros termos, é o naturalismo evolucionista e crítico, que inclui, entre as influências nas ações, os antecedentes, o ambiente, o organismo, as aptidões hereditárias e ainda elementos que a ciência descobrirá. Resume tudo na ação recíproca de fenômenos externos sobre o espírito e vice-versa⁶⁸³, num complexo harmônico. São quatro as categorias de influências, de início cegas, sobre os homens: "clima, alimentação, solo e aspecto geral da natureza"⁶⁸⁴. A última das quatro provocou forte influência na imaginação do povo, o que acarretou peculiaridades diferentes conforme o lugar habitado.

As leis mentais referem-se à cultura caracterizando o homem como ser inteligente e progressivo, por sua meditação e aplicação prática. As capacidades intelectuais inerentes levaram o homem adiante pelas

681 *Ibid.*, p. 562

682 Cf. *Ibid.*, p. 562

683 Cf. *Ibid.*, p. 565

684 *Ibid.*, p. 566

ciências. Superam a capacidade moral, pois de nada adiantam certas virtudes se jungidas à ignorância ⁶⁸⁵. Tal opinião é partilhada por Spencer e Lange.

Especificamente, a sua História da Literatura Brasileira, procura escrevê-la conforme o naturalismo, ressaltando o caráter nacional quanto à individualidade do país, com o critério positivo e evolucionista ⁶⁸⁶, chamando a atenção para a universidade como impulso necessário. Ressalta que inicia pelos elementos de uma história natural da literatura, pelas condições do determinismo que a afeta, com aplicações da geologia e da biologia ⁶⁸⁷. É o fato da poesia, encarada como algo inevitável, mas "fato comum, ordinário e vulgar da vida humana" e fruto de sua organização ⁶⁸⁸.

Insere a noção de luta pela existência em literatura e arte em dois momentos: "um que é feito pelo próprio escritor em sua vida, e outro que é feito pela consciência pública e pela história depois de sua morte" ⁶⁸⁹. Nesse sentido, "as idéias mais fracas são devoradas pelas mais fortes. As idéias têm todas um elemento hereditário e tradicional e um elemento novo da adaptação a novas necessidades e a novos meios" ⁶⁹⁰. A polêmica é o fator de

685 Cf. Ibid., p. 567

686 Cf. Sílvia ROMERO, História da literatura brasileira, p. 58.

687 Cf. Ibid., p. 59

688 Sílvia ROMERO, Cantos do fim do século, pp. V-VI.

689 Sílvia Romero, História da literatura brasileira, 3ª v., p. 1027

690 Ibid., p. 784

desenvolvimento natural das idéias, porque exprime a força e a luta⁶⁹¹ e tem uma origem natural⁶⁹².

Prevê, e nisso é acusado de racismo, que o triunfo na luta pela existência conforme as leis da seleção na literatura e no povo brasileiro será a da raça branca, pois vai assimilando melhor o que a vida lhe oferece⁶⁹³. O mestiço é visto como sub-raça. Entretanto, vê que o branco puro já é difícil de encontrar-se, a mestiçagem acaba sendo a característica nacional, e não há como evitar o que possam oferecer outras raças⁶⁹⁴. Encontra saídas no futuro quando o continente estiver domado. Aponta dois fatores, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento de índios juntamente com o incremento da imigração européia bem distribuída, ressaltando que deva continuar a presença do português⁶⁹⁵.

Perante a dificuldade de saber o grau da mecanicidade, inconsciência e fatalidade da história, reflete que os assuntos políticos e sociais possam ter algum controle humano. Por isso, as migrações podem ser dirigidas⁶⁹⁶. Pelo mesmo motivo saúda a República como filha da revolução, do liberalismo e da ciência⁶⁹⁷. Contra o

691 Cf. *Ibid.*, 3ª v., p. 784

692 Textualmente, em nota, observa: "Esta linguagem tomada a Darwin e Haeckel é aqui a mais própria para dar explicação dos fenômenos históricos". *Ibid.*, 3ª v., p. 777.

693 Cf. *Ibid.*, p. 3ª v., p. 924

694 Este exemplo Sílvia Romero toma-o da Europa citando a invasão da Europa pelos arianos, dominando os povos primitivos, mais fracos de caráter, acabando por acontecer a mesclagem. Cf. Sílvia ROMERO, *Zeverissimasões ineptas da crítica.*, p. 175

695 Cf. Sílvia ROMERO, *Hitsória da literatura brasileira.*, pp. 6-7

696 Cf. Sílvia ROMERO, *A imigração e o futuro da raça portuguesa*, pp. 6-7

697 Sílvia ROMERO, *Discursos*, p. 38

presidencialismo, adere ao parlamentarismo como o sistema britânico e o "mais livre que existe sobre a terra"⁶⁹⁸. Vê o presidencialismo fazendo parte do doutrinamento positivista, por esta corrente não conhecer a democracia liberal e as instituições representativas⁶⁹⁹. O povo inglês é o novo povo livre. Por isso, "fiel à alma poderosa e nobre de sua nação, Herbert Spencer, o filósofo magno, não ilude, nem tergiversa. Ele não sonha ditaduras; a humanidade não se lhe afigura, pelos séculos adiante, uma manada de carneiros ou um bando de escravos bestificados pelos bonzos de alguma religião caduca"⁷⁰⁰.

Cientificamente, Sílvio Romero sugere que se consulte qualquer livro moderno de fisiologia e tomar o exemplo dos seres vivos, onde cada órgão preenche a sua função⁷⁰¹. Ao mesmo princípio preenche o governo, que é "proteger os súditos contra toda a violência"⁷⁰².

698 Sílvio ROMERO, Parlamentarismo e Presidencialismo, p. 10

699 Cf. Ibid., p. 106

700 Ibid., p. 143

701 Cf. Ibid., 146

702 Ibid., p. 147

CAPÍTULO IV

CLÓVIS BEVILÁCQUA

Em um estudo sobre o centenário de Clovis Bevilácqua foi considerado "quem imprimiu em nossa terra as mais seguras diretrizes do Direito que, até então, era simples reflexo de legislação de outros países"⁷⁰³. É tido como o maior jurista a Escola de Recife⁷⁰⁴.

Ao questionar sobre a diversidade das teorias em um texto chamado "*A filosofia positiva no Brasil*", responde com a frase: "*Na luta pela vida foi sucumbido o que não tinha consistência, atrofiando-se o inútil*"⁷⁰⁵. Assevera a importância do positivismo, entretanto, a ciência não parou, pelo conceito como diferenciação. Atribui ao mesmo de Haeckel um estágio mais avançado, saúda a filosofia de Spencer mais de acordo com a ciência de seu tempo.

Elogia um exemplo biológico de Thomas H. Huxley, quando compara o espírito humano a uma lagarta. "Desde que o volume do pequeno animal cresce, a ponto de não

703 J. GUALBERTO DE OLIVEIRA, *Clóvis centenário*, p. 53.

704. A. L. MACHADO NETO, *História as idéias jurídicas no Brasil*, p. 54.

705. Clóvis BEVILÁCQUA, "A filosofia positiva no Brasil" pp. 12-53. In: *Obra filosófica I*, p. 13

se conter mais no invólucro primitivo, este rompeu-se, dando lugar a um novo. Assim, o espírito humano. A casca que veste este grande lepidóptero são as modalidades da concepção do mundo. Aproveitando a lembrança do afamado zoologista, direi que é preciso conhecer-se o momento histórico em que a inteligência brasileira, por ter engrossado seus cabedais suficientemente, teve de abrir a primeira fenda no tegumento teológico-metafísico, e partimos desse fato inicial até os últimos desenvolvimentos e proliferações da disciplina mental que, em tão boas hora, veio arrancando-se desse pesado limbo"⁷⁰⁶.

Escreve "A concepção da sociologia em Gumpłowicz", onde valoriza as vantagens inestimáveis das ciências físicas e biológicas, oferecidas ao investigador moderno. Gumpłowicz aplica o princípio darwinista da luta à vida das sociedades⁷⁰⁷, sob uma característica própria e quando analisa o conceito de raça. Define-a como "uma formação instável, que toma a orientação de um grupo étnico preponderante, que assimila sucessivamente outros grupos dominados por uma espécie de intussuscepção social, porém que, por sua vez, tem de ser atraída, subjugada e devorada por outra formação mais forte, mais resistente. E, assim, a história humana, apanhada em seu conjunto, é, simplesmente, esse combate sem tréguas e sem comunicação travado entre

706. *Ibid.*, p. 22.

707. Cf. Clóvis BEVILÁQUA, "A concepção da sociologia em Gumpłowicz", pp. 78-85. In *Obra filosófica* I, p. 80.

*grupos sociais para o fim único da dominação que os convulsiona e lhes aguça a fome doravante"*⁷⁰⁸.

Vê-se nessa citação a luta pela dominação das raças, ponto central da doutrina e força movente da evolução social. É quando Clóvis Bevilácqua fala das virtudes da fecunda doutrina de Darwin, que já tinham sido aplicadas de maneira vasta e surpreendente na biologia, lingüística e ao direito⁷⁰⁹.

Estão aplicados aí os princípios de luta e seleção à vida da humanidade, conforme etnias, justificando, inclusive, a divisão do trabalho humano pelo direito dos vencedores sobre os perdedores. Mas, o ódio de uns pelos outros continua, assim como a benevolência para o próprio grupo, a que se dá o nome de singenismo⁷¹⁰. Infelizmente, continua Clóvis Bevilácqua, o autor, por não ter lido Spencer, não o cita uma única vez, apesar de muita coisa excelente dita acaba por cair no dualismo, e não desenvolve o monogenismo, como foi feito por outros. Por exemplo, a luta existente entre grupos étnicos ou singenéticos, entre as classes sociais, entre capitalistas, industriais e grandes proprietários de uma lado, e de outro, os trabalhadores. Acresce a luta entre comerciantes e consumidores, governantes e governados, poderosos e fracos. Do ponto de vista monogenista, isto não significa ódio

708. *Ibid.*, p. 83.

709. Cf. *Ibid.*, p. 83.

710. Cf. *Ibid.*, p. 83.

incansável, mas estímulo à emulação. Clóvis rebate Gumpłowicz com a homogeneização ocorrida no Brasil onde considera que a hostilidade de raças aos poucos tende a ser eliminada. As classes no Brasil não se caracterizam pelas raças em conflito.⁷¹¹

É altamente interessante a aplicação darwinista feita por Gumpłowicz, embora, quando define a raça acaba dando-lhe um conceito vago, pois não há mais raças puras. Em outros termos, considera-se que o ponto e apoio para constituir a sociologia fez com que Gumpłowicz avançasse. Errou na sua variante explicativa.

No testemunho de Lauro Romero "Clóvis Beviláqua tinha uma habilidade inexcedível para assimilar o que havia de bom nessas idéias novas"⁹. As dúvidas e incertezas filosóficas nelas encontram solução⁷¹². É onde o monismo evolucionista de Spencer encontra a maior repercussão dentro da Escola de Recife, por Clóvis considerar Spencer quem atingiu a religião mais elevada na filosofia. Se foi positivista, tendo como excelente a doutrina, não recusa a metafísica, considerando que é preciso avançar com o monismo evolucionista⁷¹³, enquanto

711. Lauro ROMERO, Clóvis Beviláqua, p. 170.

712 Raimundo de MENEZES & Manoel Ubaldino AZEVEDO, Clóvis Beviláqua, p. 125.

713 Manoel Caetano Bandeira de MELLO, "Apresentação" a Alcântara NOGUEIRA, O pensamento filosófico de Clóvis Beviláqua, p. 17.

síntese abstrata unificando a totalidade dos conhecimentos⁷¹⁴.

Clóvis Beviláqua é apresentado por San Thiago Dantas absorvendo e filtrando as idéias européias⁷¹⁵, influenciado pelas correntes vitoriosas do seu tempo: positivismo e evolucionismo. Quer dizer, positivista de formação e não dogmático. No evolucionismo alcança o equilíbrio, através de Spencer e Haeckel. Assim, passa a entender o mundo e a ordem social⁷¹⁶. "Foi talvez no evolucionismo spenceriano, com que se familiarizou antes da fase jurídica de seus estudos que Beviláqua formou a sua concepção do processo como resultado de uma ação seletiva regida por leis naturais, e encontrou as raízes do liberalismo, de que se impregnaria como homem e como jurista"⁷¹⁷.

O evolucionismo veio, supõe-se que decisivamente, herdado de Tobias, dar um nexo de coerência à sua formação científica, pela consideração às leis naturais, no que se refere ao mundo das leis e conceitos jurídicos. Além disso, havia a fundamentação dada ao direito na Alemanha por Rudolf von Ihering, no mesmo sentido,

714 Cf. A. Carneiro LEÃO, Clóvis Beviláqua: o homem de letras, o filósofo, o sociólogo e o jurista, p. 96.

715 Cf. San Thiago Dantas, "Introdução" a Clóvis BEVILÁQUA, Obra filosófica, II v., p. 1.

716 Cf. Ibid., p. 4.

717 Ibid., p. 4.

moldando-o. Pode ser o direito à luz da filosofia e também da sociologia e da história⁷¹⁸.

Viveu numa época de unidade dada pelo evolucionismo, que "via uma só lei – a da evolução ou do progresso comandar o mundo natural e o mundo social, e descobria uma aplicação do mesmo princípio de seleção natural e de adaptação progressiva nas modificações da forma de um inseto, no movimento dos corpos celestes, na criação do homem, na formação do Estado, nas transformações do domínio ou nas simplificações da hipoteca⁷¹⁹. Concebeu a sociedade como a natureza: "um campo onde as instituições se transformam conduzidas pelas forças seletivas da experiência e da razão"⁷²⁰.

A influência recebida de von Ihering é por ver o direito como um produto da sociedade num processo de aprimoramento natural⁷²¹. O otimismo liberal sempre esteve presente na obra publicada, aliás, o evolucionismo foi essa fase peculiar onde o liberalismo se manifesta de maneira pujante.

Compara a vida dos povos de maneira biológica, na forma de três organismos: o econômico, o físico e o ideal. O primeiro é alimentador da sociedade, contendo: agricultores, manufaturas, operários, industriais

718 J. Gualberto de OLIVEIRA, Clóvis centenário, p. 54-55.

719 Cf. San Thiago DANTAS, "Introdução" à Clóvis BEVILÁQUA, Obra filosófica, II v., p. 5.

720 Ibid., p. 5.

721 Cf. Ibid., p. 7.

e negociantes. Por eles, a riqueza circula, é distribuída e consumida⁷²². O segundo consiste no estado e movimento da população: pauperismo, colonização, emigração, regularidade de casamentos, óbitos, nascimentos, etc. O terceiro é o que produz a riqueza mental e moral, nas escolas e na imprensa⁷²³.

Os três constituem o ser da sociedade num movimento "de ação e reação, um processo de agregação e desagregação de indivíduos que se engraçam e se desligam conforme a direção que lhes dão seus interesses"⁷²⁴. Tal

situação ou situação gera as classes sociais que "dominam, al indivíduos por tal sorte que lhes impõem seus costumes, seus pensamentos, seus modos de vida, dando assim a regularidade quase mecânica aos fenômenos sociais"⁷²⁵. O funcionamento de todos esses elementos heterogêneos é que pode levar a bom termo a evolução⁷²⁶.

Na questão racial Clóvis saúda o mestiço que, aos poucos se individualiza, tornando-se "na luta pela vida o mais apto para desenvolver-se neste meio cósmico, porque nele gerou-se, recebendo de seus maiores, por hereditariedade, a aptidão para amoldar-se às novas condições existenciais. Teremos então uma vida mental

722 Cf. Clóvis BEVILÁQUA, "A filosofia positiva no Brasil", pp. 12-53. In: Obra filosófica, I v., p. 33.

723 Cf. Ibid., p. 34.

724 Cf. Ibid., p. 34.

725 Ibid., p. 34.

726 Cf. Ibid., p. 39.

completamente independente como já temos nossa autonomia política"⁷²⁷.

No texto "Problema da miséria" (1885) repudia as utopias da eliminação da propriedade como falavam Morus, Campanella, Fénelon, Rousseau, Flourens, etc. Chama de ideal ascético de convento e a mais rematada das loucuras, porque acredita, como Proudhon, que esse comunismo leva ao desgosto do trabalho, ao nojo da vida, à supressão do pensamento, à morte do eu, à afirmação do nada⁷²⁸.

Bakunin e Nichiaiev seguem uma "obsessão otimista do nada", um hegelianismo visionário e confuso", para tentar atrasar as instituições russas⁷²⁹.

Louis Blanc cai no sentimentalismo, vendo o Estado como regulador da produção *"guiado pela norma salvadora da justiça humana – dar a cada um segundo as suas necessidades; exigir em proporção com as forças e aptidões"*⁷³⁰. E o resultado seria: ausência de trabalho, Estado disciplinador, que acabaria com a produção.

Elogia Marx por querer um socialismo científico, utilizando-se de Darwin, mas condena-o pelas doutrinas mais revolucionárias que construtoras⁷³¹. E ao nivelamento das

727 Clóvis BEVILÁQUA, "Silvio Romero e a história da literatura brasileira", pp. 123-154. In: Epochas e individualidades, pp. 140-141.

728 Cf. Clóvis BEVILÁQUA, "O problema da miséria:", pp. 14-39. In: Obra filosófica, II v., p. 20.

729 Ibid., p. 20.

730 Ibid., p. 21.

731 Cf. Ibid., p. 24.

classes sociais considera o pecado original do socialismo "quando é certo que é de sua desigualdade, da diversidade de suas funções que resulta a harmonia e o progresso humano"⁷³².

A solução para evitar a desigualdade exacerbada é dar condições ao proletariado, resistindo à extorsão dos ricos, podendo estancar, assim, a fonte da miséria⁷³³.

Conflito vital, hereditariedade, adaptação e todas essas forças diversas de cuja combinação resulta o movimento das espécies são os elementos pelos quais os organismos primitivos se desenvolveram. "Os indivíduos internamente hão de também lutar cada um e contra todos; mas, como a divisão dos ofícios estratifica a sociedade em diversas classes, é, finalmente, entre estas que a luta mais ordinariamente desempenha, porquanto os indivíduos que tem interesses comuns naturalmente se consorciam, quando esses interesses estão ameaçados, embora, depois de passado o perigo, se vão entredevorar como encarniçados inimigos"⁷³⁴.

Quando Clóvis Beviláqua está dizendo que a luta é o principal fator do direito, significa que, se não houver luta para conseguir realizar os próprios interesses, não há chance ao indivíduo ou ao povo que não se puseram para defendê-los. É o que chama de tratado de paz, no estilo de Rudolf von Ihering⁷³⁵. É uma idéia de força, não de lógica,

732 *Ibid.*, p. 24.

733 Cf. *Ibid.*, p. 32.

734 Clóvis BEVILÁQUA, "O direito", pp. 40-56. In: *Obra filosófica*, II v., p. 48.

735 Cf. *Ibid.*, p. 48.

que deve coincidir com a utilidade geral que arbitra o conflito⁷³⁶. Na harmonia, no equilíbrio de forças e no direito acabam ocasionando o Estado, assegurando e protegendo todo o corpo social. Mas, deve o Estado ser limitado em seu campo de ação como princípios e regras quanto às suas funções. Cita o jurista alemão textualmente: *"O direito, diz ele, é o conjunto das condições existenciais da sociedade coativamente asseguradas pelo poder público"*⁷³⁷.

Acerca da definição, afirma: *"é completa e perfeita, desde que entendemos por condições existenciais as condições existenciais as condições de organização da sociedade considerada não só em sua composição, em seu estado de atividade, de função. A possibilidade da existência e a agitação progressiva, a estática e a dinâmica"*⁷³⁸. Ainda mais, considera a importância desta definição como concreta, isto é, levando em conta a vida em ação, o direito como produto natural, espontâneo e íntimo do organismo social, em não uma anomalia, uma excrescência. Desempenha sua função enquanto órgão regulador⁷³⁹.

Define-se, pois, o direito como filho legítimo do egoísmo e acaba suscitando sentimentos genuinamente altruístas, com o decorrer do tempo. *"Ele é o resultado da*

736 Cf. *Ibid.*, p. 49.

737 Rudolf von IHERING, *Der Zweck in Recht*, I, p. 511. Apud Clóvis BEVILÁQUA, "O direito", pp. 40-56. In: *Obra filosófica*, II v., p. 52.

738 Clóvis BEVILÁQUA, "O direito", pp. 40-56. In: *Obra filosófica*, II v.,

739 Cf. *Ibid.*, p. 52.

força"⁷⁴⁰. Não significa que o direito torne-se altruísta, "mas gera sentimentos de solidariedade humana que se alongam das vistas estritas do interesse individual"⁷⁴¹. Como exemplo, não temos sensibilidade jurídica quando alguém prejudica outrem e sentimos a injustiça cometida ? "Assim é que o direito, corrigido, orientado a vontade, cria o senso jurídico, aperfeiçoa ou, melhor, auxilia a aperfeiçoar o homem, adaptando-o aos fins da sociedade; finalmente, suscitado pela cultura humana, torna-se posteriormente, um dos mais produtivos fatores dessa mesma cultura"⁷⁴².

A proibição ou ordenação de certos atos, a reprodução ininterrupta e prolongada das mesmas ordens e das mesmas proibições é a garantia de que haja evolução, pois há também conservação, enquanto o ser humano renega certas ações e pratica outras. Só assim podem ser os hábitos, os costumes, as idéias adquiridas, de geração a geração transmitidos. Diz Clóvis a este respeito: "Como Ihering assinaiei à finalidade do direito assegurar as condições existenciais e evolucionais da sociedade"⁷⁴³. É assim que o selvagem transformou-se no homem moderno, sendo a animalidade humana submetida a fins sociais. A violação do direito é a violação da estrutura da sociedade. O Estado serve a este propósito: velar pelo direito.

740 *Ibid.*, p. 54.

741 *Ibid.*, p. 54.

742 *Ibid.*, p. 54.

743 *Ibid.*, p. 55.

A escola naturalista vem substituir o direito por inspiração divina, ou como filha da razão, ou criação espontânea da consciência popular, pela transformação da força e pela ligação essencial com o Estado. Não significa, porém, onipotência dos legisladores e arbítrio do poder público⁷⁴⁴. A iniciativa sempre deve caber ao povo, caso contrário, cairia no arbítrio. "A evolução, ao mesmo tempo que acentuou a distinção entre o Estado e seu chefe, foi circunscrevendo o campo de ação de cada um. Não obstante, nós, os brasileiros, ainda pedimos, aos poderes públicos, o calor e o frio, o sol e a chuva"⁷⁴⁵.

Como Haeckel, Clóvis admite que a sociedade não é privilégio dos humanos e lembra os estudos do médico alemão no que refere aos outros animais. A sociabilidade humana é herdada de espécies inferiores e de remotíssimas épocas⁷⁴⁶. Os que se isolam são eliminados pela seleção natural, enquanto os grupos unidos e solidários têm mais chances de sobreviver e multiplicar-se. Então acontece a evolução, mais a distribuição dos ofícios, a autoridade unificadora dos esforços dos indivíduos que os dirige para um fim comum⁷⁴⁷.

A essa orientação comum Clóvis recorre a Spencer, quando este afirma que as guerras criam os aparelhos de governo, que acabam se tornando mais perfeitos, para

744 Cf. Clóvis BEVILÁQUA, "O fim do Estado", pp. 57-65. In: Obra filosófica, II v., p. 57.

745 Ibid., p. 58.

746 Cf. Ibid., p. 59.

747 Cf. Ibid., p. 60.

resistir aos inimigos externos. Mas refuta o seu mestre por considerar a teoria incompleta, e a unificação como atributo das teocracias iniciais. Por outro lado, as necessidades internas também chegam ao mesmo resultado⁷⁴⁸, porque há lutas intestinas que necessitam de uma organização.

O conceito de liberdade que Hegel utiliza é criticado como "*metafisicismo com tanto equívoco*" enquanto significa "*reino da liberdade efetuada*". A realidade dos fatos ensina outra coisa. Com von Ihering considera: "*o Estado é a sociedade que se coage; para poder coagir é que ela se organiza em Estado que é a forma pela qual o poder coativo social se exercita de um modo certo e regular, em uma palavra; é a organização das forças coativas da sociedade*"⁷⁴⁹. Com essa concepção repudia a teoria marxista do Estado como aparelho de controle da minoria sobre a maioria. Não é esta uma teoria metafísica, mas é pessimista⁷⁵⁰.

Fugir do natural é que torna o Estado com deplorável incapacidade. Por isso, deve velar pela integridade e soberania do povo constituído em nação. "*O que torna o Estado uma roda indispensável na mecânica social é a necessidade de fixar e assegurar o direito na circunscrição territorial a que ele se prende*"⁷⁵¹. O estatismo deve ser

748 Cf. *Ibid.*, p. 60.

749 Rudolf von Ihering, *Der Zweck in Recht*, I v., p. 30 *Apud* Clóvis BEVILÁQUA, "O fim do Estado", pp. 57-65. In: *Obra filosófica*, II v., p. 62.

750 Cf. Clóvis BEVILÁQUA, "O fim do Estado", pp. 57-65. In: *Obra filosófica*, II v., p. 62.

751 *Ibid.*, p. 62.

evitado, por exemplo, não pode intervir na indústria sob pena de piorar os produtos e cobrar taxas extorsivas. "O resultado é o estacionamento industrial, o embotamento das atividades, a pobreza, a ruína"⁷⁵². Outrossim, nem na literatura – seria o fim da criatividade – nem no comércio deve intervir. Neste último caso só quando os interesses entram em conflito.

Restringir a iniciativa particular é restringir a vontade de viver, é esmagar a energia que brota do indivíduo⁷⁵³. A nação e a sociedade são superiores ao Estado. Este tem que estar a seu serviço, fazendo-a viver, porque a sociedade é criação dos instintos naturais, de necessidades e tem por fim a cooperação⁷⁵⁴. Dá um conselho ao país: "Se nós atrasados e fracos, como somos, quisermos apagar a esperança de, um dia, sermos contados por alguma coisa, devemos reconhecer que a vida pede luz e calor para expandir-se, e devemos dizer um ao Estado: tira-te do meu sal"⁷⁵⁵.

No artigo Da concepção do direito como refletora da concepção de mundo (1887) refere-se à concepção biológica: "O jurista, que aceitar a lei das transformações, em virtude das próprias forças da matéria, e, para o qual, a idéia for um caso da evolução orgânica, operada nos centros

⁷⁵² *Ibid.*, p. 62.

⁷⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 63.

⁷⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 64.

⁷⁵⁵ *Ibid.*, p. 65.

nervosos do cérebro, tomará o testemunho da linguagem para confirmar suas teorias sobre a história da idéia de justiça e dirá que tal idéia, em uma época afastada, era menos sutil e menos transcendental do que atualmente: equivalia a compensação"⁷⁵⁶.

Em Sobre a filosofia jurídica (1887), percebe o direito como fenômeno que pode ser equiparado a um organismo: um sistema de tecidos e órgãos. "E esses tecidos são compostos de regras que, se apregoando, formam os institutos: esses órgãos funcionam fazendo realizar-se o direito da vida. Estes princípios suspeitados por Bentham e que foram tão magistralmente desenvolvidos por Ihering; fazem ver que não é fora de propósito falar-se de uma anatomia e de uma fisiologia do direito, nem tampouco de uma psicologia, pois que o fenômeno jurídico se revela em nossa consciência, sob a tríplice forma de emoção, idéia e evolução"⁷⁵⁷.

Vale lembrar que os fatos observados é que contam, agrupados dentro da evolução, possibilitando essa visão monista do direito, apoiada nas conclusões do darwinismo e na filosofia spenceriana. Esta é a formula da evolução jurídica (1894). Com o tempo, pela transformação e aperfeiçoamento da sociedade e dos indivíduos, o homem

756 Clóvis BEVILÁQUA, "Da concepção do direito como refletora da concepção do mundo", pp. 66-71. In: Obra filosófica, II v., p. 69.

757 Clóvis BEVILÁQUA, "Sobre a filosofia jurídica" pp. 72-77. In: Obra filosófica, II v., p. 72.

evolui melhorando⁷⁵⁸. Há uma força imanente nos fatos que os transforma e os aperfeiçoa.

Pode-se falar em três desdobramentos dessa evolução do direito: "a) *Pelo reconhecimento de um número de mais em mais avultado de direitos atribuídos a cada pessoa;* b) *pelo alargamento progressivo das garantias jurídicas, que são concedidas a um maior número de pessoas;* c) *pela segurança sempre crescente dos direitos reconhecidos*"⁷⁵⁹. Chama-se a lei da expansão e esforço, reforçada por Silvio Romero na Filosofia do Direito. Começa pelo crescimento do direito como uma célula, depois se amplia a grupos e à totalidade humana e, enfim, à consolidação do processo⁷⁶⁰. É assim que são valorizados os indivíduos em sociedade. É a ontogênese que sintetiza a filogênese⁷⁶¹.

Antes da teoria da evolução não era possível ver com essa clareza. "*Desde longos anos que o homem consome as suas forças, esgota as suas energias na decifração desse encadeamento de enigmas, que, parece, somente se desvendam para descobrirem, por trás de si, novos redutos. Mas, ilusão ou realidade, estou convencido de que a teoria da evolução derramou um poderoso jato de luz nestas trevas*"⁷⁶². Aqui aparece o elo que liga o homem à sociedade, comparando as

758 Clóvis BEVILÁQUA, "A fórmula da evolução jurídica", pp. 78-98. In: Obra filosófica, II v., p. 84.

759 Ibid., p. 85.

760 Cf. Ibid., p. 85.

761 Cf. Ibid., p. 86.

762 Ibid., p. 98.

legislações e tornando o direito mais adequado à concepção de mundo do momento⁷⁶³.

CONCLUSÃO

A adesão de brasileiros ao evolucionismo, particularmente a Spencer, deu-se pelas vantagens da adoção do liberalismo e pela maciça presença britânica. A burguesia, pelo entusiasmo da livre empresa, preferia-o a de Comte. Em outras palavras, interessava-lhe mais o laissez-faire que o autoritarismo de Estado.

O clima era de modernização realista e anti-utópica. Por isso, o socialismo nunca foi aceito. Pretendia-se o ajustamento do país à ordem internacional, que era o avanço do capital inglês e suas aplicações nos mais diversos campos.

Ordem e progresso era um lema aceito pelos adeptos do positivismo, com mesma aceitação pelos liberais. Recusa-se, entretanto, o forte poder do Estado, como a desordem proposta pela anarquia.

763 Cf. Clóvis BEVILÁCQUA, "Interpretação filosófica da história do direito", pp. 123-184. In: Obra filosófica, II v., p. 125.

Na pessoa de Tobias Barreto há a presença de várias fases, por adesões subseqüentes a correntes e pensadores. Se o evolucionismo está presente, acrescido do finalismo dado pelo "darwinismo social", não aceita na totalidade as conclusões deste. Pode-se dizer que há um modo próprio de fazê-lo.

A Sílvio Romero, entretanto, houve acusações de racismo, pela relevância dada à cultura européia e ao tipo europeu. Adere plenamente a Spencer, apesar de não fazer questão de fidelidade. escreve Minhas contradições, onde enfrenta este problema, observando que há uma unidade em seus escritos. As divergências ocorrem por serem datados historicamente.

Clóvis Bevilácqua adere plenamente a Spencer e às aplicações que von Ihering realizou na esfera da filosofia do direito, ao introduzir o conceito de luta como a fonte de todo direito.

O curioso é que a recusa à metafísica, pela inicial adesão a Comte, é deixada de lado, quando opta por Spencer. É que, através deste, havia uma combinação possível entre ciência e metafísica.

PARTE III
"DARWINISMO SOCIAL" E EDUCAÇÃO
NO BRASIL

INTRODUÇÃO

A adesão ao evolucionismo traz um problema que precisa ser enfrentado. Os educadores evolucionistas, sendo liberais, têm assumido que a educação também deve favorecer o mais apto. Isso implica o privilégio a elites pela desigualdade natural existente no seio da natureza.

É o que se pode observar em Sílvio Romero, posteriormente em Julian Huxley.

O capítulo I aborda a educação no evolucionismo, destacando a proposta de Spencer. Responde às indagações: qual o novo tipo de educação numa sociedade progressista? Que tipo de ensino é mais adequado? Que fontes são mais valorizadas?

O capítulo II aborda a educação nos evolucionistas brasileiros. Pretende responder às questões: qual a sua concepção geral de pedagogia? Como se coloca a polêmica entre ensino livre e ensino público? Qual a proposta de uma reforma de ensino de filosofia no Colégio de Pedro II?

O capítulo III aborda a educação na pedagogia evolucionista e o que ficou atualmente da proposta histórica e de que forma enfrenta a questão do humanismo? Como se posiciona ante as teses históricas mais polêmicas do evolucionismo? Quais são os problemas fundamentais postos em discussão?

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO EM HERBERT SPENCER

Inicialmente a educação era dirigida mais no sentido decorativo do que útil⁷⁶⁴. Mesmo no plano intelectual o útil no tempo de Spencer perdia para a necessidade de brilho, como o ensino de dança, piano, canto e desenho⁷⁶⁵. E isto vinha de longe como atestam as escolas gregas onde se aprendia "*principalmente a música, a poesia, a retórica e uma filosofia, que até ao ensino de Sócrates, pequena influência exerceu sobre as ações dos homens; o saber, aplicado às artes industriais ocupava um lugar muito inferior*"⁷⁶⁶. E se a utilidade começava a fazer-se presente, era mais para o sexo masculino, porque o feminino a necessidade de despertar a admiração continuou sem mudanças⁷⁶⁷.

764. Cf. Herbert SPENCER, Education: intellectual, moral and physical, p. 1.

765. Cf. Ibid., p. 3.

766. Ibid., p. 2.

767. Cf. Ibid., p. 2.

Então Spencer conclama para uma educação que fosse mais vantajosa⁷⁶⁸. Para isso é mister ter em mente a classificação dos diversos gêneros de atividade humana:

"(I) Aquelas atividades que diretamente atendem à autopreservação;

(II) Aquelas atividades que, assegurando as necessidades da vida, indiretamente atendem à autopreservação;

(III) Aquelas atividades que tem por seu fim a educação e a disciplina nos filhos;

(IV) Aquelas atividades que preenchem a manutenção da ordem social e relações políticas;

(V) Aquelas atividades que preenchem o lazer da existência, devotadas à gratificação dos gostos e sentimentos"⁷⁶⁹.

As ciências correspondentes são:

(I) Psicologia;

(II) Matemáticas, ciências físicas e naturais, sociologia;

(III) Inexistência reconhecida por Spencer;

(IV) História e diversas ciências;

(V) Educação literária e artística, ciência em conexão com as artes.

768. Cf. *Ibid.*, p. 8.

769. *Ibid.*, p. 8.

A ciência aparece como disciplina intelectual e moral, mesclando suas relações com o sentimento religioso. Aliás, é o saber mais útil.

A matemática serve às atividades industriais, enquanto se presta para efetuar avaliações na compra e venda, construções⁷⁷⁰, a geometria para as estradas de ferro, portos e diferentes trabalhos que cobrem o país.

Nas chamadas ciências abstrato-concretas destaca-se a mecânica para o êxito da indústria moderna, aplicando-se a tudo o que é produzido por máquinas, ou seja, a tudo que levou à vitória na concorrência e na mudança do destino do país⁷⁷¹. A física ensina pelas leis do calor a economizar combustível, a transformação de ar quente em frio nos fornos, a ventilação de minas, a segurança para evitar explosões através de lâmpadas, o uso de termômetros. Acrescenta-se o uso de óculos, faróis, eletricidade, magnetismo, bússola, eletrotipia, telegrafia, transações comerciais e relações políticas, fornalha de cozinha, etc. Em outras palavras, é o conforto realizado⁷⁷². A química oferece aplicações também na produção industrial⁷⁷³.

As chamadas ciências concretas são a astronomia, a geologia, a biologia e a sociologia. A astronomia é responsável pela navegação, comércio exterior e

770. Cf. *Ibid.*, p. 17.

771. Cf. *Ibid.*, p. 18-19.

772. Cf. *Ibid.*, p. 19-20.

773. Cf. *Ibid.*, p. 20.

o luxo⁷⁷⁴. A geologia, pelas minas de ferro e carvão, promove a prosperidade material. A biologia possibilita a conservação indireta de nós mesmos, a produção de alimentos, o tratamento de plantas e animais. E, enfim a sociologia que "exerce uma influência direta sobre a prosperidade industrial duma nação"⁷⁷⁵. É a ciência da sociedade. "Os homens, que, dia a dia, investigam a situação do mercado financeiro, que passam revista aos preços correntes; que discutem as possibilidades de colheitas do trigo, do açúcar, do algodão, da lã, da seda; que ponderam as probabilidades da guerra ou paz, e que baseiam, sobre estes dados, as suas operações comerciais, estes homens tratam a sociologia. Tratam-na de um modo empírico, é verdade, e comentando erros; mas tratam-na, e os seus ganhos e as suas perdas dependem da exatidão de suas apreciações"⁷⁷⁶. Os princípios sociais aparecem ao negociante e manufactureiro, com previsão de preços e de consumo.

Os conhecimentos positivos são necessários num mundo prático, com o conhecimento das leis que regem os fenômenos. Curiosamente, este tipo de estudo e ensino aconteceu não nas escolas oficiais, que permaneceram no formalismo vazio, mas em lugares humildes e obscuros⁷⁷⁷. Tem-se desprezado nas escolas o que mais se necessita na vida.

774. Cf. *Ibid.*, p. 20.

775. *Ibid.*, p. 21.

776. *Ibid.*, p. 21.

777. Cf. *Ibid.*, p. 23.

Quanto às crianças, houve um total esquecimento da educação. Não há visão, pelos pais, dos princípios de física, moral e intelectual, o que só faz vitimá-las. Há ignorância do organismo e, com isso, do que é mais adequado. O mesmo ocorre com os fenômenos mentais. Os bons sentimentos ficam esquecidos e no lugar aparecem hipocrisia, receio e egoísmo⁷⁷⁸. A mãe segue o impulso do momento, sem qualquer dimensão teórica e criteriosa. Quanto ao desenvolvimento intelectual não se conhecem as leis de desenvolvimento da criança, não há noções mínimas de psicologia⁷⁷⁹.

Sacrifica-se o espírito à letra quando se faça a criança decorar. Deve-se ir contra as generalizações antes dos fatos. Deve-se estar a favor de um ensino que leve em conta a investigação ativa de fatos e idéias, evitando que ela se torne recipiente de idéias alheias. Com isso, poderá desenvolver o poder de observação e o pensar por si próprio⁷⁸⁰.

A história tem sido mera autoridade, sem ser fonte de instrução, com fatos dos quais nada se pode concluir, sem possibilidade de estabelecer princípios de conduta. *"Da mesma forma que nos últimos séculos o rei era tudo, o povo nada, assim, nos livros antigos de história, as*

778. Cf. *Ibid.*, p. 24.

779. Cf. *Ibid.*, p. 27.

780. Cf. *Ibid.*, p. 28.

ações dos reis doram o quadro completo e a vida nacional é afastada para um claro-escuro"⁷⁸¹.

Importa conhecer a história natural da sociedade para ver o sentido do progresso, para ver como a nação cresceu e como fez o seu governo. Outrossim, há a necessidade de analisar como a religião foi capaz de estabelecer regras de conduta"⁷⁸².

Seria preciso mostrar como se chegou à atual divisão do trabalho, ao estado das artes industriais do ponto de vista técnico, ao grau de cultura estética da nação, ao cotidiano do povo, à moral teórica e prática de todas as classes. Enfim, as partes deveriam ser montadas dentro de um todo, na sua harmonia. Para isto, "*a única história que tenha um valor prático poderia chamar-se sociologia descritiva e o melhor serviço que o historiador poderia prestar-lhe seria relatar a vida das nações de tal modo que nos favorecesse os materiais da sociologia comparada, a fim de nos permitir determinar em seguida as leis fundamentais que presidem aos fenômenos sociais*"⁷⁸³.

Quem dá a chave dos fenômenos sociais são a psicologia e a biologia. Por exemplo, para entender as leis de oferta e da procura são necessárias algumas observações sobre a natureza humana. Pela verdade sociológicas é

781. *Ibid.*, p. 32.

782. Cf. *Ibid.*, p. 32.

783. *Ibid.*, p. 33-34.

possível compreender como o homem pensa e sente, e conhecendo o homem conhece-se a sociologia. "Considerai o assunto no ponto de vista abstrato, esta conclusão surgirá por si próprio. De fato: a sociedade é composta de indivíduos; tudo o que se realiza na sociedade é o resultado das ações combinadas destes indivíduos. Não é pois só nas ações individuais que se pode encontrar a solução dos fenômenos sociais. Mas, nas ações dos indivíduos são regularizadas pelas leis de sua natureza, e estas ações não podem ser compreendidas no caso de se desconhecem essas leis"⁷⁸⁴.

Spencer chama-nos a atenção para o fato de que a importância dada às atividades úteis, não invalida o valor a ser dado à pintura, à escultura, à música e à poesia, apesar de estarem em posições secundárias⁷⁸⁵. "Quando as forças da natureza forem mais dominadas, quando os meios de produção mais aperfeiçoados, quando o trabalho humano tiver sido reduzido ao máximo, quando a educação estiver tão bem organizada para a preparação das funções mais essenciais da atividade humana, quando houver mais tempo livre à disposição, então o belo na arte e na natureza virá ocupar, por justiça, um vasto lugar em todos os espíritos"⁷⁸⁶.

784. *Ibid.*, p. 34.

785. Cf. *Ibid.*, p. 35.

786. *Ibid.*, p. 35.

A florescência da vida civilizada é tudo isto também, pois a ciência é base da escultura, pintura, música, poesia e "é também a própria poesia"⁷⁸⁷.

A conclusão de Spencer é que "o estudo das ciências, mais do que o das línguas, desenvolve a memória e o raciocínio e que, como meio de disciplina moral, a ciência tende a produzir a independência do caráter, o espírito de perseverança e de sinceridade"⁷⁸⁸.

A superioridade da ciência cai além da cultura ordinária do espírito porque esta tem a influência religiosa. O que chama de verdadeira ciência está além da religião ou irreligião. Aliás, religião e ciência na sua verdade imbricam-se. Não há separação. A verdadeira religião é ciência e vice-versa⁷⁸⁹. Não é a ciência, mas a indiferença pela ciência que é irreligiosa. O amor da ciência é um culto tácito: é o reconhecimento íntimo do valor das coisas que se estudam, e, implicitamente, da sua causa⁷⁹⁰.

Além disso, a uniformidade da ação suscita admiração e fé, na relação causa-efeito, bons e maus resultados, conforme a constituição orgânica (leis), conduzindo para a perfeição e a felicidade⁷⁹¹.

787. *Ibid.*, p. 41.

788. *Ibid.*, pp. 45-46.

789. Cf. *Ibid.*, p. 47.

790. *Ibid.*, p. 48.

791. Cf. *Ibid.*, p. 49.

A ciência ainda mostra os limites da compreensão do ser. A causa última é impenetrável. misteriosa, o absoluto. O valor relativo do conhecimento coloca o homem em direção do que é mais elevado. Daí, a importância da ciência para a disciplina e direção do homem. *"Apreender o sentido das coisas vale mais do que apreender o sentido das palavras. Como educação intelectual, moral e religiosa, o estudo dos fenômenos que nos rodeiam é imensamente superior ao estudo das gramáticas e dicionários"*⁷⁹².

Pode-se concluir que o saber útil é a ciência, posta como resposta que mais engloba as demais questões, pois nela está a chave da vida⁷⁹³.

Há interdisciplinariedade entre educação e moral, pela inclusão da disciplina como um dos elementos básicos da educação. Acrescentam-se os conhecimentos para a subsistência individual e familiar e o desenvolvimento de faculdades relativas ao prazer que a natureza e a humanidade oferecem⁷⁹⁴.

A importância pedagógica de Spencer, como classifica Stuart Mill, é de considerá-lo como *"poucos espíritos criadores e mestres que surgem orientando a sua geração no rumo grandioso para o progresso, que não é um*

792. *Ibid.*, p. 49.

793. Cf. *Ibid.*, pp. 49-50.

794. Cf. Herbert SPENCER, *La moral de los diversos pueblos*, p. 272.

acidente, não está submetido à vontade do homem, mas é uma necessidade benéfica, que o leva a prosseguir em seu destino elevado"⁷⁹⁵.

A evolução passou a ser um novo critério para as diretrizes pedagógicas, principalmente, no que se refere às crianças. Põe maior influência no desenvolvimento espontâneo, sendo adequado ao regime liberal, pela maior liberdade que concede às crianças⁷⁹⁶, coerente com o laissez-faire inicialmente adotado⁷⁹⁷.

Ao mesmo tempo, Thomas H. Huxley trata filosoficamente a educação liberal, definindo-a como a educação que queremos a nós mesmos, fazendo-a recomeçar nas crianças e moldando a sorte à nossa vontade⁷⁹⁸. AS leis da natureza estão em primeiro lugar no conhecimento, pois com elas deve viver o homem⁷⁹⁹.

Não há homem sem alguma educação. O universo é a grande universidade, onde a natureza é a educadora paciente. Resolve-se a questão da educação obrigatória, porque a ignorância redundava em prejuízo⁸⁰⁰.

A educação liberal tira da natureza todo o partido possível. A prosperidade depende desta

795. Cf. C. VIDEIRA, "Prefácio" a Herbert SPENCER, Da educação moral, intelectual e física, p. 6.

796. Cf. Otto GAUPP, Erberto Spencer, p. 210.

797. Cf. J. ROMNEY, Spencer, p. 251.

798. Cf. Thomas H. HUXLEY, Les sciences naturelles et l'éducation, p. 100

799. Cf. Ibid., p. 102.

800. Cf. Ibid., p. 104.

compreensão⁸⁰¹. Deve-se estimular a ambição e amor ao espírito do trabalho⁸⁰².

801. Cf. Ibid., p. 114.

802. Cf. Ibid., p. 126.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO E REALIDADE BRASILEIRA

1. A educação em Sílvio Romero

Sílvio Romero, considerando o plano pedagógico do professor Carlos Jansen para o ensino primário, acredita na lei do consensus de Spencer: "*A modificação produzida em uma das ramificações da atividade humana repercute em todos os domínios e estende-se por toda a área do pensamento. Em outros termos, a evolução geral e harmônica em todas as ramificações da inteligência*"⁸⁰³.

Se, em vastos domínios do conhecimento, foi aplicada a lei, a pedagogia não escapa, principalmente pelas novas bases experimentais e positivas⁸⁰⁴. Assim, por situar-se no terreno dos fatos e experiência, poderá concorrer para o desenvolvimento natural do homem⁸⁰⁵. Aliás, a seleção

803. Sílvio ROMERO, "O professor Carlos Jansen e as leituras das classes primárias" pp. 150-164. In: Estudos de literatura contemporânea, p. 160.

804. Cf. Ibid., p. 160.

805. Cf. Ibid., p. 162.

natural é o mais poderoso auxiliar da educação para a esta finalidade⁸⁰⁶. Daí, a necessidade da instrução científica no aperfeiçoamento da índole e do caráter do povo⁸⁰⁷. Não há como rejeitar o processo da civilização: estamos a ela condenados; "ou progredimos ou desapareceremos"⁸⁰⁸. O trabalho e a educação são condições essenciais para a vida e libertação do homem, enquanto se insere no progresso da Humanidade⁸⁰⁹.

Por isso, Sílvio Romero levanta algumas questões sobre o ensino público, levando em conta a sua prática de magistério⁸¹⁰. Discorda do palavrório bombástico, o que chama de pedagogia livresca, por falta de conhecimento da índole do povo⁸¹¹. Explica textualmente: "A questão do ensino público entre nós só terá um sentido racional, quando for presa à questão geral de nossa organização política e ainda mais às nossas condições sociais, e for um desdobramento normal de nossas aptidões étnicas e históricas"⁸¹².

Ao considerar a organização do ensino primário, secundário, superior e normal afirma que, se o

806. Cf. *Ibid.*, p. 163.

807. Cf. SÍLVIO ROMERO, "O Brasil na primeira década do século XX", pp. 7-32. In: *Estudos sociais*, p. 10.

808. Cf. SÍLVIO ROMERO, *Discurso*: pronunciado aos 18/12/1906, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha, p. 35.

809. Cf. SÍLVIO ROMERO, *Ensaio de sociologia e litteratura*, p. 274.

810. Cf. SÍLVIO ROMERO, "Notas sobre o ensino público", pp. 125-216. In: *Ensaio de sociologia e litteratura*, p. 127.

811. Cf. *Ibid.*, p. 128.

812. *Ibid.*, p. 128.

primário e o normal estão fora da União, o secundário e o superior estão indo para o mesmo caminho⁸¹³.

A tendência, no momento, de retirar do Estado determinadas funções e deixá-las à sociedade, e, com isso, à mercê de credos políticos e filosóficos os mais diferenciados, reflete que há perigo quanto à coesão nacional. E pergunta-se sobre a conveniência de tirar a participação da União no ensino público⁸¹⁴.

O primário e o normal eram de competência dos Estado e do Distrito Federal, conforme a Constituição da República (art. 35, § § 3º e 4º). Sílvio Romero duvida da boa inspiração do legislador nesse aspecto. Quer o primário nas mãos da União e sugere um retoque na Constituição⁸¹⁵.

Quanto ao ensino superior toma o exemplo das sociedades modernas. Sua expansão é natural e espontânea como função da sociedade. O aspecto intelectual corresponde à necessidade de especialistas para funções e carreiras⁸¹⁶. O Estado deve abster-se completamente por causa da questão religiosa e da filosofia de cada um.

Quanto ao secundário a União deve dar o modelo incluindo obrigatoriedade legal, método e pessoal docente, quanto ao primário, a presença do Estado é

813. Cf. *Ibid.*, pp. 128-129.

814. Cf. *Ibid.*, p. 129.

815. Cf. *Ibid.*, p. 130.

816. Cf. *Ibid.*, p. 130.

essencial, enquanto assegura a todo cidadão as armas para enfrentar a luta da organização econômica. O governo não existe senão pelo povo, enquanto vive democraticamente. É o nível de ensino que iguala todos, sem técnicas, especializações ou diferenciações. Além disso, garante a racionalidade. Conclui-se que o ensino primário é a principal pedra para a formação do caráter do povo, tornando-se um predicado do governo geral. Aqui vale a imitação em relação aos E.U.A. e Inglaterra⁸¹⁷.

Não se pode aceitar a liberdade de ensino a cada um que quisesse desde que seguisse sistemas e programas do governo. A habilitação é uma necessidade. A liberdade está mais quanto a métodos e doutrinas⁸¹⁸. O que o governo deve oferecer à classe profissional é mais atração, garantindo a independência e instrução sólida⁸¹⁹.

Sílvio Romero critica a situação do tempo onde o ensino superior é dado pelo governo, o primário pelo município e estados, sendo exceção só o secundário. A intervenção é fundamental nas habilitações. A capacidade deve ser deixada a critérios de exame a pessoas ilustradas e insuspeitas⁸²⁰.

A obrigatoriedade do ensino primário é saudada como "uma das conquistas mais esplêndidas da

817. Cf. *Ibid.*, p. 132.

818. Cf. *Ibid.*, p. 134.

819. Cf. *Ibid.*, p. 135.

820. Cf. *Ibid.*, p. 137.

civilização moderna"⁸²¹. O exemplo está na Prússia, onde a nação ergueu-se à custa da instrução. O exemplo foi seguido pelos E.U.A., pela Suíça, Dinamarca e Inglaterra. Entretanto, o modelo francês é mais adequado ao nosso em virtude de maior semelhança cultural. Há meios práticos para realiza tal obrigatoriedade: *"sua gratuidade, a difusão de escolas por todo o país, especialmente nos centros mais populares e a imposição de penas aos pais, tutores protetores, etc...., que não mandarem à escola seus filhos, pupilos, protegidos, etc."*⁸²².

Sobre o espírito do ensino ao referir-se ao primário e secundário *"procura-se influir diretamente na educação do povo, no intuito de abrir-lhe novas perspectivas de progresso e liberdade"*⁸²³.

O perigo existente é a anarquia pedagógica que pode aparecer ao lado da anarquia política e da anarquia industrial⁸²⁴. Nesse aspecto as nações americanas não participam do processo de longa evolução que levou as nações européias ao apogeu. Distanciam-se das conquistas culturais e identificam-se mais com erros, disparates, vícios e desvios sociais⁸²⁵. O exemplo da literatura é esclarecedor, pois se apresenta *"sob a forma de relatórios, informações ou pareceres. Nada de doutrinas próprias, de observação e*

821. *Ibid.*, p. 138.

822. Cf. *Ibid.*, p. 139.

823. *Ibid.*, p. 141.

824. Cf. *Ibid.*, p. 142.

825. Cf. *Ibid.*, p. 143.

experiências diretas, de meditação ou crítica original sobre os problemas precípuos ao assunto. Os autores, via de regra, dizem sempre, em tal parte faz-se isto ou aquilo, em tal outra parte pratica-se deste ou daquele modo e mais nada"⁸²⁶.

As questões de instrução pública não tem sido estudadas. Não se usam estatísticas nem estudos de filosofia popular, nem estudos históricos e geidrográficos, e menos ainda a história de instrução pública no Brasil. Não há levantamento sobre o passado no que se refere a matérias lecionadas, métodos, reformas, proporção de desenvolvimento do ensino primário, organização do secundário ou humanidades, matemática, línguas clássicas, ciências naturais, desenvolvimento do ensino superior⁸²⁷.

As reformas de ensino, no segundo reinado, fizeram se ao capricho de ministros. A população permaneceu sem qualquer instrução ou dignidade humana, em plena barbárie⁸²⁸. Em vez de evolução aconteceu o contrário, não possibilitando a formação de um povo consciente e preparado. Por isso, não acompanhou a civilização ocidental, Abandonou-se completamente o ensino profissional e técnico, e, em consequência, o saber prático. Lamentam-se a perda da língua hebraica, grega, língua e literatura clássicas. fechamento de escolas de comércio e agricultura⁸²⁹.

826. *Ibid.*, pp. 146-147.

827. Cf. *Ibid.*, p. 146.

828. Cf. *Ibid.*, p. 149.

829. Cf. *Ibid.*, p. 151.

Por que o estudo do passado na época do industrialismo, se as ciências continuam avançando? É justamente pelo apoio que dá a esse desenvolvimento científico. *"O novo idealismo da cultura firmado na doutrina da evolução, representando a cadeia histórica do pensamento humano, não pode desconhecer os mais belos anéis dessa cadeia, que estão presos na Renascença, em Roma e na Grécia"*⁸³⁰.

Outro problema é a chamada americanização ou industrialismo do ensino. Isto levou a cabeças sem orientação, sendo o único critério a prática, a materialização, tendo em conta somente o fim, o ofício, a indústria, o emprego. É a obsessão pela prática, pela carreira, pelo meio de vida⁸³¹.

Um resultado do industrialismo foi o desejo de acabar-se com os estabelecimentos de ensino, o que não aconteceu. Por isso, aconteceu o dualismo escolar: um primário que se destinasse às carreiras industriais e outro às carreiras literárias. Para o secundário ocorreu o mesmo⁸³². Contra isso, afirma: *"Somos contrários à instrução terra a terra, sem elevação, sem ideal, industrialístico, interesseiro, visadora do fim próximo, do ganha-pão imediato, reduzida a uma aptidão mecânica, no intuito do ofício, alguma coisa de pré-determinado, de preparado em*

830. *Ibid.*, p. 153.

831. Cf. *Ibid.*, p. 153.

832. Cf. *Ibid.*, p. 159.

210

*doses, como uma receita de bolos, um rol de compras ao mercado. Essa instrução não dá cultura a ninguém ..."*⁸³³. Dessa forma, não há educação, pois há confusão de "ciência com ofício, espírito científico com espírito de ganância, educação com receituários para a memória"⁸³⁴.

A ênfase ao caráter nacional dada ao ensino vem a ser um alvo essencial, devendo ser uma "resultante de aptidões étnicas da nação, de sua vida, de sua história, da sua índole, de suas aspirações fundamentais"⁸³⁵. Historicamente, este anseio registra-se após a Alemanha ser vencida por Napoleão em 1806 e a França ser vencida pela Alemanha em 1870. Não é essa lição demasiado dura que deve ser considerada, mas a própria "lei da evolução, ensinado a seleção no desenvolvimento dos povos são suficientes para esclarecer e justificar o fato"⁸³⁶. É o que explica a existência de países como Alemanha, a França, a Itália, os E.U.A., a Inglaterra, etc. Destacam-se pela raça, gênio nacional, individualidade⁸³⁷. Compara-se à auto estima de cada indivíduo. Nisso falha o Brasil, descuidado semi-bárbaro, semi-analfabeto. Por isso, o conservadorismo aqui é sábio, contra a onda anarquisante, a que se pode chamar de ignorância liberalística⁸³⁸. A presença do Estado é necessário: porque é o único a poder manter a independência

833. *Ibid.*, p. 160.

834. *Ibid.*, p. 162.

835. *Ibid.*, p. 167.

836. *Ibid.*, p. 168.

837. Cf. *Ibid.*, p. 169.

838. Cf. *Ibid.*, p. 172.

do ensino, a elevação de vistas e a feição nacional. O liberalismo quimérico é prejudicial, essa ideologia aérea e fantástica, e tão contrária à harmonia social, trazendo prejuízos ao ensino⁸³⁹.

A instrução deve aparecer como função pública, nacional. A própria Inglaterra, o país por excelência do self-governement, tem no Estado a alavanca do ensino⁸⁴⁰. Algumas explicações ao nosso atraso podem ser encontradas: dependência colonial, jesuitismo, economia parasitária, escravismo, apatia do caboclo, a índole do africano, o caráter do português de forma melancólica, autoritária e pouco inventiva⁸⁴¹.

Não há consciência de um povo que possa prescindir do Estado como fonte do progresso. Não há iniciativa, expansão autonômica, democrática disciplinada, forte e reivindicatória. Somos vítimas de oligarquias na direção política, baseada no mandonismo local⁸⁴². O caudilhismo é outro inimigo constante. A consequência para o ensino foi reduzi-lo a pretensões localistas e bairristas⁸⁴³, daí, ser preciso o primário estar na área federal, por causa da impessoalidade distante. A própria carreira docente

839. Cf. Ibid., p. 173.

840. Cf. Ibid., p. 176.

841. Cf. Ibid., p. 180.

842. Mandonismo: Trno que caracteriza o domínio das localidades nasi extremas e que incidam aopé do trono através do senado."A moderna historiografia do Brasil é uma feitura dessa oligarquia fofa, pretenciosam tola, que sabia, porém muitas vezes juntar à sua frivolidade e à sua ignorância os perversos instintos de antigos barões conguinários". Cf. Ibid., pp. 181-182.

843. Cf. Ibid., p. 182.

poderá ser reabilitada. "Por uma nobre e alta consciência de sua missão, a ela incumbe dar ao ensino aquela superioridade de vistas, aquela uniformidade de sentimentos nacionais, aquela aspiração brasileira, que deve sobrepujar a todos os particularismos existentes ou por existir. Só ela poderá, com eficiência, colocar-se em esfera superior às sugestões do interesse imediato, posto em conflito com as exigências, nem sempre justas do público ou dos pretendentes"⁸⁴⁴.

O que foi dito não quer dizer que o ensino público, na época, fosse um primor. Acontece que o particular era muito pior⁸⁴⁵. Entretanto, a federalização era apontada como um corretivo em direção à democratização⁸⁴⁶.

Em síntese, Sílvio Romero dá uma resposta sobre a ação do Estado na educação nacional "Fundando estabelecimentos de ensino, intervindo, nos particulares, na delimitação geral das matérias e na fiscalização dos exames finais"⁸⁴⁷.

844. *Ibid.*, p. 183.

845. Textualmente: "É incrível, é quase fantasticamente impossível acreditar no que havia e há por aí em matéria de ensino". Seguem apalavrras duras ao professorado: "Era recurso fácil, pronto, sempre à mão do primeiro desocupado, que não achava meio de vida. Rabulejar e ensinar eram dois refúgios da indigência nacional". *Ibid.*, p. 184.

846. Cf. *Ibid.*, p. 185.

847. *Ibid.*, pp. 185-186.

2. Sílvio Romero e a reforma do ensino de filosofia do Colégio Pedro II

A crítica ao ensino da filosofia no secundário (liceus e ginásios) é contrária ao enciclopedismo anacrônico, não correspondente ao estágio do desenvolvimento da ciência⁸⁴⁸. Da mesma forma, o estudo da história universal deve ser baseado em fatos, mas dentro do ideal do conjunto da evolução humana: a cultura. Deve ser visto o que de cada povo ficou de mais forte e que contribui para a evolução universal. É o meio de evitar fantasias, pela via científica e evidenciando a via democrática⁸⁴⁹. Com este plano geral, Sílvio Romero acredita reerguer o Colégio Pedro II⁸⁵⁰.

Em primeiro lugar, há o hibridismo da filosofia ao fazer uma síntese das ciências, o que não corresponde aos fatos atuais, dado que as ciências estão independentes. Acrescente-se a isso estudos "pretencioso enigmáticos" arvorados em ciência⁸⁵¹.

848. Cf. Sílvio ROMERO, "A filosofia e o ensino secundário" pp. 675-686. In: Obras filosófica, p. 675.

849. Cf. Sílvio ROMERO, "Notas sobre o ensino público", pp. 125-216. In: Ensaio de sociologia e letteratura, p. 215.

850. Cf. Ibid., p. 216.

851. Cf. Sílvio ROMERO, "A filosofia e o ensino secundário", pp. 675-686. In: Obra filosófica, p. 675.

Se Hermann Lotze e Wundt dedicam-se à psicologia, Stuart Mill e Bain à lógica, não se vê como "incluir num curso de filosofia elementar a ontologia, a psicologia, a lógica, e Teodicéia, a moral e a história da filosofia, seis longas ciências, além de exercícios especiais de velha dialética da idade média ressuscitada"⁸⁵². O contra-senso aumenta quando tais disciplinas são oferecidas a adolescentes, enquanto que na Europa estão na Universidade⁸⁵³.

Em segundo lugar, as ciências acham-se dispostas erroneamente. O exemplo inicial cabe à ontologia, ou à metafísica de estilo antigo, abstrata e transcendental. Especula sobre o monismo ou dualismo do universo, mecanismo ou teologia do universo.

Na seqüência "dá um salto mortal e vai cair na psicologia, ciência concreta, posterior à biologia, de que o programa nem cogita! Não é tudo; comete o erro trapilho de colocar a propedêutica das ciências, a mais abstrata de todas elas, segundo o pensar de todos os filósofos modernos, nomeadamente Herbert Spencer, a lógica, depois a psicologia"⁸⁵⁴.

852. *Ibid.*, p. 675.

853. Cf. *Ibid.*, p. 676.

854. Cf. *Ibid.*, p. 676.

Conclui com a teodicéia. Ora, isto não é ciência tecnicamente, mas religião, fé, poesia⁸⁵⁵. Segue a moral e a história da filosofia. O correto seria preceder a moral pela ciência social, que se ramifica em política e direito⁸⁵⁶.

Em terceiro lugar, não se pode entender o que seja a ontologia, esse ser geral, inadequado à modernidade dos estudos⁸⁵⁷. Em seguida, apresenta algumas teses sobre a reforma do ensino de filosofia no Colégio de Pedro II. Destaca a que diz respeito à natureza intrínseca da filosofia, considerada como "*ciência complexa, variadíssima, cheia dos mais abstratos e difíceis problemas*"⁸⁵⁸. Exige preparação sólida e tendências pessoais. É ampla em sua indagação, sintetizando as outras ciências. Pode também ser considerada como ciência dos estudos mais complexos, abstratos e difíceis. Além disso, comporta assuntos além das ciências. Essa é a razão de ser incorporada no ensino. Essa ultrapassagem do objeto de uma ciência particular dá com o Indeterminado de Hamilton, o incognoscível de Spencer e o mundo dos nômenos de Kant. Acresce o fato de que só alguns talentosos puderam desenvolver a filosofia, e que as

855. Kant não considera a teodicéia ciência, enquanto se fala do nômeno, ou como Hamilton, do Indeterminado, ou como Spencer, do Incognoscível. Cf. Ibid., p. 676.

856. Cf. Ibid., p. 677.

857. "Bem se compreende, sem o menor esforço, que um curso de filosofia elementar em tais condições é um perpétuo fermentar de desordem e de identificação para as inteligências juvenis. Produz desgosto aos professores e tédio aos alunos. É, além disto, um incentivo de descrença frívola, que é sempre um prigo fornecer à mocidade". Cf. Ibid., p. 677.

858. Ibid., p. 678.

contradições entre os sistemas são grandes⁸⁵⁹. Conclui pela proposta de que adolescente não podem compreendê-la. Portanto, tal ensino deve ser reduzido ao estudo da lógica, para superar a anarquia reinante pelos estudos da ciências superiores no momento⁸⁶⁰. A filosofia como um todo deverá estar no ensino universitário.

A segunda tese refere-se à indecisão dos autores nos regulamentos do colégio quando divide a filosofia três agrupamentos confusos:

- a) Lógica, metafísica, ética;
- b) Psicologia, lógica, moral;
- c) Psicologia, lógica, moral e teodicéia.

Às vezes são acrescentadas a história da filosofia e a ontologia, o que depõe contra a pedagogia e abaixa o nível do ensino da disciplina⁸⁶¹.

A terceira tese leva em conta a definição do ensino secundário: *"Não mais do que uma preparação regular e metódica para o ensino das matérias difíceis que demandam uma certa cultura preliminar"*⁸⁶².

Não há lugar para a filosofia, mas para a lógica, para o desenvolvimento da inteligência, reforço do

859. Cf. *Ibid.*, p. 678.

860. Cf. *Ibid.*, p. 677.

861. Cf. *Ibid.*, p. 679.

862. *Ibid.*, p. 679.

juízo e do raciocínio. Isto "se aprende em lógica e especialmente em lógica formal, terreno neutro em que ele não se perde em divagações metafísicas, mas em compensação pisa seguro e pode por si conhecer os erros e os sofismas, as falsidades que o assaltam no curso dos estudos superiores"⁸⁶³.

Cumprе lembrar que a filosofia no nível secundário deve ser apenas preparatória e ficar no "conhecimento prático das leis e regras do raciocínio, a posse dos métodos, e da sua aplicação aos diferentes ramos da ciência ..."⁸⁶⁴.

A quarta tese aponta a complexidade dos vários ramos da filosofia gerando no estudante perturbações mentais e improdutividade. Em vez de orientação ocorre desorientação em direção ao progresso científico⁸⁶⁵.

Rejeitar a anarquia não significa admitir uma paz que a nada leva, mas a luta proveitosa. Aliás, deve-se seguir o exemplo dos povos mais adiantados⁸⁶⁶.

A última das teses confirma a adoção da lógica como preparatória. Ensina-se a lógica formal e a

863. *Ibid.*, p. 680.

864. *Ibid.*, p. 680.

865. "A falsa filosofia ministrada a retalhos é, reptimos, uma das grandes fontes da mediocridade de nossa literatura, do apucamento de nosso jornalismo e de nossa capacidade científica".
Ibid., p. 681.

866. Cf. *Ibid.*, p. 681.

lógica real, pois houve um grande desenvolvimento na área no século XIX⁸⁶⁷.

Importa ressaltar que Sílvio Romero tem grande consideração por Comte, nessa época, enquanto reage à verbosidade do ensino oficial francês.

3. Educação brasileira e contexto geral do liberalismo

A educação é aquilo de que tudo podemos esperar, conforme um expoente da época, Tito Lívio de Castro. "É a alta cultura, especialmente de índole científica, que produz a prosperidade material, que pode enriquecer é preciso difundir as 'luzes' por todas as classes sociais, espalhar o ensino primário, estabelecer o ensino secundário, criar o ensino técnico, especialmente o profissional e o agrícola"⁸⁶⁸.

Ao ensino superior cabe a formação de uma elite intelectual, detentora do saber e da ciência, capaz de orientar o progresso do país na industrialização e formação do povo. Assim, pode-se esperar a era feliz da humanidade⁸⁶⁹.

867. Cf. Ibid., p. 682.

868. Roque Spencer Maciel de BARROS, A ilustração brasileira e a idéia de universidade, p. 207.

869. Cf. Ibid., p. 207.

Já se observa que no Império não há sistema de ensino, com um número alto de analfabetos⁸⁷⁰. Entretanto, a tendência liberalizante e democrática está presente na década de 70 do século XIX, aumentando o número de alunos no curso superior⁸⁷¹, buscando em função do status social⁸⁷², e não por vocação. A liberdade de ensino vai de encontro aos cientificistas e naturalistas em função do direito natural e da individualidade. *"Para o liberal a liberdade de ensino não é uma acomodação, uma transigência ou uma palavra de sentido equivoco, ela é um princípio básico, estrutural, de sua concepção de mundo"*⁸⁷³.

Na Inglaterra e E.U.A. liberdade de ensino não é só a liberdade de ensinar doutrinas, mas inclui a abstenção do Estado⁸⁷⁴. A este só cabe uma função supletiva. O exemplo da Alemanha mostra universidades oficiais, desde que os mestres tenham liberdade de ensino. *"A universidade se faz autêntico agente do poder público, num sentido eminentemente liberal"*⁸⁷⁵.

Aliás, a própria idéia de universidade vinha atender à necessidade de criar elites intelectuais, as cabeças para guiar braços. *"Assim, se de um lado se faz da liberdade de ensino a fórmula mágica do progresso da*

870. Cf. *Ibid.*, p. 208.

871. Cf. *Ibid.*, p. 210.

872. Cf. *Ibid.*, p. 212.

873. *Ibid.*, p. 228.

874. Cf. *Ibid.*, p. 230.

875. *Ibid.*, p. 231.

*cultura, de outro se crê ser universidade o 'abre-te-sésamo' das partes da ciência"*⁸⁷⁶.

O modelo da chamada ilustração brasileira para a universidade será do ensino livre, às vezes contendo o exagero de liberdade de frequência, notas de exame, etc.

⁸⁷⁷.

O chamado germanismo pedagógico era de inspiração liberal e viria inspirar o nascimento da universidade, apesar de oficialmente esse modelo ser rejeitado.

R. S. Maciel de Barros refere-se às preocupações da ilustração brasileira, que terá um movimento pendular entre a liberdade de ensino e o ideal de universidade para elevar o nível do país à condição de civilização⁸⁷⁸.

O crescimento da idéia da liberdade de ensino vai ganhando corpo aos poucos e vai ser apanágio não só dos liberais, mas também, dos católicos e positivistas. Em suma, as classes cultas querem-na. Mas idéia da universidade vai ficando para trás⁸⁷⁹.

Se não há incompatibilidade entre liberdade de ensino e universidade no plano geral, começa a surgir

876. *Ibid.*, p. 233.

877. Cf. *Ibid.*, p. 242.

878. Cf. *Ibid.*, p. 246.

879. Cf. *Ibid.*, p. 265.

liberdade de ensino pelo Ministro Carlos Leôncio de Carvalho⁸⁸⁵. O Ministro é típico representante do liberalismo ilustrado, acreditando que a reforma faria o Brasil assemelhar-se ao progresso americano. Em suas palavras: "... que possam ensinar todas aqueles que para isso se julgarem habilitados, sem dependência de provas oficiais de capacidade ou prévia autorização; que cada professor seja permitido expor livremente suas idéias e ensinar as doutrinas que repute verdadeiras pelo método que melhor entender; só assim, com os fortes estímulos que a concorrência desperta, abrindo-se uma carreira franca a todos os talentos e aptidões, a ciência será cultivada com ardor e dedicação, as suas conquistas aumentadas e vulgarizadas, e pela multiplicação dos estabelecimentos de ensino a instrução se propagará a todas as camadas da sociedade, podendo cada indivíduo adquirir a porção que lhe é necessária e se coaduna com os seus interesses, sua vocação e condição social, e recebê-la dos professores que quiser e mais confiança lhe inspirarem"⁸⁸⁶.

As ilações a serem tiradas dizem respeito à liberdade de ensino, que emana da liberdade de pensamento. O professor faz o método e o conteúdo com julgamento. O aluno também é juiz do que aprende⁸⁸⁷.

885. Cf. *Ibid.*, p. 290.

886. *Ibid.*, p. 293.

887. Cf. *Ibid.*, p. 293.

A verdade do Estado é justamente esta liberdade de idéias e de opiniões. Para isto, o padrão deve ser o alemão, com cursos particulares (faculdades livres), que configuram graus acadêmicos com condições e garantias. A frequência deve ser livre, assim como lições e sabatinas mas com exames rigorosos. E os docentes deverão ser privat-docentem⁸⁸⁸.

Num alcance amplo da reforma percebe-se que *"é o mais liberal possível, consagrando em seus artigos, as principais conquistas de princípio no campo das idéias filosóficas do liberalismo e diversos reclamos do pensamento pedagógico do século XIX"*⁸⁸⁹. Entre outras medidas, torna a instrução obrigatória, o fornecimento de meios de estudo aos carentes, tornando *"livre o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império"*⁸⁹⁰.

O deputado Joaquim Nabuco, também liberal, defensor do germanismo pedagógico anticlerical como o francês Jules Ferry, combate a reforma. "Liberdade de ensino superior é autonomia das faculdades. é liberdade de cátedra, é liberdade científica. Ao invés desta liberdade real, o decreto traz-nos a funesta instituição das faculdades livres, com direito regular, faculdades essas que serão ou um tremendo fiasco ou um grande perigo. Efetivamente, os não mediriam, ou tornar-se-iam centro de propaganda

888. Cf. *Ibid.*, p. 294.

889. *Ibid.*, pp. 294-295

890. *Ibid.*, p. 295.

ultramontana, escolas de fanatismo. Sim, porque se medrassem necessariamente seriam faculdades católicas, já que o art. 5º da Constituição serviria para impedir os ensaios de secretários de outras religiões ou de livres-pensadores"⁸⁹¹.

Para evitar o monopólio, Nabuco propõe que as faculdades não confirmem graus⁸⁹². Ao Estado deve ficar este poder. A liberdade de freqüentar aulas deve ser transferida para a de escolher o mestre. Que se ponham mestres de teorias diferentes lado a lado⁸⁹³.

A norma de conferir graus Sílvio Romero delega às próprias faculdades, definindo-se, em seu liberalismo cientificista, menos conservador que Nabuco. "A liberdade de ensino superior, realizando-se nas faculdades oficiais autônomas ao mesmo tempo que nas livres, seria, então, uma das expressões da própria concepção moderna do Estado, simples fiscal da evolução social. Como o católico, o liberal cientificista não reconhece a missão educadora do Estado; apenas, enquanto este a transfere para a sociedade, em geral, ou para o particular, aquele a reclama para a Igreja, e se possível, só para ela"⁸⁹⁴.

Sílvio Romero, pelo critério da seleção natural, não se preocupa com o dogmatismo das crianças. A seleção natural cuida disso enquanto todas as doutrinas

891 Cf. *Ibid.*, p. 307

892 Cf. *Ibid.*, p. 308

893 Cf. *Ibid.*, p. 309

894 *Ibid.*, p. 311

estão submetidas à mesma lei: aos "mais aptos" o triunfo⁸⁹⁵. Aliás, tal posição não difere da posição do liberalismo em geral, ou seja, a do indivíduo contra o Estado. É idêntica à do Ministro Leôncio de Carvalho.

895 Cf. Ibid., p. 311

quando os conceitos se precisam melhor. Há duas concepções de Estado incompatíveis: "uma afirmando seu papel eminentemente pedagógico, outra negando o Estado educador, no máximo - aceitando, como uma imperfeição social a ser corrigida, a intervenção do Estado no domínio da instrução, enquanto o particular não puder arcar sozinho com ela"⁸⁸⁰.

A partir de 1868 no Clube da Reforma e em 1879 no Manifesto Republicano "a liberdade de ensino passa, agora, a ser a idéia diretora, a chave de um sistema liberal e instrução"⁸⁸¹. Projetos estão no Parlamento⁸⁸². Fala-se em aspiração nacional.

Mencionam-se as faculdades livres como decorrência. O que elas conteriam, entretanto, era a queda da qualidade de ensino pela preocupação com o lucro, uma vez que era livre concorrência passando para o domínio pedagógico⁸⁸³.

A pugna pela maior liberdade de ensino mais pareceu ser o anacronismo do momento em matéria pedagógica, pois não significa exatamente liberdade de pensamento ou de cátedra⁸⁸⁴.

A reforma do Colégio de Pedro II (decreto 6.884 de 20/04/1878) com o decreto 7.247/79 instituiu a

880. Cf. *Ibid.*, p. 267.

881. *Ibid.*, p. 269.

882. Cf. *Ibid.*, p. 270.

883. Cf. *Ibid.*, p. 277.

884. Cf. *Ibid.*, p. 287.

CONCLUSÃO

Se Spencer é tido em sua obra toda como adepto da lei férrea da natureza determinando a sobrevivência humana, sua obra pedagógica é uma síntese de todas as idéias liberais de educação que já estavam feitas ou se fazendo. É a recusa de uma educação clássica decorativa da nobreza para a educação que visa a auto-preservação através das ciências novas que surgem destacando a psicologia e a biologia como as fundamentais do processo e a ciência de forma geral como a maneira de acelerar a evolução.

Nesse caminho Silvio Romero adere plenamente a Spencer tentando aplicar no Brasil a instrução científica para libertar o povo, inserindo-o no processo evolutivo da Humanidade. Propõe as novas disciplinas nos currículos, destacando a filosofia como a síntese das ciências e não algo abstrato.

Enfim, no contexto do liberalismo a educação aparece como a panacéia, sendo que cada um é livre para emitir idéias e opiniões.

CONCLUSÃO GERAL

A opção pela temática do "darwinismo social", o estilo seguido com a documentação bibliográfica, a sua inserção na história, foi no sentido das implantações filosóficas que a expressão "sobrevivência dos mais aptos" proporcionou.

O levantamento dos dados teve o fim de ressaltar a intensidade com que o assunto foi tratado, como foi aceito e como pode ser questionado.

Algumas conclusões pessoais são necessárias diante de uma pesquisa com essa perspectiva. Aceitar ou recusar o que foi proposto traz conseqüências pedagógicas e políticas importantes.

Se houve forte rejeição do "darwinismo social" na teoria, difícil é ser contestada a prática das desigualdades sociais. O estudo de sua utilização é importante no sentido de serem evitados os males que acarretou no Ocidente. Não se quer negar aqui a existência de aptidões diferenciadas. O problema são os privilégios

advindos e a repressão a que todos tenham chances de desenvolver suas especiais habilidades. O liberalismo teórico diz-se defensor destas chances, mas, na prática não se dá o mesmo.

O projeto liberal tem avançado, mas termina ficando no plano das utopias, as quais são por demais importantes por apontarem em direção de uma realização na história. A própria democracia aparece como democracia relativa e possível. A realização na prática redundaria em superação das desigualdades. O lema "liberdade, igualdade e fraternidade" da Revolução Francesa não pode ser considerado apenas como ideal burguês, pois, haveria uma mudança qualitativa na história, por ser uma conquista real de todos.

O discurso do "darwinismo social" percebeu esse aspecto, por isso recusa o lema como subversivo. Aceita a liberdade, mas não a igualdade. A fraternidade surge sob o ângulo do altruísmo. O que é mais abjeto ao laissez-faire é justamente a igualdade, por prometer pôr fim à luta entre indivíduos, entre grupos ou classes.

Quando o mesmo discurso recusas a noção de classes sociais para aceitar a de indivíduos, apenas apontando para a valorização educativa do trabalho, sugere um tipo de unidade social, onde a luta é uma necessidade e a condição da civilização. O problema era perceber o ambiente

onde nasceu como único, não vendo outras formas de vida em comunidade, que, aliás, deveriam ser submetidas como menso aptas.

Outro aspecto é que o humano deve estar situado dentro de uma polissemia, não se reduzindo ao cientificismo, naturalismo ou biologismo, apesar de levar em conta o papel da ciência e da natureza. O homem cria valores, não é determinado apenas pela condição externas ou por seus a priori que precedem o advento da razão.

No Brasil houve a aplicação de um modelo econômico quando se julgou a educação como investimento, sugerindo que as desigualdades pudessem ter diminuídas, o que não ocorreu. O fato é que as desigualdades existem nas sociedades industriais em geral. As desigualdades escolares acabam sendo resultados das desigualdades sociais, e o que tem sido visto nas últimas décadas foi o aumento de ambas.

À questão do naturalismo e da teoria evolucionária têm hoje uma efervescência generalizadas. A própria sociobiologia organiza debates, têm muitas obras publicadas, e muito tem organizado debates, têm muitas obras publicadas, e muito tem contribuído para o desenvolvimento do assunto. Recusa-se a ser denominado como ideologia, entretanto, a sua consideração de que o capitalismo é bom e, por consequência, deve contribuir para a educação liberal a faz comprometida com "statu quo".

As poucas palavras finais dedicadas ao homem nas 575 páginas de Eduard O. Wilson, "*Sociobiologia: a nova síntese*", deram o que pensar, pela maior consideração que os animais recebem. Os leitores ficaram atônitos e interpretam o humano como mera extensão do biológico conforme sugere sua obra.

Debates recentes, porém, como se vê em Congressos, como o de Cerisy na França, sobre a questão da organização ultrapassam essa redução da vida humana ao que se denomina "darwinismo social".

Haveriam dados que levassem a esta redução mecânica? Pergunto se não é uma reação sofisticada com dados recentíssimos da pesquisa científica à problemática do século passado. Não há como negar a luta pela sobrevivência. Há condições sociais em que esse aspecto aparece mais acirrado: nas lutas pelas conquistas de mercado, na concorrência, no marketing, na disputa por um lugar no trânsito, na agressividade, na disputa pelas terras, nas guerras dos últimos anos, no problema pela independência que ocorre no leste europeu. Até nas idéias vê-se que quem não as coloca em prática rapidamente acaba perdendo sua vez pelos mais rápidos, pelos que articulam melhor as palavras, pelos mais espertos e oportunistas, mas nem sempre os mais competentes. A dinâmica do capitalismo não é um mero acaso. Aliás, nele vivemos e é a condição de vida que pertencemos. Mas vejo de uma outra maneira que não há uma única proposta

de ordem social, pois o homem pode direcionar a ordem biológica, nem indo na direção de um humanismo puramente metafísico, nem em biologismo, mas colocando estas duas formas dentro de uma vida social mais englobante. Há sempre uma palavra a mais ser dita a respeito de qualquer assunto num fazer de sentido continuamente, dada a possibilidade de escolher outros fins.

Cito o exemplo da atual conjuntura mundial, nas discussões que se travam entre as duas tendências mais amplas de política do que seja o melhor: capitalismo ou socialismo. A crise tem um significado de perigo de caminhar para o caos ou para constituir a ordem. A ameaça do caos leva à reorganização desta ordem, pela capacidade de criar.

Enfim, vejo minha exposição como teórica no sentido de não fugir aos textos para tentar mostrá-los como uma concepção de mundo de uma época de mudanças e que fizeram parte de um capítulo da história brasileira. Tais textos foram manuseados ao longo dos anos e vi que não se pode concluir o pensamento pedagógico sem referência o que dialeticamente se relaciona à vida social, pois obras teóricas como elas se podem articular entre a prática e a teoria pedagógicas.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1981, 200 pp.
- BARREIRA, Dolor. Clovis Beviláqua e outros trabalhos. Imprensa Universitária do Ceará. 1956, 236 pp.
- BARRETO, Tobias. A questão do poder moderador e outros ensaios brasileiros. Petrópolis, Vozes - INL - MEC, 1977, 356 pp.
- BARRETO, Tobias. Discursos. Edição do Estado de Sergipe. 1926, 224 pp.
- BARRETO, Tobias. Estudos de Filosofia. Tomo I. Rio de Janeiro, INL - MEC, 1966, 244 pp.
- BARRETO, Tobias. Estudos de Filosofia. Tomo II. Rio de Janeiro, INL - MEC, 1966, 208 pp.
- BARRETO, Tobias. Menores e loucos e fundamento do direito de punir. Edição do Estado de Sergipe, 1926, 110 pp.
- BARRETO, Tobias. Questões vigentes. v. IX. Edição do Estado de Sergipe, 1926, 328 pp.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. A Ilustração brasileira e
idéia de universidade. São Paulo, Convívio – EDUSP, 1986,
442 pp.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. Introdução à filosofia
liberal. São Paulo, EDUSP – Grijalbo, 1971, 400 pp.

BEVILÁCQUA, Clóvis. Épocas e individualidades: estudos
literários, 2ª ed., Rio de Janeiro – Paris, H. Garnier,
236 pp.

BEVILÁCQUA, Clóvis. Obra filosófica. I. Filosofia Geral. São
Paulo, EDUSP – Grijalbo, 1975, 150 pp.

BEVILÁCQUA, Clóvis. Obra filosófica. II. Filosofia Social e
Jurídica. São Paulo, EDUSP – Grijalbo, 1975, 264 pp.

BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia. 2ª ed. Trad. Marco
Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986,
176 pp.

BUFFON. As épocas da natureza. Trad. João Antonio dos
Santos, Lisboa, Impresa de Candido Antonio da Silva
Carvalho, 1837, 170 pp.

BUFFON. Oeuvres Completes. T. I. Paris, Garnier, MDCCCCLIII,
690 pp.

CÂNDIDO, Antônio. O método crítico de Sílvio Romero. São
Paulo, EDUSP-Grijalbo, 144 pp.

CARDOSO, Vicente Lcínio. O ensino que nos convém. Rio de Janeiro, Edição do Annuário do Brasil, 1926, 432 pp.

CARNEIRO LEÃO, A. Clóvis Bevilácqua: "O homem de letras, o filósofo, o sociólogo, o jurista". Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1964, 196 pp.

CHACON, Vamireh. História das idéias sociológicas no Brasil. São Paulo, EDUSP-Gijalbo, 1977, 144 pp.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1970, 128 pp.

CHIDE, A. Le mobilisme moderne. Paris, Félix Alcan, 1908, 294 pp.

COLLICHIO, Terezinha Alves Ferreira. Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia-EDUSP, 1988, 176 pp.

COLLINGWOOD, R. G. Idea de la naturaleza. Trad. Eugenio Tomaz. Mexico-Bueno Aires, CFE, 1950, 212 pp.

COOK, Fred. J. O estado militarista, 5ª ed. Trad. Fernando Castro Ferro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, 648 pp.

CORDEIRO, Caldas. Sumário da filosofia evolucionista de Herbert Spencer. Lisboa, Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1897, 288 pp.

COSTA, Emília Viotti. Da monarquia à república: momentos decisivos. 2ª ed., São Paulo, Ciências Humanas, 1979, 328 pp.

CRUZ COSTA, João. Contribuição à história das idéias no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967 460 pp.

CRUZ COSTA, João. Panorama da História da filosofia em São Paulo, Cultrix, MCMLX, 136 pp.

CUNNINGHAM, Willian F. Introdução à educação. Porto Alegre, Globo-MEC, 1975. 510 pp.

DARWIN, Charles. Charles Dawin's autobiography. New York, Henry Schuman, 1950, 268 pp.

DARWIN, Charles. La descendance de l'homme et la sélection sexuelle. Trad. E. Barbier. Paris, Rreinwald, s/d, 660 pp.

DARWIN, Charles. La expresión de las emociones en el hombre y en los animales. Trad. Eusebio Heras. T. I, Valencia, F. Sempere y Cia., s/d, 240 pp.

DARWIN, Charles. Les pages immortelles de Darwin. (Choisies et expliqués par Julian Huxley). Trad. M. Buch. Paris, Editions Corrêa, s/d. 236 pp.

DARWIN, Charles. Origem das espécies. Trad. Eduardo Fonseca. São Paulo, Hemus, s/d, 472 pp.

- DARWIN, Charles. Origem das espécies. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte, Itatiaia-EDUSP, 1985. 370 pp.
- DARWIN, Charles. The foundations of the origin of species: two essays written in 1842 an 1844. Cambridge University Press, 1909. 264 pp.
- DARWIN, Francis. "La religón de Carlos Darwin", pp. 165-183. In: Autobiografia de Darwin. Buenos Aires, Novas, 1945, 189 pp.
- DELAGGE, Y. & GOLDSMITH, M. As teorias da evolução. Trad. Armando Cortesão. Paris-Lisboa. J. Aillaud e Bertrand Rio de Janeiro, Francisco Alves, s/d., 408 pp.
- DOBB, Maurice. A evolução do capitalismo. Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro, Zahar, 1973, 484 pp.
- DORST, Jean. A força do ser vivo. São Paulo, Melhoramentos-EDUSP, 1981, 176 pp.
- EDWARDS, K. J. R. A evolução na biologia moderna. Trad. Leônidas Hegenberg. São Paulo, EPU-EDUSP, 1980, 74 pp.
- ENGELS, Friedrich. Anti-During. 2ed. Rio de Janeiro, Paz Terra, 1979, 236 pp.
- ENGELS, Friedrich. Dialectique de la nature. Trad. E. Bottigelli. Paris, Ed.sociales,(1968), 368 pp.

- FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, 418 pp.
- FREIRE-MAIA, Newton. Criação e evolução: Deus, o acaso e a necessidade. Petrópolis, Vozes, 1986, 360 pp.
- FREIRE-MAIA, Newton. Teoria da evolução: de Darwin à teoria sintética. Belo Horizonte, Itálica-EDUSP, 416 pp.
- GAUPP, Otto. Erberto Spencer. 3ª ed. Trad. Giulio Tagliani. Milano-Nápoli, Remo Sandron, s/d., 228 pp.
- GEORGE, Wilma. As idéias de Darwin. Trad. Sonia Régis. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1985, 176 pp.
- GOULD, Stephen Jay. Darwin e os grandes enigmas de vida. Trad. Maria Elizabeth Martinez. São Paulo, Martins Fontes, 1987, 276 pp.
- GRAHAN, Richard. Gra-Bretanha e o início da modernização no Brasil. Trad. Roberto Machado de Almeida. São Paulo, Brasiliense, 1973, 382 pp.
- GRAMSCI, Antônio. Concepção dialética da história. 2ª ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 342 pp.
- GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, 248 pp.

Guimarães, Arthur. Problemas Brasileiros. Lisboa, Tipografia da "A Editora Limitada", 1912. pp. 213-424. In: Sílvio Romero, Estudos sociais. 2ª ed. Lisboa, Tipografia da "A Editora" ltda., 1912. 424 pp.

GUMLOWICZ, Luis. La lucha de razas. Madrid, La España Moderna, s/d, 400 pp.

GUNDER FRANK, Andre. Acumulação mundial: 1492-1789. Trad. Helio Pólvora e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Zahar, 1977, 280 pp.

GURVITCH, Gerges. Tres capítulos de história da sociologia. Trad. Horacio Crespo. Buenos Aires, Galatea - Nueva Vision, 1959, 160 pp.

HAECKEL, Ernest. O monismo: laço entre religião e ciência (Profissão de fé de um naturalista). 3ª ed. Trad. Fonseca Cardoso. Porto, Lello & Irmão, 1947, 120 pp.

HARTMANN, Edouard de. Le darwinisme. 8ed. Félix Alcan, 1905, 176 pp.

HEACKEL, Ernest. Os enigmas do universo. Trad. de Jayme Filinto. Porto, Chardon, 1908. 468.

HEACKEL. Ernest. A origem do homem. São Paulo, Global, 1982. 80 pp.

HEGEL, G. W. F. Préface a la phénomélogie de l'esprit. Trad. Jean Hyppolite. Paris, Aubier-Montaigne, 1966, 224 pp.

HILL, Cristopher. A revolução inglesa de 1640. Trad. Wanda Ramos. Lisboa, Presença, 1981, 114 pp.

HOBBS, Thomas. Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico civil. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São paulo. Abril, 1979. 422 pp.

HOBBS, Eric J. A era das revoluções: 1789-1848. Trad. Maria Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 368 pp.

HOBBS, Eric J. História do marxismo. 2ª ed. v. 2. O marxismo na época da Segunda Internacional. Trad. Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 340 pp.

HOLLYDAY, Robin. A ciência do progresso humano. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte, Itatiaia-EDUSP, 1983, 144 pp.

HUXLEY, Julian. "Race" in Europe. Oxford, At the Clarendon Press, 1939, 33 pp.

HUXLEY, Julian. & HARDY, A.C. & FORD, E.B. Evolution as a process. London, George Allen & Unwin ltd., Ruskin House Museum Street, 1954, 370 pp.

HUXLEY, Julian. Ensaio de um humanista. Rio de Janeiro, Labor do Brasil S.A., 1977, 324 pp.

HUXLEY, Julian. Ensayos de un biólogo. Trad. Laeón Dujov
Buenos Aires, Sudamerica, 1939, 336 pp.

HUXLEY, Julian. Evolution in action. New York, Hasper &
Brothers, 1953, 182 pp.

HUXLEY, Julian. Evolution: the moderns synthesis. London,
George Allen & Uniwin ltd., 1943, 641 pp.

HUXLEY, Julian. From an antique land. New York, Crown
publishers inc., 1954, 314 pp.

HUXLEY, Julian. Heredity: East and West. New York, Henry
Schuman, 1949, 248 pp.

HUXLEY, Julian. Man in the moders wolrd. London, Chatto &
Windus, 1947, 284 pp.

HUXLEY, Julian. New bottles for new wins. London, Chateeo &
1957, 322 pp.

HUXLEY, Julian. Nous europeens-We europeans. Trad. Jules
Cartier. Paris, Minuit, MCMLXVII, 336 pp.

HUXLEY, Julian. On living in a revolution. New York-London,
Harper & Brothers Publishers, 1944, 243 pp.

HUXLEY, Julian; HADDON, A.C. Los problemas raciales. Trad.
Victor Aizábal. Buenos Aires, E. Sudamericana, 268 pp.

HUXLEY, Thomas Henry and HUXLEY, Julian. Evolution and ethics: 1893-1943. London, The pilot press ltd., 1947, 238 pp.

HUXLEY, Thomas Henry. Discourses biological and geological. In: Essais VIII. New York, D. Appleton and Company, 1894, 388 pp.

HUXLEY, Thomas Henry. Evidence as to man's in nature. New York, The Humboldt Publishing Co., 254 pp. 1890.

HUXLEY, Thomas Henry. Man's place in nature and other an tropological essays New York, D. Appleton an Company 1894, 338 pp.

HUXLEY, Thomas Henry. Science and other essays. London, Macmillan and co., 1882, 350 pp.

IHERING, Rudolf von. A luta pelo direito .São Paulo, Academica, 1988, 80 pp.

JACQUARD, Albert. Elogio da diferença. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1988, 166 pp.

LABIENO. Vindenciae. O Sr. Sylvio Romero Crítico e filósofo. Rio de Janeiro-São Paulo. Livraria de Jacinto Ribeiro dos Santos, 1898, 256 pp.

LADOUS, Régis. Darwin, Marx, Engels, Lissenko et les autres. Paris, J. Vrin, 1984, 152 pp.

- LAMARCK, J.B. Oeuvres choisies. Préface de Félix Le Dantec.
Paris, Flammarion, s/d. 340 pp.
- LAMONT, Corliss. The philosophy of humanism. New York,
Philosophical Library, 1957, 246 pp.
- LANESSAN, J.L. Transformisme et créacionisme: contribution
à l'histoire du transformisme depuis l'antiquité jusqu'à
nos jours. Paris, Félix Alcan, 1914, 352 pp.
- LASKI, Harold J. O liberalismo europeu. Trad. Álvaro Cabral
São Paulo, Mestre Jou, 1973, 198 pp.
- LEAF, Murray. Uma história da antropologia. Rio de Janeiro,
Zahar-EDUSP, 1981, 382 pp.
- LENESSAN, J.L. Le transformisme: evolution de la matière et
des êtres vivants. Paris, Oetive Doin, 1883, 596 pp.
- LIMA, Hermes. Tobias Barreto (a época e o homem). 2^a ed.
São Paulo, Nacional, 1957, 358 pp.
- LUKACS, Geörgy. História e consciência de classe. Trad. Telma
Costa. Porto, Escorpião, 1974, 382 pp.
- LURIA, S. E. Vida: experiência inacabada. Belo Horizonte,
Trad. Ana Mazur Spira. Itatiaia-EDUSP, 1979, 160 pp.
- LYELL, Charles. Eléments de Géologie. Trad. M.J. Ginestou
6ed. Paris, arnier, 2 v.

- LYRA, R. A obra de Sílvio Romero em criminologia e direito.
Rio de Janeiro, Ed. Nacional de Direito, 1951, 158 pp.
- MACHADO Neto, A. L. História das idéias jurídicas no Brasil.
São Paulo, Grijalbo-EDUSP, 1969, 238 pp.
- MACIEL, Marco. Educação e liberalismo. Rio de Janeiro, José
Olimpio, 1987, 252 pp.
- MARCADANTE, Paulo & PAIM, Antônio. Tobias Barreto na cultura
brasileira: uma reavaliação. São Paulo, EDUSP-Grijalbo,
1972, 204 pp.
- MARX, Karl & ENGLELS, Friedrich. Textos. 3 v. São Paulo, Ed.
Sociais, 1977, 1979.
- MARX, Karl. O Capital. 6ed. Trad. Reginaldo di Pierro. Rio
de Janeiro, Civ. Bras. , 1980, 6 v.
- MATHUS, Thomas R. Ensayo sobre el principio de la población.
Trad. Teodoro Ortiz. Mexico-Buenos Aires, Fondo de
Cultura Económica, 1951. 626 pp.
- MENDONÇA, Carlos Sussekind. Sílvio Romero: sua formação
intectual: 1851-1880. São Paulo-Rio de Janeiro-Porto
Alegre, Nacional, 1938, 344 pp.
- MENEZES, Raimundo de & AZEVEDO, Manoel Ubaldino. Clóvis
Bevilacqua. São Paulo, Martins Fontes, s/d., 352 pp.

- MISES, Ludwig von. Liberalismo (segundo a tradição clássica). Trad. Haydn Coutinho Pimenta. Rio de Janeiro, José Olympio - T. Liberal, 1987, 202 pp.
- MORAES FILHO, Evaristo de. Medo à utopia. Nova Fronteira - Pró-memória - INL, 1985, 288 pp.
- NIELSEN NETO, Henrique. Filosofia da educação. São Paulo, Melhoramentos, 1988, 366 pp.
- NISBET, Robert. História da idéia de progresso. Trad. Leopoldo J. Collor Jobim. Brasília, INL-UNB, 1985, 364 pp.
- NOGUEIRA, Alcântara. O pensamento de Clóvis Beviláqua. Rio de Janeiro, DASP - Serviço de Documentação, 1959, 224 pp.
- NOVICOW, J. La critique du darwinisme social. Paris, Félix Alcan, 1910, 408 pp.
- OLIVEIRA, João Gualberto de. Clóvis centenário. Instituto histórico e geográfico - Instituto de Adv. de São Paulo, 1961, 288 pp.
- ORLANDO, Artur. Ensaio de crítica. São Paulo, EDUSP-Grijalbo, 1975, 292 pp.
- PAIM, Antônio. História das idéias filosóficas no Brasil. 2ª ed. São Paulo, EDUSP-Grijalbo, 1974, 432 pp.

- PAIM, Antônio. O estudo do pensamento filosófico brasileiro. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1979, 160 pp.
- PERLO, Victor. Militarismo e indústria. Rio de Janeiro. Trad. Eurico Remer e Maura R. Sardinha. Paz e Terra, 1969, 240 pp.
- PRENANT, Marcel. Darwin. Trad. Heitor Ferreira Lima. São Paulo, Edições Cultura, 1944, 200 pp.
- PRENANT, Marcel. Raza y racismo. Trad. Manuel Martinez Baez. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1939, 176 pp.
- RABELLO, Sílvio. Itinerário de Sílvio Romero. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, 244 pp.
- RAEDERS, Georges. O conde de Gobineau no Brasil: documentação inédita. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia-Conselho Estadual de Cultura, 1976, 216 pp.
- REIS FILHO, Casemiro dos. A educação e a ilusão liberal. São Paulo, Cortez Editora-Autores Associados, 1981, 220 pp.
- RIBEIRO, Darcy. O progresso civilizatório. Petrópolis, Vozes, 1983, 258 pp.
- RIBEIRO, Júlio, A carne. São Paulo, Ed. Três, 1972, 236 pp.
- RODRIGUES, José Carlos. Idéias filosóficas e políticas em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte, 1986, 184 pp.

ROMERO, Lauro. Clóvis Bevilácqua. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956, 372 pp.

ROMERO, Sílvio. A imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil. Capital Federal, Imprensa da Casa da Moeda, 1901, 10 pp.

ROMERO, Sílvio. Cantos do fim do século. Rio de Janeiro, Tip. Fluminense, 1878, 254 pp.

ROMERO, Sílvio. Da crítica e sua exata definição. 2ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909, 128 pp.

ROMERO, Sílvio. Discurso (Pronunciado aos 18.12.1906, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha. Porto, Oficinas do Comércio do Porto, 1907, 54 p.

ROMERO, Sílvio. Discursos. Chardron, 1904, 320 pp.

ROMERO, Sílvio. Ensaaios de sociologia e literatura. Rio de Janeiro, 1901, 298 pp.

ROMERO, Sílvio. Estudos de literatura contemporânea: páginas de crítica. Rio de Janeiro, Tipografia Universal de Laemmert, 185, 292 pp.

ROMERO, Sílvio. Estudos sociais - O Brasil na primeira década do século XX. Problemas brasileiros. 2ª ed. Lisboa, Tipografia da "A Editora" Ltda, 1912, 424 pp.

- ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 7ª ed.
Rio de Janeiro, José Olympio-INL, 1980. 5 v.
- ROMERO, Sílvio. Minhas contradições. Bahia, Livraria
Catilina de Romualdo Santos, Livreiro Editor, 1914,
320 pp.
- ROMERO, Sílvio. Novos estudos de literatura contemporânea.
Rio de Janeiro-Paris, H. Garnier, s/d. 306 pp.
- ROMERO, Sílvio. O duque de Caxias e integridade do Brasil.
Rio de Janeiro-São Paulo, Laemmert e c., 1903, 96 pp.
- ROMERO, Sílvio. O naturalismo em literatura. São Paulo, Tip.
da Província, 1882, 50 pp.
- ROMERO, Sílvio. Obra Filosófica. Rio de Janeiro, José
Olympio-EDUSP, 1969, 716 pp.
- ROMERO, Sílvio. Outros estudos de literatura contemporânea.
Lisboa, Tip. da "A Editora", 1905, 238 pp.
- ROMERO, Sílvio. Provocações e debates. Porto, Chardron,
1910.
- ROMERO, Sílvio. Quadro sintético da evolução dos gêneros da
literatura brasileira. Porto, Chardron, 1911, 82 pp.
- ROMERO, Sílvio. Zéverissimações ineptas da crítica (repulsas
e desabafos). Porto, Oficinas do "Comércio do Porto"
1909, 84 pp.

ROMERO. Sílvio. Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária. Seleção e apresentação de Antônio Cândido. São Paulo, LTC-EDUSP, 1978, 234 pp.

RUMNEY. J. Spencer. Trad. Tomás Muñoz Molina. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1944, 328 pp.

SALVADORI, Guglielmo. Herbert Spencer e l'opera sua. Firenzes, Francesco Lumachi Editora, 1900, 168 pp.

SETÚBAL, Olavo. Ação política e discurso liberal. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, 340 pp.

SEVERINO, Emanuele. A filosofia contemporânea. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa, Edições 70, 1987. 274 pp.

SIMPSON, George Gaylord. "The meaning of Darwin". pp. 1-11.
In: Charles Darwin's Autobiography. New York, Henry Schuman, 1950, 268 pp.

SODRÉ, Nelson WERNECK. A ideologia do colonialismo. Rio de Janeiro, MEC-ISEB, 1961, 276 pp.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da burguesia brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, 408 pp.

SODRÉ, Nelson Werneck. O naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, 248 pp.

SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de história da cultura brasileira. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, 138 pp.

SORMAN, Guy. A solução liberal. Trad. Célia Neves Dourado. Rio de Janeiro, José Olympio - Instituto Liberal, 1986, 200 pp.

SOUZA, Galvão de. História do Direito Político Brasileiro. 2ªed. São Paulo, Saraiva, 1962, 130 pp.

SPENCER, Herbert. Classificação das ciências. Trad. M. M. C. da Rocha. Laemmert e C., 1889, 120 pp.

SPENCER, Herbert. De las leyes en general. Trad. Miguel de Unamuno. Madrid, La España Moderna, s/d., 388 pp.

SPENCER, Herbert. Education: Intellectual, moral and physical, 5ª impressão. London, Watts & co., 1945, 184 pp.

SPENCER, Herbert. Essais de morale, de science et d'esthétique. Trad. M. A. Burdeau. Paris, Librairie Germer. Bailliére et Cie., 1879, 416 pp.

SPENCER, Herbert. Essays de morale, de science et d'esthétique. Trad. M. A. Burdeau. Paris, Librairie Germer Bailliére et Cie., 1879. 416 pp.

SPENCER, Herbert. Essays scientifiques. Trad. M. A. Burdeau. Paris, Germer Bailliére et Cie., 1879, 418 pp.

SPENCER, Herbert. Essays: scientific, political & speculative. London-Edinburgh, Willians and Norgate, 3v.

SPENCER, Herbert. Faits et commentaires. 2^a ed. Trad. Auguste Dietrich. Paris, Hachette, 1904, 352 pp.

SPENCER, Herbert. First principles. 6^a ed. Willians & Norgate. London-Edinburg, 1900, 550 pp.

SPENCER, Herbert. Institutiones políticas. Madrid, La España Moderna, 2v.

SPENCER, Herbert. Institutiones sociales. Madrid, La España Moderna, 328 pp (s/d.).

SPENCER, Herbert. L'evoluzione del pensiero. Trad. Guglielm Salvadori. Milano-Torino-Roma. Fratelli Bocca Editori, 1909, 328 pp.

SPENCER, Herbert. Las instituciones eclesiasticas. Madrid, La España Moderna, s/d., 302 pp.

SPENCER, Herbert. Les bases de la moral évolutioniste. Paris, Librairie Germer Baillière et Cie., 1880, 248 pp.

SPENCER, Herbert. Les institutions professionnelles & industrielles. Trad. Henry de Varigny. Paris, Guillaumin et Cie. Editeurs, 1898, 528 pp.

SPENCER, Herbert. Principes de biologie. 6^a ed. Trad. M. E. Cazelles. Paris, Félix Alcan, 1910, 2V.

SPENCER, Herbert. Principes de psychologie. Trad. Th. Ribot e A. Aspinas. Paris, Félix Alcan, 1906, 2v.

SPENCER, Herbert. Principes de sociologie. Trad. M. E. Cazelles. T. III. Paris. Germer Ballière et Cie. 1883, 884 pp.

SPENCER, Herbert. Principes de sociologie. Trad. M. E. Cazelles. T. IV. Paris, Félix Alcan, 1887, 218 pp.

SPENCER, Herbert. Problèmes de morale et de sociologie. Trad. M. Henry de Varigny. Paris, Félix Alcan, 1906, 367 pp.

SPENCER, Herbert. Spencer's essays (A selection). London, Watts e co. 1907, 128 pp.

SPENCER, Herbert. Une autobiographie. Trad. e adaptation par Henry de Varigny. Paris, Félix Alcan, 1907, 550 pp.

STOPPOLONI, Aurelio. Herbert Spencer. Roma, Rivista "I Diritti della scuola", 1908, 186 pp.

STUART MILL, John. Auguste Comte and positivism. 3^a ed. The University of Michigan Press, 1968, 202 pp.

TIMASHEFF, Nicolas S. Teoria sociológica. 4^a ed. Trad. Antônio Bulhões. Rio, Zahar, 1973, 420 pp.

UTZ, Arhur. Entre o neoliberalismo e o neomarxismo: uma filosofia de caminhos alternativos. São Paulo, EPU-EDUSP, 1981, 158 pp.

VIEIRA, Celso. Tobias Barreto. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras. 1939, 84 pp.

VITA, Luís Washington. Tríptico de idéias. São Paulo, Grijalbo, 1967, 184 pp.

WALLACE, Alfred Russel. The world of life: a Manifestations of creative power, directive mind and ultimate purpose. London, Chapman and Hall, 1911, 408 pp.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1967, 240 pp.

WOWARD, Jonathan. Darwin. Trad. Maria Sobral. Lisboa, Dom Quixote, 1982, 176 pp.